

MÔNICA XAVIER DE MEDEIROS

**“Bom mesmo é ser metalúrgico”: Vivências de
Trabalhadores metalúrgicos na cidade de São
José dos Campos – SP.**

Dissertação de Mestrado
apresentada à banca Examinadora
da Universidade Federal de
Uberlândia/UFU, como exigência
para obtenção do título de Mestre
em História Social sob a
orientação do Professor Dr. Paulo
Roberto de Almeida.

**Universidade Federal de Uberlândia - Minas Gerais
Mestrado em História
2006**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de
Catalogação e Classificação / mg / 07/05

M488m Medeiros, Mônica Xavier de.
“Bom mesmo é ser metalúrgico” : vivências de
trabalhado-res metalúrgicos na cidade de São José dos
Campos - SP / Mônica Xavier de Medeiros. - Uberlândia,
2006.
120f. : il.
Orientador: Paulo Roberto de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uber-
lândia, Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.
1. História social - Teses. 2. Metalúrgicos - São José dos
Campos (SP) - Teses. 3. Trabalhadores - São José dos Cam-
pos (SP) - Teses. I. Almeida, Paulo Roberto de. II. Universi-
dade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação
em História. III. Título.

CDU:

930.2:316

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida (orientador).

Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi.

Prof. Dr. Antônio Almeida.

À minha mãe, Silma, pelo apoio e amor em todos os momentos.

Agradecimentos

Ao Prof. Paulo de Almeida pelas contribuições.

Às Professoras Heloísa e Célia.

Ao meu amigo Fernando pela força.

Ao Carlinhos, meu amor, pela paciência.

Ao meu irmão Leandro.

Aos companheiros do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos por todo apoio e incentivo.

Aos companheiros que concederam as entrevistas.

A Cris e Cláudio, pelo “abrigo” em São José dos Campos;

À Liga dos Bebês revolucionários: Leon, Pedrinho, Kalil, Olga, Pedro, Ruan, Gabriel, Maria Elisa, Areta, Clarinha e, agora, ao meu Gabriel.

“Não cante vitória muito cedo, não.
Nem leve flores para a cova do inimigo
Que as lágrimas dos jovens são fortes como um segredo
Podem fazer renascer um mal antigo”
(Belchior)

Resumo

Esta dissertação pretende analisar como trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos vivenciaram e, através de suas experiências, interpretaram as transformações que ocorreram tanto na cidade (com o processo de urbanização) como no trabalho (com o processo de industrialização e reestruturação da produção) a partir da década de 70 até os dias de hoje.

Dialogando com as narrativas orais de trabalhadores metalúrgicos que viveram e vivem este processo, percebemos como estes significam as mudanças que ocorreram nos seus modos de vida e trabalho na cidade. Esta dissertação também analisa fontes escritas como jornais da imprensa local de São José dos Campos e o jornal editado pelo sindicato da categoria, “O Metalúrgico”, principalmente a coluna “Dito Bronca”, que é um espaço para o qual o trabalhador envia reclamações e denúncias do seu dia-a-dia. Embora a maioria das reclamações seja sobre o que ocorre no processo de trabalho dentro das fábricas, como denúncias sobre os chefes de seção, há evidências que nos trazem a dimensão do viver destes metalúrgicos fora do local de trabalho como a dificuldade de trabalhar longe do local de moradia e as disputas destes trabalhadores pelo lazer.

Procurei abordar as ações destes trabalhadores tanto no espaço fabril, de trabalho, como no seu local de moradia, nos bairros. Isto implica a análise do viver destes metalúrgicos, onde não apenas as ações tais como greves e manifestações são evidenciadas, mas também as lutas por melhorias no bairro, o lazer, as expectativas de vida, o ritmo de trabalho, a alimentação, dentre outras.

Esta dissertação organiza-se em três capítulos que tratam basicamente:

O primeiro capítulo acompanha as trajetórias de vida e trabalho destes metalúrgicos articulando-as ao processo de urbanização da cidade de São José dos Campos;

O segundo capítulo analisa as transformações do processo de trabalho nas fábricas referenciadas nas experiências destes trabalhadores.

O terceiro capítulo aborda os significados das lutas e da organização de metalúrgicos nestes tempos de profundas mudanças na cidade.

Abstract

This dissertation aims at analysing how metallurgy workers in São José dos Campos perceived and, through their experiences, interpreted changes happening in the city (along with urbanization process) as well as in their work (along with industrialization and production restructure process) from the seventies until today.

By connecting to oral narratives of metallurgy workers who lived and live this process, we understand how they interpret changes to their way of life and work in the city. This dissertation also analyses written sources like São José dos Campos' local press news and metallurgy syndicate's newspaper, "O Metalúrgico", mainly in the "Dito Bronca" section, a space where workers send their complaints and denunciation about daily life facts. Although most of their complaints are about what goes inside the workplace in the industry, denunciation about their immediate chiefs, there is evidence about the living dimension of these metallurgy workers out of their workplace as the problem of working far from home and the worker's disputes for leisure.

I looked forward to facing these workers' actions in the working place, as well as their home place, in the suburbs. This leads to the analysis of their living habits, of which not only strikes and manifestations are evident, but also their fight for improvements in the quarter, leisure, expectations, rhythm of work, feeding, among others.

This dissertation is organized in three chapters:

Chapter I: Follows the life and work paths of these metallurgy workers connecting them to the urbanization process of their city, São José dos Campos;

Chapter II: Analyses the transformation process of the work in the industry, referenced by the experiences of these workers.

Chapter III: Deals with their significant fight and organization in times of deep changes in the city.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais.....	1
Capítulo 1	
Fábricas e Cidade: Experiências e Disputas.....	16
Capítulo 2	
Reestruturação Produtiva e mudanças nas relações de trabalho: a Experiência de metalúrgicos.....	40
Capítulo 3	
“Entre Companheiros”: Lutas e organização de metalúrgicos em São José dos Campos.....	70
Considerações Finais.....	110
Relação de Fontes.....	115
Anexo: Mapa de São José dos Campos.....	119
Bibliografia.....	120

Considerações Iniciais

O objetivo desta dissertação é analisar como trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos vivenciaram e, através de suas experiências, interpretaram as transformações que ocorreram tanto na cidade como no seu processo de trabalho a partir da década de 70 até do dias de hoje.

Dialogando com trabalhadores metalúrgicos, procurei analisar como estes expressam e significam estes tempos de profundas transformações em seus modos de vida e trabalho.

Procurei abordar as ações destes trabalhadores tanto no espaço fabril, de trabalho, como no seu local de moradia, nos bairros. Acredito que seria difícil proceder a uma análise onde estes locais de vivências de metalúrgicos não estivessem imbricados, pois assim estes se constituem no viver de trabalhadores. Neste sentido, não apenas ações tais como greves e manifestações serão analisadas, mas também as lutas por melhorias no bairro, o lazer, as expectativas de vida, o ritmo de trabalho, a relação com os companheiros da fábrica e com a chefia, a alimentação, dentre outras.

Ir para o bairro, trabalhar na pesquisa com outros espaços de vivências de metalúrgicos significa ver o trabalhador para além de seu engajamento sindical e político. A luta de classes não se realiza apenas no espaço de trabalho. Quando metalúrgicos organizam-se para reivindicar postos de saúde, linhas de ônibus para os bairros, ou mesmo quando participam de um mutirão para construir postos de polícia, realizam estas ações porque são trabalhadores/moradores que compartilham experiências para além dos portões das fábricas. Quero analisar metalúrgicos inseridos não apenas nas suas relações de trabalho, mas valorizar suas vivências (seja no bairro, com a família, com amigos nas festas da cidade, expectativas, hábitos...).

São José dos Campos é um importante pólo industrial do Estado de São Paulo, não só metalúrgico, como também no setor da indústria química e petrolífera. Localiza-se num ponto estratégico, na região do Vale do Paraíba, entre os dois maiores pólos industriais do país: Rio de Janeiro e São Paulo. São José conta com a Via Dutra e a R.F.F.S.A (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima), muito importantes para o transporte de matéria-prima e escoamento das mercadorias produzidas pelas indústrias da região.

A partir da década de 50, houve um processo de industrialização muito forte na região do Vale do Paraíba. Em São José dos Campos foram aprovadas várias leis que concediam isenções fiscais, doação de terrenos e outras vantagens para as indústrias que lá se instalassem. Esse projeto político-econômico combinou investimento estatal em infraestrutura e abertura ao capital internacional. Desta forma, o processo de industrialização do Vale do Paraíba e, especialmente, na cidade de São José dos Campos acelerou-se com a construção da Via Dutra em 1951. Grandes empresas transnacionais implantaram-se na região. Esse processo intensificou-se nas décadas de 60 e 70, o que constituiu um fator de atração de trabalhadores pelo número de empregos. São José dos Campos passou, então, por grandes mudanças. O projeto da elite nesta cidade, que exaltava seus valores naturais como o ar puro, o clima temperado¹ e a valorização da cultura caipira, mudou no sentido de ressaltar o discurso do progresso e da modernização. Em São José houve, então, um grande crescimento urbano acompanhado de uma forte migração de trabalhadores.

Com a industrialização e a forte migração para a cidade, houve um processo de crescimento urbano intenso. Novos bairros surgem e com isso, novas demandas por infraestrutura, transporte, saúde e educação. As fábricas e os novos bairros vão instalar-se, principalmente, ao longo da Via Dutra. Assim, as relações vividas em São José por seus moradores não vão mais se dar apenas no centro ou no bairro de Santana (bairro mais antigo da cidade). As pensões, que antes serviam para abrigar turistas ou as famílias daqueles que se tratavam na cidade de doenças pulmonares (a cidade tinha inúmeros sanatórios para pessoas com tuberculose) vão abrigar, agora, principalmente os trabalhadores migrantes.

A expectativa que estes trabalhadores tinham em relação à São José dos Campos era principalmente em torno do emprego na área de metalurgia. É importante observar que no sul de Minas Gerais (região de onde vêm muitos desses migrantes) há cidades com fábricas metalúrgicas (principalmente para a construção de armas e tanques de guerra). Assim, alguns destes trabalhadores já tinham contato com o setor metalúrgico ou por terem trabalhado nas fábricas em Minas Gerais ou por terem estudado no SENAI/SENAC.

¹A cidade era centro de referência nacional para o cuidado de tuberculosos pelo clima apropriado ao tratamento desta doença. Desde 1935, a cidade foi considerada pelo Governo do Estado como estância hidromineral, o que garantiu um repasse de verbas especial ao município, revelando sentidos para a valorização deste discurso.

Embora os trabalhadores entrevistados, que viveram esta época de grande crescimento urbano da cidade, falem da facilidade de se conseguir emprego nas fábricas em São José, emergem de suas narrativas outras experiências de trabalho, pois logo que chegam vão trabalhar como vendedores ambulantes, garçons, enfim, no comércio, sempre tendo em vista a expectativa do emprego nas grandes fábricas.

Havia também entre estes trabalhadores, hoje já aposentados, a expectativa da estabilidade do emprego numa grande fábrica de metalurgia, tanto que muitos destes trabalhadores casam-se um ou dois anos depois de conseguirem estes empregos. Essa expectativa de estabilidade contrasta com as narrativas de trabalhadores mais jovens, que ingressaram em fins da década de oitenta e início da década de noventa no ofício de metalúrgico. A introdução de novas tecnologias, como a robotização, gerou uma diminuição de postos de trabalho, por um lado e, por outro, a constituição de um discurso hegemônico sobre o perfil do trabalhador, onde se projeta a imagem de um trabalhador “qualificado”, “flexível”, “que saiba operar várias máquinas”, “que tenha disposição no seu horário para servir à empresa” e, se possível, curso superior. Na construção deste discurso hegemônico, o trabalhador é “culpado” pelo seu desemprego. Este discurso é, em parte, apropriado pelos trabalhadores principalmente na preocupação que demonstram na formação profissional de seus filhos.

Na análise da introdução destas novas tecnologias no local de trabalho de metalúrgicos, esta dissertação procura discutir como os trabalhadores vivenciaram essas mudanças, quais impactos tiveram nos seus modos de vida e trabalho, suas relações com outros metalúrgicos, seus hábitos, enfim, como, diante dessas transformações o trabalhador passou a perceber-se, pois se antes o emprego de metalúrgico era almejado por trabalhadores migrantes que vinham para São José dos Campos, é preciso saber como essas transformações, a diminuição de postos de trabalho, o arrocho salarial e, principalmente, as incertezas geradas pela modernização alteraram as suas vidas.

São analisadas, nesta dissertação, várias dimensões do dia-a-dia de trabalhadores metalúrgicos nas fábricas como as questões que envolvem insalubridade, acidentes de trabalho, processo de terceirização e horas extras (estas aparecem de forma conflitante nas narrativas orais, pois representam a possibilidade do sujeito aumentar significativamente seu salário, porém reduzem seu tempo no contato familiar e no seu lazer). A questão dos acidentes de trabalho aparece de maneira contundente em dois momentos. O primeiro ainda na década de 70 e são interpretados por trabalhadores vinculados a um tempo onde a patronal “ainda não respeitava os direitos trabalhistas”. O

segundo momento ocorre com a reestruturação da produção e a diminuição dos postos de trabalho. Apesar do discurso hegemônico, que supervaloriza essas novas tecnologias, metalúrgicos sentem ao experimentar estes novos tempos que estão trabalhando bem mais, fazendo o que “dois, três ou quatro faziam”. Assim, a possibilidade da ocorrência de acidentes de trabalho volta a ser uma preocupação constante de metalúrgicos, que agora são polivalentes e passaram por uma aceleração de seus ritmos de trabalho.

Nas décadas analisadas, ocorreram grandes mudanças no processo de produção de mercadorias e de gerenciamento das fábricas. A introdução de robôs na produção, o “just in time”², a alteração dos ritmos de trabalho (diretamente ligada ao aumento da produtividade), a formação de células de trabalho, enfim, transformações estas que estão relacionadas diretamente à vida do trabalhador.

Porém, o enfoque desta pesquisa é a análise destas transformações tecnológicas como disputas neste processo. O trabalhador vive estas transformações, não sente apenas seus reflexos, mas se relaciona na constituição destas mudanças dentro de um campo de forças específico. A disputa do trabalhador para constituir estas mudanças dá-se de vários modos às vezes na resistência, às vezes na aceitação. O trabalhador vive este momento de mudanças. É protagonista de ações sociais, não se constituindo apenas como um mero expectador deste processo.

A análise de como os trabalhadores metalúrgicos percebem e interpretam essas transformações tecnológicas e as dificuldades de seu dia-a-dia no trabalho (insalubridade, acidentes de trabalho,...) é parte das preocupações desta pesquisa.

Outra inquietação nesta pesquisa vem a ser a análise de como os trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos organizaram-se nas disputas pelas mudanças que ocorreram na cidade e no processo de trabalho. Os metalúrgicos organizaram-se para disputar estas mudanças, criaram estratégias, procuraram forjar uma rede de relações e constituir laços de solidariedade no trabalho e na cidade. A década de oitenta e início da década de noventa é marcada por uma estratégia pautada pelo enfrentamento, grandes greves (inclusive com ocupações de fábricas) são organizadas pelos trabalhadores. O processo de introdução de novas tecnologias, marcante na década de noventa, envolve outras estratégias, outras disputas dos trabalhadores metalúrgicos na cidade e no trabalho.

²Muitas fábricas adotaram o sistema “Just in Time” em relação aos seus estoques, ou seja, ao contrário do modelo Fordista de grandes estoques, a produção passou a ser regulada de acordo com a demanda, assim produz-se de acordo com os pedidos mantendo estoques mínimos.

A partir da análise das disputas que os metalúrgicos desenvolvem pelo trabalho novos significados vão sendo atribuídos à cidade. Enfim, o lugar da luta e da disputa não é só a fábrica. Nas ocupações de fábricas que ocorreram em 1985 na General Motors e em 1989 na Philips, emergem para a análise, as estratégias que estes trabalhadores e suas famílias criavam para sobreviver durante o movimento paredista, quando começava a faltar dinheiro, quando acabava o gás, a relação com as rádios locais. Dialogando com narrativas orais de metalúrgico sobre a organização destes movimentos, percebemos que a greve não está circunscrita à fábrica. Também está no bairro, através da solidariedade de familiares e vizinhos.

No desenvolvimento deste trabalho, as discussões na linha “Trabalho e Movimentos Sociais” do programa de pós – graduação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e o diálogo com pesquisas sobre os trabalhadores brasileiros e o “mundo do trabalho” produzidas nas últimas décadas têm sido fundamentais.

A dissertação de Telma Bessa Sales³, “*Experiências de João Ferrador em tempos de reestruturação produtiva*”, ajuda a pensar o tema da minha pesquisa ao articular a análise das práticas dos sujeitos (trabalhadores metalúrgicos em São Bernardo do Campo) ao seu modo de vida, valorizando a subjetividade e a interpretação que estes trabalhadores têm das suas experiências de vida. Valoriza também as relações criadas por estes trabalhadores no seu local de trabalho, moradia, enfim, constrói o enredo da vida destes trabalhadores articulando cidade e trabalho. É um trabalho instigante para aqueles que pretendem entender a dinâmica da vida dos trabalhadores brasileiros a partir de sua cultura.

Outra importante pesquisa que analisa os trabalhadores a partir de suas experiências cotidianas é o de Eder Sader, “*Quando novos personagens entram em cena*”⁴. Este trabalho analisa os movimentos populares na Grande São Paulo e lança um novo olhar sobre o “cotidiano” destes trabalhadores, valorizando-o. Ajuda a pensar a temática não a partir do prisma das instituições (Estado, partidos...), mas a partir da vida destes sujeitos. Neste livro, “*Quando novos personagens entram em cena*”, Eder Sader trabalha a concepção de *movimento social* desenvolvendo a noção de sujeito coletivo indicando “uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas

³SALES, Telma Bessa. **Experiências de João ferrador em tempos de reestruturação produtiva: VW Anchieta - SBC**. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. 2000.

⁴SADER, Eder. **Quando Novos Personagens entram em cena: Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1988.

através das quais seus membros pretendem defender interesses e expressar suas vontades, constituindo-se nestas lutas”⁵.

As discussões nesta linha de pesquisa da pós-graduação levaram-me a repensar alguns conceitos usados na investigação histórica. Estes quando utilizados de maneira generalizante, podem tornar-se amarras à pesquisa. Raymond Willians coloca:

*“Quando percebemos de súbito que os conceitos mais básicos - os conceitos, como se diz, dos quais partimos - não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos, não há sentido em se dar ouvidos aos seus apelos ou seus entrechoques ressonantes. Resta-nos apenas, se o pudermos, recuperar a substância de que suas formas foram separadas.”*⁶

Assim, no caminho da pesquisa deparei-me com vários conceitos: industrialização, reestruturação produtiva, classe social, movimento operário, elite... Longe de pensar que tais conceitos, para mim, já estejam resolvidos, quero encará-los como diz Willians “como movimentos históricos ainda não definidos”. Tais conceitos, se generalizados, nos dizem muito pouco sobre as experiências das pessoas que viveram e vivem o momento pesquisado. Analisados desta maneira tornam-se uma abstração, por vezes mais significativa para o historiador do que para os sujeitos que vivenciaram os processos estudados. Assim, há que se analisar trabalhadores, sujeitos sociais que se relacionam e ao relacionar-se constituem sua história. Thompsom, no prefácio do seu livro *A Formação da Classe Operária Inglesa* coloca,

*“Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas.”*⁷

Neste sentido, a tese “*O Movimento Operário e a Construção da Central Única dos trabalhadores no Brasil: Disputas e Concepções 1977 - 1983*” de Paulo Roberto de Almeida é importante no sentido de buscar as várias concepções presentes nas ações de trabalhadores.

⁵Idem. Ibidem. p. 11.

⁶WILLIANS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.

Inicialmente, quando formulei o projeto de mestrado percebia, por experiência da própria militância que desenvolvo, as disputas e concepções divergentes presentes nas ações não apenas de trabalhadores, mas de estudantes. Assim, entendia que havia várias histórias, porém acabava por homogeneizar os grupos através muitas vezes de marcos institucionais como – partido, tendência sindical, governos – e não via as ações e escolhas dos sujeitos que os constituem. Antes, o institucional amarrava os sujeitos que pesquisava. Hoje tento perceber as experiências dos sujeitos sociais como substrato das muitas histórias. Apesar de trabalhar na minha pesquisa com uma categoria específica - metalúrgicos - não considero este o elemento definidor dos sujeitos. Afinal o sujeito é trabalhador/metalúrgico não apenas porque está vinculado a uma indústria, que fabrica determinado tipo de mercadoria, mas sim porque vive o seu trabalho, há uma teia de relações na qual o sujeito se constitui não apenas nas fábricas, mas para além delas.

Outro trecho do prefácio de Thompson, de seu livro “A Formação da Classe Operária Inglesa”, que nos ajuda a pensar o conceito de classe é:

“A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam as identidades de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) aos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram - ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. Podemos ver uma lógica de reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos predicar nenhuma lei. A consciência de classe aparece da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma.”⁸

O livro “*Muitas Memórias, Outras Histórias*” é importante para pensar a relação entre o historiador e as evidências, sejam elas escritas (jornais, documentos), narrativas orais ou fotografias. Nesta relação, percebemos os diferentes meios pelos quais a memória materializa-se. Isto posto, coloca-se para o historiador encarar o seu ofício como parte desta produção de memória social. Outro aspecto relevante no livro é

⁷ THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Volume 1. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1987. p. 9.

⁸ THOMPSON, E. P. **Ibidem**. p. 10

o que defende um “olhar político” do historiador para com a sociedade, ou seja, o passado visto e analisado através das questões do presente para que possamos projetar um futuro diferente e participar ativamente das mudanças sociais necessárias através de nosso trabalho.

Entre os vários artigos instigantes do livro “*Muitas Memórias, Outras Histórias*”, que me ajudaram a pensar o tema desta dissertação, foi importante a leitura do texto de Rinaldo Varussa “Trabalhadores e memórias: disputas, conquistas e perdas na cidade”⁹ ao analisar experiências e viveres de trabalhadores/moradores da cidade de Jundiaí, no interior paulista. Este artigo instiga a reflexão desta problemática ao apontar, através das narrativas orais, outros viveres que compuseram o processo de industrialização na cidade. Este texto nos ajuda a compreender que não é apenas o emprego e a profissão que se constituem como elementos que inserem os trabalhadores nos espaços.

Em relação às evidências, analiso:

O Jornal, editado pelo sindicato da categoria, “O Metalúrgico”: Entre os anos de 1982 e 2004. Vários números deste jornal foram encontrados em encadernações de capa dura no arquivo do sindicato. Foi analisado, em especial, a coluna “Dito Bronca”, que contém uma série de reclamações e reivindicações do dia-a-dia dos trabalhadores metalúrgicos em relação ao seu local de trabalho, reclamações do chefe, do ônibus, da comida dos restaurantes da fábrica, dos médicos, do clube, etc...

“Jornal Vale Paraibano”: Vários artigos escritos desde a década de 70. Pesquisa realizada no Arquivo Público Municipal, em encadernações organizadas por mês e ano. Também foi pesquisado o acervo da Biblioteca Municipal “Cassiano Ricardo”, cujos artigos são encontrados “recortados” por assunto tais como indústrias, bairros, trabalho, etc. É importante o desenvolvimento de uma análise destes artigos encontrados na biblioteca, pois se trata de uma memória previamente selecionada.

“O Estado de São Paulo” e “Gazeta Mercantil do Vale do Paraíba”. Artigos recortados encontrados na Biblioteca Pública Municipal.

Narrativas Oraís. Foram realizadas 15 entrevistas entre trabalhadores de grandes, médias e pequenas empresas e também com a esposa de um dos metalúrgicos que também foi entrevistado.

⁹VARUSSA, Rinaldo J. **Trabalhadores e memórias: disputas, conquistas e perdas na cidade**. In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. Editora Olho dagua. Maio/2004.

Os livros: “*A Greve da GM*” de Celso Horta, “*Ação e Razão dos Trabalhadores da GM*” editado pelo Fundo de Greve da categoria logo após o término do movimento paredista de 1985 e o livro “*Visto de Fora*”, escrito pelo metalúrgico João Roberto Farias (que também foi entrevistado).

Em relação à produção das narrativas orais, o pressuposto que trazia comigo da análise da ‘história do sindicato’ e do ‘movimento sindical’ também esteve presente de início. Neste sentido, há uma diferença nas questões colocadas nas primeiras entrevistas realizadas e àquelas feitas após as discussões em sala de aula.

As questões formuladas nas primeiras entrevistas eram em relação à participação ou não desses metalúrgicos em greves, no sindicato e em comissões de fábrica. Porém, mesmo partindo desses pressupostos, os sujeitos, ao responderem, interpretavam e dimensionavam suas trajetórias de vida com ou sem esses marcos colocados por mim e, assim, emergiam as relações sociais nas quais esses sujeitos estão inseridos. Enfim, ao responder, o trabalhador colocava o que para ele era importante ser dito.

A partir daí coloca-se a questão de como trabalhar as narrativas orais considerando que estas são interpretações dos sujeitos de suas experiências/vivências e, assim, trabalhar com esta fonte como uma relação dialógica entre entrevistado/pesquisador, pois o historiador também interpreta a partir de sua problemática. A fonte oral (assim como as demais fontes - escrita, imagem, etc) não deve ser analisada pelos fatos em si que narra, mas pelo processo de visão implícito.

As fontes orais produzidas posteriormente às discussões colocam outras questões para o entrevistado (além de como se organizavam), enfim, onde moram e moraram, relações familiares e de amigos, diversão, etc, pautadas por este momento de mudanças (em tempos de crescimento urbano e industrial na cidade de São José dos Campos e no processo de reestruturação da produção nas fábricas). As perguntas, que são balizadas pela problemática do historiador, modificaram-se neste sentido. Quando digo que as perguntas foram modificadas não significa que a problemática de como trabalhadores metalúrgicos organizaram-se em São José dos Campos para disputar estes tempos de mudanças foi abandonada. Na verdade o que mudou, além das perguntas, foi a própria maneira de dialogar com as narrativas orais. Portanto procuro investigar como estes trabalhadores interpretaram as transformações ocorridas tanto no seu trabalho, como na cidade. Investigar outras histórias destes tempos de crescimento urbano em São José dos Campos e reestruturação produtiva nas indústrias. Neste sentido, o

trabalho com a memória traz, como pressuposto, a noção de que as leituras individuais (vivências/experiências) de mundo dos entrevistados são gestadas no social.

O texto de Sérgio Paulo Morais, *Tempo, trajetórias de vida e trabalho de carroceiros na cidade (Uberlândia 1970/1998)*¹⁰, trabalha com a problemática de voltar às narrativas produzidas com outro olhar.

“...Ao reencontrar narrativas registradas há seis anos pelo ato de rememorar os encontros, de rever as gravações, de reler os transcritos, parto de outros pressupostos e de outras perspectivas de diálogo. Entre os quais, preocupações com as memórias criadas em razão das mudanças ocorridas nesta cidade, nas buscas de significados nos textos produzidos entre narradores - entrevistadores, o trabalho de autoconsciência dos sujeitos (elaborada em suas trajetórias e expressas em suas narrativas), as interpretações, as possibilidades e opções consideradas e vividas por aqueles trabalhadores como protagonistas de ações sociais”¹¹

Este trecho instiga a reflexão de um outro olhar na análise das primeiras narrativas produzidas. É preciso analisar os significados atribuídos pelos trabalhadores metalúrgicos entrevistados à estas mudanças ocorridas nos espaços urbano e fabril. Ao se analisar o sujeito, a cidade emerge, pois é na cidade de São José dos Campos que metalúrgicos construíram suas relações e realizaram ou não as suas expectativas. Assim, coloca-se outra dimensão para a pesquisa, além da análise das relações de trabalho de metalúrgicos, a produção de espaços. A historicidade das relações em que se constituem estes trabalhadores metalúrgicos coloca vários planos num mesmo enredo, sendo a cidade um espaço produzido e disputado. Nesta disputa de projetos, interpretações e práticas sociais manifestam-se as consciências dos sujeitos históricos.

Alessandro Portelli também foi um autor que contribuiu muito, através de seus artigos, no trabalho de análise das narrativas orais produzidas nesta dissertação. Em seu artigo “*A Filosofia e os Fatos*”¹², Portelli revela sentidos na interpretação das narrativas orais de seus entrevistados, uma vez que são significadas pelos sujeitos e engendradas por estes enquanto experiências compartilhadas com outros sujeitos. A subjetividade

¹⁰ In: Muitas Memórias, Outras Histórias. Editora Olho Dagua. Maio/2004.

¹¹ MORAIS, Sérgio Paulo. **Tempos, trajetórias de vida e trabalho de carroceiros na cidade** (Uberlândia - 1970/1998). In: Muitas Memórias, Outras Histórias. Editora Olho Dagua. Maio/2004.

¹² PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. In: Revista Tempo. Universidade Federal Fluminense. Vol. 1. nº 2. Dez. 1996 - Rio de Janeiro. Ler também do mesmo autor: “**O momento da minha vida**”: **Funções do tempo na história oral**. IN: Muitas Memórias, Outras Histórias.

presente nas narrativas deve ser analisada pelos historiadores, aliás há subjetividade em qualquer tipo de fonte sejam elas escritas (inclusive documentos oficiais) e imagens.

Em relação à análise de Jornais, tento problematizar os artigos a partir da identificação dos sujeitos que os produzem, que projetos defendem e como articulam passado – presente – futuro. Analisando o jornal enquanto projeto de disputa na realidade e não enquanto expressão desta. Em sua pesquisa “Produzindo notícias e histórias: Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920”, Laura Antunes Maciel coloca:

“A leitura cotidiana, e crítica, dos jornais exige um exercício para desvendar e cotejar seus múltiplos textos, para estabelecer relações e nexos entre notícias apresentadas de formas tão fragmentada e hierarquizada, para buscar descobrir o que não é dito ou o que é apenas insinuado nas entrelinhas, esmiuçar significados em títulos e destaques que, às vezes, invertem ou até desautorizam o conteúdo das matérias; enfim, para elaborar uma opinião e crítica sobre a realidade em meio ao poder e à universalidade das representações elaboradas diariamente pelos jornais, precisamos realizar um trabalho árduo e uma intervenção ativa para lidar com uma narrativa sobre os acontecimentos que se apresenta como o próprio acontecimento, reivindicando uma condição de lugar de verdade na produção do entendimento sobre a realidade social”

O Jornal Vale Paraibano¹³ e o Jornal Gazeta Mercantil são órgãos da imprensa escrita de São José dos Campos com uma longa tradição e participam ativamente na construção de sentidos e de memórias da região do Vale do Paraíba. Assim, percebemos quais os sentidos atribuídos, nos artigos, sobre o processo de reestruturação produtiva das indústrias e quais marcos elegem na constituição da História da região. Inicialmente, percebemos a associação do desemprego à falta de qualificação do trabalhador. A universalização desta idéia é um expediente na luta pela História. Neste sentido, naturalizam-se as escolhas neste processo. A situação do trabalhador demitido é responsabilidade própria da pessoa e as questões da manutenção da lucratividade das empresas, com o aumento de produção associado à redução da mão de obra, são minimizados. No processo de crescimento urbano em São José dos Campos, vemos a constituição de “marcos de modernidade” como a chegada de grandes indústrias metalúrgicas e a construção da Via Dutra que, por vezes, silenciam outras histórias e viveres deste processo. Embora possamos identificar com maior ênfase a constituição de

¹³ O Jornal Vale Paraibano circula por várias cidades da região, inclusive São José dos Campos, há mais de 50 anos.

memórias e histórias hegemônicas inscritas nos jornais, vemos, dependendo da seção (carta ao leitor, quadrinhos) e em alguns artigos, apontamentos divergentes de memórias hegemônicas, tirando o jornal de uma posição monolítica e colocando-o também como um espaço de disputas.

Pretendo analisar como que trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos interpretaram e disputaram os processos de transformação que ocorreram tanto na cidade (com a industrialização, aumento populacional, surgimento de novos bairros, demanda por infraestrutura) como no trabalho (robotização, modificações no gerenciamento da fábrica, tipo de alimentação servida, qualificação profissional, desemprego). Outra questão analisada é como a percepção de ser metalúrgico foi alterada devido às mudanças ocorridas nos seus modos de vida e trabalho, ou seja, perceber as mudanças que ocorreram nas expectativas de vida e dos sonhos destes trabalhadores. O título da dissertação “*Bom mesmo é ser metalúrgico*” expressa o modo de vida, a maneira como estes trabalhadores percebiam-se e colocavam-se no mundo. A pergunta que fazemos é: E Hoje? Com todas essas mudanças, essas perspectivas foram ou não alteradas?

Para tanto, a análise de narrativas orais são importantes para que eu possa compreender como estes trabalhadores viveram e significaram estes processos. A coluna “Dito Bronca”, editada no jornal do sindicato, também é importante neste sentido. A coluna é um espaço para o qual o trabalhador envia reclamações e denúncias do seu dia-a-dia. Embora a maioria das reclamações seja sobre o que ocorre no processo de trabalho dentro das fábricas, como denúncias sobre os chefes de seção, também ocorrem reclamações, que embora imbricadas no processo de trabalho, nos trazem a dimensão do viver destes trabalhadores fora do local de trabalho (como a dificuldade de trabalhar longe do local de moradia e as disputas destes trabalhadores pelo lazer). A análise desta coluna também dimensiona o modo como os metalúrgicos vão compondo as relações entre si, neste sentido encontramos algumas denúncias de quando é rompida a solidariedade que constroem.

A coluna “Dito Bronca” também se modificou ao longo das décadas de 80 e 90. O desenho de Dito Bronca foi feito pelo Henfil em 1980, através do pedido de um grupo de trabalhadores que formavam a oposição à diretoria do sindicato na época. Esta espécie de coluna foi popularizada nos jornais dos trabalhadores metalúrgicos em fins da década de setenta e oitenta, assim temos o João Ferrador no ABC (que tinha como especificidade ser a fala do sindicato sobre as dificuldades vivenciadas pelos

metalúrgicos e também direcionada a uma discussão da política nacional como a redemocratização e a carestia), temos também o Zé Protesto dos metalúrgicos em Santos¹⁴.

A especificidade da coluna “Dito Bronca” decorre do fato de serem os próprios metalúrgicos a encaminharem reclamações sobre o dia-a-dia das fábricas, embora a fala do sindicato possa ser encontrada em alguns números do “Dito Bronca” através de um pequeno editorial. Geralmente este editorial é encontrado quando a coluna retornava ao jornal após um certo período sem ser editada. Assim, percebi que durante a década de 80, a coluna não tinha sua periodicidade garantida no jornal, bem como o seu tamanho variava. Em alguns números do jornal de 1982 e 1983 temos a coluna ocupando uma página e meia do jornal. Os jornais da década de 90 embora tenham garantido a periodicidade da coluna, reduziram-na a um espaço do lado esquerdo da quarta e última página. Interpreto a publicação, bem como o espaço destinado ao “Dito Bronca” como parte da relação que os trabalhadores constroem no sindicato.

Em relação às narrativas orais, como a temática do trabalho não está fechada numa fábrica específica, realizei entrevistas utilizando o critério da diversidade de experiência nas indústrias, assim produzi entrevistas com trabalhadores de grandes fábricas como a General Motors, EMBRAER, Bundy, Philips e outras fábricas de médio e até pequeno porte como a Eaton e a Hitcleft. Os trabalhadores entrevistados viveram diferentes situações nestas fábricas, desde pessoas que trabalharam desde a década de sessenta e setenta, já aposentados, até uma geração mais nova que começou a trabalhar em inícios da década de 90.

As experiências diversas destes trabalhadores nos colocam problemáticas também diversas.

Os trabalhadores já aposentados retomam a expectativa da cidade de São José enquanto local do emprego, tendo sido este um dos principais motivos de sua vinda para a cidade, embora não o único. A questão da migração também é presente nas narrativas de trabalhadores mais jovens, porém o que difere é a relação que estabelecem com o trabalho. Novos problemas são levantados como o arrocho salarial, o medo do desemprego e a questão da qualificação profissional.

As narrativas também nos ajudam a compreender de que modo estes trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos significam as suas lutas. Neste

¹⁴PARANHOS, Kátia Rodrigues. **Era uma vez São Bernardo: o discurso sindical dos metalúrgicos. 1971/1982.** Editora da UNICAMP. 1999. Campinas - SP. Coleção tempo e Memória. Nº 6.

trabalho, as lutas analisadas serão desde as greves e ocupações de fábricas da década de 80, até as disputas dos metalúrgicos pelo respeito da chefia, ambiente de trabalho saudável, direito ao lazer, enfim, são analisadas estas lutas diárias.

As greves, mobilizações, passeatas e ocupações de fábricas são referenciadas pelos sonhos e expectativas que trabalhadores metalúrgicos nutriam ao virem para São José dos Campos. Ainda nas décadas de 70 e 80, metalúrgicos conseguiam achar espaços para se manifestarem (vemos a existência de cantores, pintores, juízes e jogadores de futebol de várzea nas fábricas), eram socialmente reconhecidos na cidade (a polícia respeitava, tinham crédito nos bancos e nos estabelecimentos comerciais – mercearia, farmácia,...), ainda conseguiam comprar a casa própria, o carro, ir para o litoral no final de semana. Porém, a reestruturação da produção vem no sentido de controlar o tempo do trabalhador e diminuir salários. Assim, as greves e outras atividades de cunho reivindicatório eram balizadas por estas “perdas” vividas por trabalhadores metalúrgicos nestes tempos de grandes transformações.

Para trabalhar com esta temática, a dissertação está organizada em três capítulos:

No primeiro capítulo, pretendo analisar as trajetórias de vida de metalúrgicos em São José dos Campos relacionando-as às transformações ocorridas na cidade oriundas do crescimento industrial e populacional. O surgimento de novos bairros, a demanda por infra-estrutura, como água, transportes, etc...

Para esse objetivo, utilizarei as narrativas orais de metalúrgicos entrevistados, a coluna “Dito Bronca” do jornal “O Metalúrgico” editado pelo sindicato da categoria e artigos de jornais da cidade.

A análise destas fontes permite a percepção do modo que os metalúrgicos constroem o enredo de suas vidas a partir destas transformações, quais marcos de mudanças que elegem, como percebem as dificuldades do dia-a-dia, enfim, quais as condições de vida e trabalho destes metalúrgicos em São José.

A utilização do jornal “Vale Paraibano” tem sua importância no cruzamento e análise de fontes (narrativas e jornal), para que possamos perceber como se davam e se dão as relações entre os sujeitos sociais nas disputas pela cidade e pelo trabalho.

No segundo capítulo, analiso o dia-a-dia de metalúrgicos nas fábricas através das narrativas de trabalhadores sobre suas experiências. Analisar quais os significados atribuídos pelos metalúrgicos sobre as mudanças das técnicas do processo de trabalho, como a robotização, como esses trabalhadores lidam com estas transformações e reelaboram suas práticas. Essas transformações não se dão apenas no dia-a-dia da

fábrica, mas da própria vida do trabalhador (o medo do desemprego, a questão da qualificação profissional, a preocupação com a formação profissional dos filhos, o relacionamento com a família, as mudanças de expectativa). Este capítulo também visa analisar como se deu a disputa de valores (como o individualismo) durante o processo de reestruturação da produção. Pretendo perceber como ocorreu esta disputa, de que forma trabalhadores interagiram ou não com estes novos valores.

Em relação aos artigos de jornais da cidade, tento perceber quais elementos que são assimilados, negados e apropriados pelos trabalhadores metalúrgicos nestes tempos de reestruturação da produção. Algumas matérias de jornal indicam a concepção de trabalhador (principalmente relacionada à qualificação profissional) que a elite industrial de São José disputa principalmente a partir dos anos 90.

No terceiro capítulo, analiso como que trabalhadores metalúrgicos organizaram-se para disputar estas mudanças, que ocorreram no processo de trabalho e na cidade. Quais os significados que as greves, ocupações de fábricas, a participação ou não nas comissões de fábrica, as relações que estabelecem no sindicato, passeatas na cidade, assumiram para estes trabalhadores. Perceber quais os marcos construídos pelos trabalhadores das lutas que encaminhavam e como buscavam construir laços de solidariedade e uma rede de relações no trabalho, assim a organização, além da luta, também se dá nos campeonatos de futebol, “braço de ferro”, festas, no local de moradia... Pretendo problematizar a noção de movimento no “fazer-se” destes trabalhadores, ou seja, o movimento sendo construído por sujeitos que compartilham experiências, tem interesses e expectativas.

As fontes utilizadas serão as narrativas orais e a coluna “Dito Bronca” do jornal editado pelo sindicato.

CAPÍTULO 1:

Fábricas e Cidade: Experiências e Disputas

O objetivo deste capítulo é analisar as trajetórias e experiências de trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos (SJC). A partir das vivências de trabalhadores metalúrgicos, emerge a dinâmica do processo de industrialização e crescimento da cidade. Analisando as expectativas de trabalhadores que se mudavam para SJC, as estratégias criadas para o viver, o processo de distanciamento de antigas práticas e de outras que emergem, surgindo novos modos de vida, podemos perceber que as histórias destes trabalhadores metalúrgicos entrelaçam-se e constituem a história da cidade, reconhecendo as histórias plurais num mesmo terreno de experiências compartilhadas.

São histórias como as de João Roberto Faria, Toninho, Rui da Silva e Cláudio Corrêa que vindos de Minas Gerais, estabeleceram-se em São José dos Campos com a expectativa de arrumar emprego e moradia. Acabaram criando raízes, vivendo suas histórias e deixando suas marcas na cidade.

Este capítulo também analisa artigos de jornais que mesmo compondo uma memória hegemônica sobre o crescimento urbano, contém elementos de outras histórias e vivências que compuseram o processo de industrialização na cidade.

Associado ao processo de migração de trabalhadores à cidade de São José dos Campos e o conseqüente aumento populacional, ocorre uma reorganização dos espaços urbanos dos quais emergem múltiplas vivências, não só dos antigos moradores de bairros agora em profunda transformação, mas destes novos moradores/trabalhadores que vêm para SJC e que lutam para conquistarem e construir seus espaços.

Até inícios da década de 50, os moradores de São José dos Campos vivenciavam suas relações ao longo do eixo ferroviário da RFFSA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima¹⁵), na região central e no Bairro de Santana. Este é o período da chamada Fase Sanatorial¹⁶. Poucas indústrias operavam na cidade, entre elas temos a

¹⁵ Antiga Rede Ferroviária Central do Brasil.

¹⁶ Devido ao suposto “clima temperado”, foram construídos inúmeros sanatórios na cidade de São José dos Campos para o tratamento de pessoas com tuberculose e outros problemas respiratórios. O sanatório Vicentina Aranha inaugurado em 1924 foi o maior do Brasil. Além deste, muitos outros surgiram como o Vila Samaritana, o Antoninho da Rocha e o Rui Dória. Muitos doentes vinham à SJC procurar tratamento

fábrica de louças Santo Eugênio (fundada em 1921) na Avenida Nelson D'Ávila, a tecelagem Parahyba e a Rhodosa/Rhodia (fundadas respectivamente em 1925 e 1946, ambas localizadas no Bairro de Santana). Com a construção da Via Dutra¹⁷ em 1951 e a política de atração de empresas multinacionais para a região do Vale do Paraíba (a General Motors vem para São José dos Campos neste período), inicia-se o processo de crescimento urbano e populacional, que vai ser mais acentuado na década de 70, quando são instaladas grandes indústrias como a Jonhson, EMBRAER, Engesa, Kodak e a refinaria da Petrobrás.

A construção da Via Dutra em 1951 redefine espaços de vivência na cidade. A lei de Zoneamento Urbano, juntamente com uma política de concessão de terrenos, serviços de preparação para a instalação de indústrias e isenção de impostos locais contribuíram para a construção das indústrias ao longo da Rodovia, assim novos bairros e loteamentos são criados à margem esquerda da Dutra para atender a demanda por habitação de operários. Nesta reorganização de espaços urbanos, o loteamento de fazendas dos latifundiários da cidade, transformou-se em um lucrativo negócio.

Neste processo de reorganização de espaços e viveres na cidade, novos valores vão sendo engendrados, antigos moradores atribuem significados à novas atividades que vão surgindo numa situação de conflitos e disputas onde vão despontar-se outros modos de vida.

O artigo do historiador Rinaldo Varussa, sobre o processo de industrialização da cidade de Jundiaí referendado nas vivências de trabalhadores, contribui para pensarmos as transformações ocorridas, para além da idéia hegemônica de “cidade industrial”.

“De fato, no âmbito do eventual, nesta redistribuição das atividades e lugares pela cidade, concomitantemente, disputas iam se travando, bem como o forjamento de outros modos de vida, os quais não se restringiam ao avanço do asfalto e do concreto sobre a terra e sobre os trilhos e das indústrias sobre as atividades rurais.

Num nível das experiências cotidianas de moradores, a implantação do projeto de expansão da “cidade industrial” sobre o “portal do sertão” assumia outras dimensões que não o progresso da cidade. Nas redefinições dos espaços e de seus ocupantes, em

e juntamente com suas famílias acabavam por começar uma nova vida na cidade. Com o processo de industrialização, muitas das pensões que antes abrigavam as famílias dos que vinham à procura de tratamento, passaram abrigar também os trabalhadores que migravam para São José dos Campos. Muitos sanatórios, hoje, estão desativados e seus prédios são considerados patrimônio histórico.

¹⁷ A construção da Via Dutra, a disponibilidade de energia elétrica e a proximidade com as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo foram essenciais para o desenvolvimento de uma política de industrialização no Vale do Paraíba.

*Jundiá, implementavam-se e implementam-se também outros olhares e viveres na cidade (...)*¹⁸ ..

Nesta poesia de Cassiano Ricardo¹⁹, vemos como este poeta interpreta estes tempos de mudanças em São José dos Campos:

*“Era em São José dos Campos
E quando caía a ponte
Eu passava o Paraíba
Numa vagarosa balsa
Como se dançasse valsa.
O horizonte estava perto.
A manhã não era falsa
Como a da cidade grande.
Tudo era um caminho aberto.
Era em São José dos Campos
No tempo em que não havia
Comunismo nem fascismo
Pra nos tirarem o sono
Só havia pirlampos
Imitando o céu nos campos.
Tudo parecia certo.
O horizonte estava perto”.*

Os sujeitos vão criando outras estratégias, outros modos de vida para sobreviver na cidade industrial. O poema indica, inclusive, que o próprio ritmo de vida das pessoas foi modificado, com o crescimento urbano, tornando-se mais acelerado. As relações sociais, também modificadas, acabam criando incertezas para os sujeitos em relação ao trabalho, a moradia (que vai encarecendo) e ao aumento da violência tornando, assim, “falsas” as “manhãs da cidade grande” como escreveu o poeta. Outra dimensão evidenciada, neste trecho do poema, quando ele coloca que não “havia comunismo nem fascismo para nos tirarem o sono” são as novas relações que são tecidas na cidade em virtude da industrialização. As relações de trabalho, antes ligadas à atividades rurais, passam a conviver com relações típicas de trabalho fabril, que incorporam mudanças de ritmo de trabalho, horários, turnos (inclusive o noturno, quase inexistente nas atividades rurais), a própria organização dos trabalhadores com o surgimento de greves, sindicatos,

¹⁸ VARUSSA, Rinaldo J. **Trabalhadores e memórias: disputas, conquistas e perdas na cidade**. IN: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. Editora olho d'água. 2004.

¹⁹ Cassiano Ricardo nasceu em 1895 na cidade de São José dos Campos. Oriundo de uma família que perdeu riqueza e prestígio social com a ruína da economia cafeeira regional. Fez parte do Movimento Modernista de 1922. Juntamente com Plínio Salgado e Menotti Del Pichia formam os grupos “Verde-Amarelo” e o “Grupo da Anta”. Outras poesias: “Vamos Caçar papagaios” (1926) e “Martim Cererê” (1928).

passeatas... Estas questões também tiram o sono do poeta, oriundo da oligarquia cafeeira joense.

A cidade, que atualmente tem como marco divisório a Via Dutra, tinha a ferrovia e o Rio Paraíba como marcos onde se estabeleciam as vivências dos moradores. Para atravessar o Rio Paraíba e chegar ao outro lado do município utilizava-se uma ponte de madeira ou a travessia à balsa. A ponte era utilizada para a travessia de pedestres, charretes e carroças não tendo, portanto, a função de servir para o trânsito de veículos motorizados, que na época quase inexistiam na cidade. Essa ponte chamada, atualmente, pelos moradores de “ponte velha” é uma evidência das transformações urbanas. Ao ritmo de vida de moradores que trabalhavam nas carroças onde se transportavam mercadorias e também o café que ia ser carregado de trem ao Rio de Janeiro para de lá ser exportado. À poeira das ruas de terra batida, pois São José dos Campos possuía apenas uma rua pavimentada, a Estrada Velha Rio – São Paulo, que cortava a cidade. Esta época está associada a outros viveres na cidade, que foram se transformando à medida que avançava o processo de industrialização e urbanização.

A Historiadora Célia Calvo analisa, neste artigo, o processo de industrialização da cidade de Uberlândia (Minas Gerais) a partir das experiências dos trabalhadores que viveram na cidade neste período. É um texto importante, que estimula um outro olhar nas pesquisas em que se discute processos de crescimento urbano, e muito contribuiu para esta dissertação.

“Assim, a cidade que emerge neste texto está imbricada nos referentes culturais de sujeitos sociais, nas percepções e sentimentos de pertencimento social destes sujeitos, uma vez que falaram comigo sobre o modo como sentiram e interpretaram os processos de mudanças no viver urbano a partir de suas lembranças e sentimentos, refletindo o tempo histórico e produzindo uma cartografia dos espaços e territórios que eram produzidos nos seus viveres, no trabalho, nas relações de vizinhança, no lazer, demarcados pelas suas memórias como referência de lugares que foram apagados da paisagem da cidade”²⁰.

As expectativas dos sujeitos em relação à cidade também são gestadas historicamente. Temos, então, como desejos dos trabalhadores/moradores, melhorias no setor de infra-estrutura da cidade – habitação, saúde, lazer, transporte coletivo, educação

²⁰ CALVO, Célia R. **Muitas Memórias, Outras Histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia.** In: *Muitas Memórias, Outras Histórias.* Editora Olho d'água. 2004.

entre outros. Estas aspirações foram engendradas em tempos de surgimento de novos bairros e crescimento da cidade. As expectativas dos sujeitos em relação a cidade de São José dos Campos evidenciam os diferentes projetos disputados para a constituição do espaço urbano. Atualmente, a preocupação com o emprego perpassa os desejos destes moradores, pois o processo de reestruturação da produção, com o incremento de novas tecnologias, restringiu o mercado de trabalho na cidade. Na década de 90, cerca de vinte mil postos de trabalhos foram extintos nas indústrias, além disso, com o fim da guerra Irã/Iraque, a indústria bélica de São José dos Campos sofreu um grande impacto. A Engesa, que fabricava tanques de guerra, foi à falência e a Avibrás acabou por diversificar sua produção para continuar no mercado, para tanto realizou uma redução de mão-de-obra, que acabou deixando muitos trabalhadores metalúrgicos desempregados.

Em relação a este processo de crescimento urbano, de demandas não satisfeitas e de distanciamento de antigas práticas sociais, vemos que se forja uma memória hegemônica, cujo trabalho prospectivo é o de reafirmar e naturalizar as desigualdades existentes na cidade de São José dos Campos.

Em reportagem do Jornal Vale Paraibano, sobre este processo lê-se:

*“A população crescia a taxas de 10% ao ano e com isso saltou de 77.533 habitantes na década de 60 para 150.884 nos anos 70. ‘Era impossível criar uma infra-estrutura para um crescimento deste porte’ disse. Para Santos, a precariedade do fornecimento de água e esgoto, energia, escolas, hospitais e malhas viárias foi o preço pago pelo progresso instantâneo”.*²¹

Assim, a falta de investimento em infra-estrutura em alguns bairros é justificada como “o preço do progresso”. O projeto hegemônico – no pensar e construir o urbano – é evidenciado de várias formas, entre elas a própria noção/concepção de planejamento e

²¹ **Jornal Vale Paraibano.** 17 de fevereiro de 2002. Caderno especial sobre os 50 anos do jornal (“Vale Paraibano 50 anos. É tudo verdade”). O Santos citado na reportagem é Ednardo José Paula de Santos, que foi prefeito de São José dos Campos entre os anos de 1975 a 1978. Artigo encontrado no arquivo de recortes da Biblioteca Pública Municipal. Vários artigos analisados nesta pesquisa foram encontrados nesta instituição pública. Os recortes são pré-selecionados por funcionários da Fundação Cassiano Ricardo, que administra a biblioteca. Percebi que a seleção busca construir uma memória da “inevitabilidade” do “progresso industrial” na cidade, colocando as indústrias como sujeitos deste “desenvolvimento”. Ver também: *Década foi base para o avanço da Embraer.* *Jornal Vale Paraibano.* 24 de fevereiro de 2002. *Industrialização do Vale do Paraíba.* *Jornal vale Paraibano.* 29 de outubro de 2000. *Indústrias transformam a vida de São José dos Campos.* *Jornal O Estado de São Paulo.* 20 de julho de 1978.

crescimento urbano. A industrialização da cidade foi concebida enquanto um projeto de modernização inevitável e necessário para que a cidade pudesse “progredir”.

Mas qual o sentido deste progresso?

Ao mesmo tempo em que surgiram leis doando terrenos para a construção das empresas (com toda a infraestrutura necessária – água, luz e terraplanagem), vemos bairros novos formando-se carentes de todo o tipo de serviço público essencial. Assim, o projeto de “modernização” da cidade é realizado no pensar a instalação e desenvolvimento das indústrias, no melhor ponto para o recebimento de matérias primas e distribuição de suas mercadorias²² e até na formação de novos bairros operários a partir de lotes vendidos oriundos de um processo de especulação fundiária que beneficiou os latifundiários da região. Porém, os moradores destes novos bairros disputam e constroem a cidade em que vivem. Temos, neste sentido, vários projetos disputados que ficam evidenciados nas ações ou conjunto de ações que trabalhadores/moradores, poder público ou iniciativa privada realizam na cidade. Assim aprovam-se leis de isenções de impostos para as indústrias, vão ocorrendo mutirões nos bairros periféricos para a construção de casas, postos de saúde e até unidades de policiamento, o comércio fortalece-se. Ações e projetos dos diferentes sujeitos vão constituindo a cidade de São José dos Campos.

O processo de migração para a cidade acentua-se na década de 70, com a instalação de grandes empresas como a EMBRAER. A expectativa do emprego numa grande indústria perpassava as aspirações de trabalhadores que se mudavam para São José dos Campos. Embora tenha ocorrido um processo de migração vindo de cidades pequenas do interior de São Paulo (inclusive da região do Vale do Paraíba), destaca-se a migração de trabalhadores de Minas Gerais, principalmente do sul de Minas²³, que na

²² “A produção na General Motors, em São José dos Campos, começa pelos fundos de seu terreno de 2.500 m², situado às margens da Rodovia Presidente Dutra. Um exame atento do mapa de localização da fábrica da GM em São José traz uma primeira surpresa: o vizinho dos fundos da empresa é a velha Estrada de Ferro Central do Brasil, depois rebatizada de Rede Ferroviária Federal.

O contribuinte não sabe ao certo para que serve a velha ferrovia. Desde os anos 60, pelo menos, ele não usa seus ruidosos vagões para locomover-se entre o Rio e São Paulo. Mas deve haver razões e interessados para fazer com que aquela imensa serpente de ferro e aço continue atravessando o Vale do Paraíba, com seus apitos estridentes e saudosos.

Um desses interessados é a GM. A empresa possui um desvio que sai dos trilhos da rede e vai até a boca dos seus fornos de fundição de ferro e alumínio. É pela velha ferrovia que chega a São José a matéria-prima usada pela General Motors para fazer seus automóveis. Dois grandes galpões abrigam as bocas incandescentes dos altos-fornos.” IN: HORTA, CELSO. *A Greve da GM*. Scritta Editorial.

²³ A presença de trabalhadores mineiros é tão forte na cultura de São José dos Campos, que há uma brincadeira que diz que a cidade é uma estância “hidro-mineral”, com “água em baixo e mineiro em cima”.

época também contava com um parque industrial metalúrgico e, inclusive, escolas de formação profissionalizante, como o SENAI.

O crescimento populacional da cidade de São José dos Campos pode ser observado no quadro²⁴:

ANO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL
1940	36.279	14.474	21.805
1950	44.804	26.600	18.204
1960	77.533	56.882	20.651
1970	148.500	132.629	15.871
1980	287.513	276.901	10.612
1990	408.249	396.056	8.193
2004	589.050	522.717	6.596

Percebemos que existe, além do movimento de chegada na cidade de novos moradores, outro fator que é a diminuição da população da zona rural do município no decorrer dos anos.

Algumas regiões, antes consideradas zona rural, com o crescimento da cidade, passaram a ser consideradas como região periférica da zona urbana. Geralmente, tratava-se de regiões de chácaras, que foram loteadas para o desenvolvimento dos bairros. Subjacente a este processo, foram engendrados novos modos de vida com o distanciamento de práticas rurais. Novas vivências e demandas surgem nesta dinâmica. Moradores que antes viviam da agricultura, plantações de subsistência ou como empregados nos cafezais, tem agora que se deslocar de sua região para trabalhar.

O trabalhador João Roberto Faria foi um dos que saíram de Minas Gerais e vieram para São José dos Campos no ano de 1966,

“Lá em Minas eu trabalhava na Roça, na na na é na zona rural né ai passei em São Lourenço, trabalhei um pouco nos hotéis de São Lourenço, dando uma uma aquecida né, pegando um pouco de

²⁴ Fonte do quadro: 1940/1980 e 2004 – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 1990 – Dados do Censo Escolar/ Prefeitura Municipal de São José dos Campos

ambiente né, porque o cara mesmo sai da enxada é terrível né... não sabe nem falar direito, passei por São Lourenço, trabalhei um pouco lá, fiz um curso de garçom, trabalhei um pouco de garçom e vim embora pra cá, chegou aqui eu entrei na Eriksson (...). Nas fazendas não tava empregando mais ninguém, nem eu ia querer mais ficar na roça né? Roça pra mim chega uma hora que você tem que ir pra cima né, ir à luta, ou tudo ou nada né? Não pode ficar parado, foi o que eu fiz, passei nos hotéis...”

No ato de rememorar a decisão de sair de sua cidade natal, João Roberto deixa claro as opções que o trouxeram para cá. Assim, a potencialidade do sujeito é revelada, passando ao largo da historiografia que coloca os trabalhadores como vítimas das condições do trabalho no campo. João Roberto quis vir para São José dos Campos com a expectativa de mudar de vida, “ou tudo ou nada”. Decidiu-se por São José dos Campos, por ter um conhecido que já morava na cidade. Seu primeiro emprego em uma indústria metalúrgica foi na Eriksson, onde trabalhou por quase seis anos. Após a Eriksson, trabalhou na EMBRAER:

“a EMBRAER tava pegando gente nessa época com que tinha alguma experiência de oficina, algum... algum curso de mecânica, pra poder jogar já direto na produção, que eles estavam com uma carência muito grande de mão de obra na área de chapeamento.... pegava... tinha a escolinha né e também pegava estes caras e jogava direto pra agilizar a produção, então eu fui um desses caras, fui pego e me jogaram na produção e foi difícil porque eu nunca fiz avião né? Mesmo com o curso do SENAI que eu tinha com alguma experiência e com alguma coisa que eu aprendi na Eriksson né, na produção lá, trabalhava em prensa, eu tive muita dificuldade na EMBRAER, por várias vezes... por pelo menos duas ou três vezes eu via que eu tava com o pescoço à prêmio né, mas com esforço muito grande eu fui, eu fui pegando habilidade, fui aprendendo a controlar a, controlar aquelas ferramentas né e comecei a produzir, começou a dar certo e eu fui ficando. Eu trabalhei no Bandeirante-0, pra você ter uma idéia né”²⁵

O número de empregos oferecidos era um dos fatores que atraía os trabalhadores para São José dos Campos, assim João Roberto teve a percepção de ter sido “pego” pela EMBRAER e “jogado na produção”. Sua narrativa também aponta para as dificuldades que ele teve que superar, pois aprendeu na prática muitas tarefas relativas à função que tinha na linha de produção da EMBRAER, percebe-se nele, então, um trabalhador ativo na construção e qualificação da sua carreira de metalúrgico.

²⁵ A EMBRAER foi fundada em 1969 e seu primeiro modelo de avião foi o Bandeirante-0.

Outro trabalhador entrevistado, que veio de Minas Gerais em 1977, foi Antônio Donizete, o Toninho. Antes de vir para São José dos Campos, Toninho trabalhou em vários ramos, como operário de uma indústria têxtil, como pedreiro, como açougueiro, na roça, como vendedor ambulante enfim “se virava”. Ao chegar em São José dos Campos, foi trabalhar na General Motors no setor de armazém de peças.

“Olha, a gente trabalhava muito, era muito era, você fazia 48 horas semanais, então trabalhava bastante pesado, trabalhava muito é... se exigia muito produção então a gente tinha que trabalhar bastante, quando fui transferido _____ e como eu era garotão ainda, porque quando a gente saía entrava quase que começava a trabalhar com escuro e quando saía da fábrica tava escuro de novo, eu me lembro que ia no ônibus dormindo, ia sonhando em comer alguma coisa, tava com uma fome danada, pra ir embora então...”

Na fala de Toninho, as experiências do trabalho na fábrica estabelecem relações com sua vivência na cidade, que para este trabalhador era a cidade “escura”, devido à extensa jornada de trabalho, que era de 48 horas semanais, mais as horas extras, que eram recorrentes. Atualmente, a jornada de trabalho dos metalúrgicos em São José dos Campos é de 40 horas, com exceção da EMBRAER, que mantém uma jornada semanal de 43 horas. A redução da jornada de trabalho foi uma conquista dos trabalhadores, sendo pauta de todas as negociações nas datas – base e também nas greves.

Os trabalhadores que vinham de Minas Gerais para São José dos Campos, geralmente o faziam porque tinham algum conhecido, amigo ou parente que já morava na cidade, assim ficavam na casa destes por um tempo até estabelecerem-se num emprego. Outros ficavam em pensões. Tinham a expectativa de arrumar rapidamente um serviço para poderem trazer suas famílias.

Muitos trabalhadores que chegavam em São José dos Campos traziam consigo, além da expectativa de conseguir emprego em uma fábrica, vontade de estudar. Destaca-se a iniciativa destes trabalhadores que além de cumprirem jornadas extenuantes nas indústrias, ainda encontravam tempo e disposição para terminarem seus estudos. Muitos ainda não tinham o ginásio (hoje ensino fundamental) e fizeram o supletivo ou o MOBRAL²⁶. Após concluírem seus estudos, procuravam o ensino

²⁶O Movimento Brasileiro de Alfabetização - o MOBRAL - foi criado pelo governo militar com a Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, propondo a alfabetização de jovens e adultos, visando “*conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida*”.

técnico profissionalizante no SENAI ou nas próprias “escolinhas” das empresas. A EMBRAER é uma das indústrias que oferece a “escolinha” de qualificação para o trabalhador. Após a conclusão do curso nas escolas da empresa, o trabalhador ingressa na indústria. Atualmente, com o crescimento do número de faculdades particulares em São José dos Campos, um dos benefícios conquistados pelos trabalhadores metalúrgicos foi o de bolsas parciais em alguns cursos superiores, principalmente os ligados à área da produção na indústria.

Foi justamente nas aulas de português, no supletivo, que João Roberto interessou-se por literatura, tendo atualmente dois livros publicados. Seu primeiro livro chama-se “Visto de Fora” e conta a história de Júlio, operário, vindo do interior para a cidade, onde arruma serviço numa grande fábrica. Toma contato com o comunismo, através de alguns estudantes, tornando-se militante. O enredo do livro é o dia-a-dia deste operário, suas dificuldades com o salário baixo, o relacionamento tenso no casamento, com a família e a participação em greves, assembleias e a organização do movimento internamente na fábrica. Deste livro emergem as estratégias criadas por Júlio para burlar a chefia e conseguir organizar o movimento operário juntamente com os companheiros da fábrica.

João Roberto além de trabalhar e estudar ainda escrevia, vencendo inúmeras dificuldades, como a falta de espaço em casa (por isso escrevia “trancado em seu fusquinha”)

“(...) eu não sei se todas as fábricas é assim, mas é muito curioso, inclusive o meu primeiro livro fiz uma observação a esse respeito. O peão, o operário, o peão de fábrica ele tá ali trabalhando, mas ele tem... tem... tem...inclinação para muita coisa sabe mas a necessidade força ele a tá ali dentro da fábrica sabe? Empurra ele lá pra dentro, vem a mulher, vem os filhos, aquela sociedade (...) porque casar, depois vem a mulher e os filhos o cara não tem condição de fazer mais nada, absolutamente nada, ele tem que enfiar a cara no serviço e ficar tipo um cavalo ali trabalhando, aquele trabalho que aliena, aquela coisa, sabe que você não aprende nada com aquilo, aquele trabalho repetitivo, mas no fundo, no fundo, cada trabalhador cada peão, ele tem o seu lado, tá entendendo? Um é poeta, o outro é escritor, o outro é pintor, o outro é jornalista, o outro é locutor de rádio, a gente via isso dentro da fábrica entre os peão era impressionante, ali na Embraer tinha um cantor com disco gravado, tinha cantor, compositor, poeta, escritor, jornalistas, técnico de futebol, que no fim de semana apitava esses times de várzea, entende? Então era uma, uma, tinha aquele cara que desenhava, fazia umas pintura muito bonita e eu ____ ele me chamava às vezes, me mostrava os trabalhos dele pra mim, porque

eu era um cara que tinha, era um pouco ligado à esta área artística, tinha um pouco desta sensibilidade, então ele gostava de.... os primeiros trabalhos dele tava no rascunho ainda ele João dá uma olhada pra mim, o que você acha disso aqui? Falou o que você acha disso aqui? Tinha um outro cara lá que fazia umas músicas, vinha trazer pra mim umas composições, fazia eu ir na casa dele.... então existe esta coisa do peão mas infelizmente coitados é uma coisa que a sociedade capitalista ela passa por cima como máquina, ela aplastra sabe... os caras 99,9%..... eu acho que por causa disso que o homem, os trabalhador é um pouco puto, um pouco revoltado, frustrado até? Entendeu? Se você vivesse numa sociedade onde eles respeitassem isso dessem oportunidade nós poderíamos ter grandes talentos, grandes artistas, grandes atletas e até na área de produção o pessoal poderia tá produzindo maior.... mais, com mais satisfação você entendeu? Mas eles não respeitam isso eles tentam anular isso no Homem entendeu.... tentam rebentar com isso.... a sociedade em si capitalista como eu disse.... ele é....é....goza do cara sabe.....debocha do cara, como quem diz olha cê tá louco rapaz? Isso não é pra você.... imagina isso é pra gênio (...)"

Mesmo construindo uma imagem em sua fala em que ressalta as dificuldades do capitalismo, João Roberto se coloca como um sujeito que “perseguiu” seu sonho de escrever livros, vencendo para tanto vários obstáculos, inclusive a falta de confiança por parte das pessoas com quem mantinha relação na família e na fábrica. Ter escrito o livro, ter sua casa, ter dado educação para os filhos emerge de sua fala, durante a entrevista, como uma conquista das ações deste período.

“o escritor escreve o que ele viu, o que ele sentiu, o que ele presenciou, o que ele viveu é o que ele escreve, então obviamente se eu tenho uma vida voltada pro trabalho, pra fábrica.... pra política né... tenho uma, uma visão é na... um engajamento de esquerda vamos dizer assim isso vai transparecer no meu trabalho, não importa, seja o que for que eu vou escrever, se eu for escrever um romance, vai aparecer, no cotidiano dos personagens vai ter greve, vai ter... vai ter uns problemas do dia a dia do trabalhador né.... também seus sonhos seus delírios, seus amores, claro, porque o peão sonha também, né?”

A narrativa de João Roberto evidencia que o trabalhador é muito mais do que aquela pessoa que vai para a fábrica todo dia. “O peão também sonha né” expressa com profundidade que o trabalho, a família, os amigos, os sonhos constituem esses trabalhadores. E o metalúrgico tem orgulho de ser o que é. No primeiro trecho citado coloca que se houvessem condições teríamos mais pintores, artistas e até mesmo metalúrgicos satisfeitos com a atividade que desenvolvem. Aqui não se nega a condição de metalúrgico. Não se deseja ter outra profissão. Desejam-se, apenas, espaços, nos

quais possa expressar-se. João Roberto quer condições para que todos possam sonhar e produzir da maneira que desejam.

Com o processo de industrialização, novos espaços vão sendo constituídos na cidade seja por novos habitantes, que vêm a São José dos Campos em busca de emprego, ou por antigos moradores. Novos bairros surgem e antigos bairros transformam-se. Há um processo de diminuição da Zona Rural, que se transforma em bairros na periferia da Zona Urbana.

O bairro de Santana é um dos mais antigos de São José dos Campos, uma boa parte dos trabalhadores oriundos do Sul de Minas que vieram na década de 70 para SJC instalaram-se no bairro, que é também o local onde é comemorado o “Dia do Mineiro”²⁷. Os ônibus que vinham do Sul de Minas tinham como ponto final o antigo Posto Veneziani (hoje Posto Caminho das Montanhas) no bairro de Santana. Os trabalhadores que vinham chegando constituíam este bairro como local de moradia e também o bairro Alto da Ponte. Com o processo de crescimento urbano mais acelerado a partir da década de 70, outros bairros vão também constituir-se enquanto local de experiências destes trabalhadores migrantes. Com o tempo há também a procura pelo bairro Vila Maria, Monte Castelo, Vila Paulista e Centro (Zona Norte) enfim, há uma reconfiguração dos espaços ocupados na cidade. A Praça da Igreja Matriz²⁸ é ainda um ponto de encontro no bairro, onde moram muitos operários aposentados. Às cinco da manhã e à uma da tarde vemos vários pontos de ônibus repletos de operários esperando o transporte das empresas EMBRAER, GM, Philips, Kodak... No bairro também há diversas pequenas metalúrgicas, as chamadas “bocas de porco”, geralmente construídas em pequenos galpões nos quintais das residências.

As relações sociais estabelecidas no bairro de Santana por parte de operários de várias indústrias são muito fortes. Estes trabalhadores estão presentes na Sociedade Amigos do Bairro, na igreja, nas praças e nos bares. Há a tentativa conjunta de se superar as dificuldades do dia-a-dia. Essa solidariedade é vivenciada não apenas em tempos de greves e manifestações, mas, inclusive, em época de desemprego principalmente a partir da década de 80. Assim, nas pequenas indústrias existentes no bairro, começa-se a dar preferência pelos habitantes locais, menos como uma forma de economizar o dinheiro da condução, mas como uma prática estabelecida através de

²⁷ Festividades em homenagem ao imigrante de Minas Gerais. Nesta festa, realizada no bairro de Santana durante o mês de abril, ressalta-se, principalmente, aspectos da culinária mineira.

redes de convivência e indicação dos grupos da Igreja e de vizinhança²⁹. É importante salientar que o envolvimento dessas pessoas no bairro (seja o de Santana ou outro) é dimensionado pela condição não apenas de morador-vizinho, mas de trabalhador (e não apenas metalúrgico) que compartilha experiências e as dificuldades do dia-a-dia. A vivência destes trabalhadores é plural congregando o espaço fabril, do bairro, das SABs, da igreja, dos bares, dos clubes recreativos das fábricas. Neste sentido, a disputa por projetos para além do espaço da produção (a melhoria dos serviços públicos no bairro, a luta pelo lazer,...) está colocada enquanto uma dimensão da luta de classes vivenciada por trabalhadores em São José dos Campos neste período.

O Bairro Vila Ema desenvolveu-se às margens da Estrada Velha Rio - São Paulo, hoje Avenida Heitor Villa – Lobos, sendo a única estrada asfaltada que cortava a cidade de São José dos Campos. Maria Aparecida Cantuária, antiga moradora do bairro e dona de uma lanchonete, em entrevista para o Jornal Vale Paraibano³⁰ colocou “A gente podia dormir com as janelas abertas e não precisava trancar as portas. Não tinha perigo. Hoje as coisas são diferentes”. Já o morador Inácio Medeiros de Aquino ao ser indagado sobre as mudanças no bairro afirma “Esse é o preço do progresso, aquele progresso canibal”. Das falas destes moradores emerge a disputa dos novos valores e outros modos de vida que vão sendo engendrados pela cidade – industrial. Às antigas vivências baseadas em práticas rurais como a criação doméstica de animais para consumo ou a pescaria no Ribeirão do Vidoca (onde, segundo os moradores, era possível ver piracema de bagre), novas práticas vão sendo gestadas. A fala de Maria Aparecida indica a questão do aumento da violência na cidade, já o “progresso canibal” é uma expressão repleta de significados atribuídos por Inácio à transformação dos viveres destes moradores. Com o loteamento da região sul de São José dos Campos, o Bairro Vila Ema passa a ser corredor viário de ligação ao centro da cidade, sendo aí instaladas muitas casas comerciais, recebendo um grande fluxo de trabalhadores.

A Zona leste, região cortada pela Via Dutra, é uma das que mais cresce na cidade. Lá encontramos a Vila Industrial, Vila tesouro, o Distrito Eugênio de Melo,

²⁸ Parte dos moradores do bairro, em sua maioria católica, reúne-se diariamente às 15:00 horas na Igreja Matriz para rezar o terço.

²⁹ Sobre o processo de crescimento urbano referenciado em experiências de trabalhadores metalúrgicos, ver: SALES, Telma Bessa. **Experiências de João ferrador em tempos de reestruturação produtiva: VW Anchieta - SBC**. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. 2000.

³⁰ Esta reportagem sobre o Bairro Vila Ema foi editada no dia 22 de dezembro de 1999 pelo Jornal Vale Paraibano. O título da reportagem é “**Vila Ema, um bairro charmoso**” e discorre sobre o projeto de revitalização do bairro feito pela prefeitura.

Jardim Motorama e bairros menores como o Vista Verde, São Vicente, Novo Horizonte, Santa Inês entre outros.

Nos bairros da Zona Leste, considerados como bairros periféricos na cidade, os moradores enfrentam várias dificuldades decorrentes da falta de infraestrutura. Há, inclusive, muitos loteamentos clandestinos na região. Parte da infraestrutura que falta nestes bairros está sendo construída a partir de “coletas” dos próprios moradores, como a instalação de postes de iluminação e rede de água. Na instalação de iluminação, os postes e as lâmpadas foram pagos pelos moradores, enquanto a prefeitura arcou com o consumo de energia posteriormente. Outro serviço, para o qual os moradores estão organizando-se para resolver, é em relação à segurança dos bairros. Através de “coletas” e “vaquinhas”, entre os moradores e doações das lojas de material de construção dos próprios bairros, estão sendo feitas bases policiais, muitas construídas em esquema de mutirão. Neste projeto dos moradores, além das salas para os soldados, são construídos banheiros públicos e salas de reuniões para uso comunitário³¹.

Com o tempo, os bairros construídos ao longo da Via Dutra para atender a demanda por moradia de operários foram valorizando-se comercialmente. Esses bairros começam a crescer, “espalhar-se”, surgem vários loteamentos de casas populares bem como loteamentos clandestinos. Essa situação resulta que as casas dos operários começam a ser construídas longe dos seus locais de trabalho, gerando com isso, novas demandas por transportes, saúde, educação, segurança, iluminação e demais serviços necessários na estruturação de grandes bairros. Na coluna Dito Bronca, editada pelo Jornal do Sindicato dos Metalúrgicos, há a seguinte reclamação:

*Philips Turismo S/A
Perder quatro horas dentro de um ônibus! É mole? Os companheiros da Philips estão enfrentando este calvário diariamente. Quem mora no Jardim Santa Inês e entra às 14h, pega o ônibus ao meio-dia. E aí começa o “passeio”. Novo Horizonte, Vila Tesouro, Vila Industrial, Jardim da Granja, Bosque, Morumbi... quem sai da fábrica às 22:00h, chega em casa depois da meia noite. Assim não dá, a Philips tem que colocar mais ônibus³²*

³¹ Para maiores informações sobre essas obras de iniciativa popular ver: **Moradores de Bairro se unem para construir base da polícia.** Jornal Vale Paraibano, 05/05/2000. **Luz para Zona Leste.** Jornal Vale Paraibano. 04/11/1999. **Zona Leste é a que mais cresce em São José.** Jornal vale Paraibano. 19/11/1999.

³² **Jornal “O metalúrgico”.** Ano VII. nº 58/ 11 a 18 de julho de 1989. Este jornal é editado pelo sindicato da categoria.

O crescimento destes bairros ao longo e à margem esquerda da Via Dutra, fez com que a rodovia se transformasse numa espécie de grande avenida, o que vem gerando vários acidentes de trânsito como atropelamentos. Neste sentido, a demanda por infraestrutura soma-se à reivindicação pela construção de passarelas e trevos para a travessia de moradores.

Novos bairros operários populares vão surgindo e novas práticas sociais vão constituindo-se, assim emergem as dificuldades do dia-a-dia das fábricas, enquanto experiências compartilhadas por estes moradores, fazendo da cidade o local de disputas³³. Com o aumento da distância entre moradia e o local de trabalho, a dependência de condução para chegar à empresa é grande. Assim, impressiona o número de ônibus nos estacionamentos das grandes fábricas nos horários de troca de turno. Com a emergência das greves de operários em São José dos Campos, a partir de fins da década de 70 e início da década de 80, uma das estratégias da patronal é o corte das linhas de ônibus para dificultar a organização dos trabalhadores junto às empresas. Os trabalhadores, então, criam outras estratégias e começam a organizar-se nos bairros. As novas práticas são principalmente a realização de assembléias nos bairros e a organização conjunta com as Sociedades Amigos do Bairro (SAB) para manutenção de Fundo de Greve.

Nas relações que trabalhadores metalúrgicos constituem para a disputa pelo trabalho³⁴, novos significados vão sendo atribuídos à cidade. Com o desenvolvimento do processo de industrialização em São José dos Campos, as disputas por diferentes projetos para a cidade vão tornando-se mais latentes. Há um encarecimento do preço do aluguel nos bairros mais centrais da cidade (que se valorizam economicamente com o desenvolvimento do comércio) e, assim, muitos moradores têm que se deslocar para bairros mais periféricos ainda sem infra-estrutura. Grandes Avenidas são construídas, rotas de ônibus alteradas, espaços na cidade vão ganhando e perdendo “importância” econômica. A construção da Via Dutra faz ressaltar essa reorganização na cidade, pois muitas indústrias – principalmente as maiores- vão instalar-se ao longo da rodovia. Assim, a cidade passa a crescer para além do espaço da Dutra. Novas demandas vão

³³ Para além dos portões da fábrica, a cidade emerge como o lugar da luta. Em seu livro *Era uma vez São Bernardo*, a historiadora Kátia Paranhos ressalta as falas de trabalhadores nas assembléias em fins da década de 70 e início de 80, como “Sindicato não é o prédio, mas sindicato é trabalhador dentro da fábrica, é o trabalhador na praça”. p. 181.

³⁴ Essas disputas em geral são por aumentos salariais e melhores condições de trabalho, como a redução da jornada de trabalho, melhor alimentação e transporte, além de outras reivindicações sociais. No início

surgindo como a necessidade de saneamento básico, iluminação, transporte coletivo, postos de saúde e segurança. Ao mesmo tempo forma-se na cidade uma estrutura de hotéis e condomínios fechados para atender aos executivos dessas indústrias que se instalam na cidade. Metalúrgicos reivindicam além do aumento salarial, da possibilidade de organizarem-se em comissões de fábrica, contra as horas – extras, mas também pela cidade que vai mudando e formando-se nesta disputa. Enfim o lugar da luta e da disputa não é só a fábrica.

“e deu muito certo, foi uma inovação né, foi uma criatividade daquele momento lá, daquele sufoco lá, tamo perdido não, ai deram a volta e foram fazer isso e deu muito certo né porque eu cheguei a acompanhar em dois bairros quando eles foram e juntava muita gente, o pessoal saia mesmo nas ruas e vinha, parecia que tava chamando pra uma quermesse, sabe bairro de cidade pequena que você vê assim né, hoje tem depois da missa tem festa né e você vai ver todo mundo _____³⁵ e ali também, um dos bairros que a gente fez chamava, chama Jardim Morumbi, um bairro bem populoso e bem classe operária mesmo, todo mundo ali, um bairro periférico da classe trabalhadora né então ali todo mundo é de indústria, operário e ali foi uma das que eu participei e que deu grande movimento, foi uma assembléia como se estivesse chamando os trabalhadores na porta da fábrica”³⁶

As assembléias de bairro constituíram-se enquanto estratégia forjada por trabalhadores metalúrgicos para manter uma via de comunicação durante as greves, para organizar a luta, repassar informes do andamento das negociações e combinar entre si as próximas atividades do movimento grevista.

Em entrevista concedida no dia 8 de maio de 1985 ao jornal “Vale Paraibano”, o presidente do sindicato José Luís falou:

“Os metalúrgicos sempre foram responsáveis por grande parte do movimento do comércio de S.J.C. Nós gastamos aqui e sempre incentivamos esse ramo. Agora, precisamos da compreensão dos comerciantes para o nosso movimento. Não somos caloteiros, todas as dívidas contraídas serão pagas”

No dia 9 de maio de 1985, o jornal “Vale Paraibano” também noticiava:

da década de 80, ocorreram várias greves cuja principal reivindicação era a liberdade de organização dos operários no local de trabalho e a formação de comissões de fábrica.

³⁵ Os traços longos que ponho nas transcrições das entrevistas indicam alguma palavra ou frase inaudível.

“No último sábado foi realizado uma (quermesse) no Bosque dos Eucaliptos, com barraquinhas emprestadas pela igreja do bairro, e tocadas pelos próprios grevistas. Sábado agora haverá outra quermesse com o mesmo esquema: todo produto comercializado será feito pelos grevistas. Para tanto, eles contam ainda com o apoio de algumas Sociedades Amigos do Bairro, como do Jardim Copacabana, Motorama, Jardim Paulista e Residencial Tatetuba”

Nestes dois trechos de matéria do jornal “Vale Paraibano”, vemos que para além dos portões da fábrica, outras atividades eram desenvolvidas na cidade. O pedido feito pelo presidente do sindicato aos comerciantes indica outras estratégias criadas para a sobrevivência destes trabalhadores num período prolongado de greve, neste caso o fiado, a “anotação na caderneta”. As quermesses e outras atividades desenvolvidas nos bairros (inclusive coleta de alimentos para o fundo de greve) faz emergir as experiências compartilhadas, afinal estas atividades eram desenvolvidas em bairros operários, onde o número de metalúrgicos era grande. Assim, os questionamentos que emergiam destas greves eram compartilhados nas vivências de trabalhadores de outras fábricas, o que potencializava a rede de solidariedade construída.

As experiências dos trabalhadores marcavam territórios, determinavam a geografia da cidade no período, sendo trabalho e cidade parte de um mesmo enredo das vivências de trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos. Em 1979, metalúrgicos em São José dos Campos e de outras cidades do estado de São Paulo (como Santos e São Bernardo do Campo) protagonizaram uma “greve geral metalúrgica”. Esta greve fazia parte das atividades da campanha salarial da categoria naquele ano. Como o sindicato dos metalúrgicos não tinha salão de assembleias, na época, estas eram feitas no salão do sindicato dos têxteis. Porém, como a diretoria do sindicato dos metalúrgicos era contra a greve, os diretores do sindicato dos têxteis proibiram que as atividades de mobilização se desenvolvessem em seus salões. Os trabalhadores criaram, então, várias estratégias para manterem-se unidos, como passeatas ao centro da cidade e a exigência para que o prefeito cedesse novos espaços para as reuniões. O novo local foi a ‘Casa do Jovem’ no bairro de Santana, que passou a ser o lugar da organização, centro de difusão de informação e, inclusive, moradia de alguns operários durante o movimento. Vê-se, que os metalúrgicos, constituíam suas vivências e seus espaços não apenas nas fábricas, mas no seu sindicato e no sindicato de

³⁶ Entrevista concedida por Marilena Trevisan, esposa de Ivan Trevisan, trabalhador na Philips. Entrevista realizada em setembro/2004.

outras categorias, nos bairros, nas praças, em frente à Câmara Municipal e no gabinete do prefeito.

Em entrevistas, com trabalhadores metalúrgicos, realizadas um pouco antes de uma reunião sobre o processo de Anistia Política³⁷, vemos a luta pela sobrevivência sobressair, pois, diante de uma situação de perseguição política e início do processo de inovação tecnológica, que reduziu postos de trabalho, estes trabalhadores foram criando estratégias para permanecer/viver na cidade. Rui da Silva é mineiro e mesmo tendo sua família em Itajubá, continuou em São José dos Campos realizando “bicos”. Neste trecho da entrevista perguntei porquê ele havia me falado que não “tinha confiança na democracia”:

“... a perseguição é do mesmo jeito. A perseguição continua do mesmo jeito e na época militar eu tinha um trabalho para mim trabalhar, eu tinha um trabalho, eu trabalhei bastante tempo, depois da Ditadura eu trabalhei gato pingado e agora como diz... cheguei agora uma hora tá explicando uma questão, eu tenho 33 anos de contribuição, de contribuição já, e tem um processo nosso, não sei se a culpa é da anistia ai, eu não recebo nem da anistia, que não tem (...) e nem posso aposentar porque não completei 35 anos”

Na luta por permanecer na cidade, Rui da Silva fez “bicos” para garantir o sustento, o que gerou outro problema compartilhado por muitos trabalhadores em um país onde mais da metade da força de trabalho está na “informalidade”: a impossibilidade de aposentar-se, devido à falta de recolhimento de contribuição ao INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social).

Com a experiência vivida na cidade, estes trabalhadores vão modificando suas idéias, opiniões e, inclusive, suas expectativas em relação a São José dos Campos, a cidade industrial onde se tinha a expectativa de “arrumar serviço”, estudar e daí criar suas raízes começa por não oferecer um número de vagas suficientes para os que nela habitam. Outras preocupações são colocadas pelos trabalhadores, como a preocupação com o desemprego e a qualificação.

³⁷Entrevistei metalúrgicos pertencentes a dois grupos de Anistia Política. Esses grupos reivindicam reconhecimento do Estado de que foram perseguidos durante a Ditadura Militar. Trata-se de trabalhadores que ao realizarem greves na EMBRAER em 1982 e na General Motors em 1985, além de terem sido demitidos, encontraram, após, inúmeras dificuldades de conseguirem outro emprego como metalúrgicos. As estratégias que estes trabalhadores criaram para sobreviver à partir daí fazem parte das preocupações desta pesquisa.

“A primeira empresa que eu trabalhei a primeira que eu trabalhei foi a de fiação e tecelagem na ____ eu já comecei tendo atrito o meu chefe era uma máquina daqui ali pra gente operar a máquina, o chefe chegava e ficava olhando pra mim eu desligava a máquina e saía eu falava eu trabalho não fique me observando cara se eu não tiver fazendo a produção direito você fala comigo mas não fica me observando...o cara chegava e ficava assim ai eu pegava desligava a máquina e saía eu falava caboco não fique olhando que eu detesto isso quando eu tô trabalhando se você quer chegar e falar que alguma coisa tá errada você chega e fala mas não fica...ai depois trabalhei na primeira firma foi na Canedo, depois trabalhei na Eriksson, trabalhei na Eriksson trabalhei três meses ai sai por causa de atrito trabalhei duas semanas na GM, trabalhei mais um ano trabalhei mais seis meses na Eaton trabalhei um ano na Bundy e depois cai na Embraer”

Pode ser considerado como uma estratégia as trocas constantes de empresas que estes trabalhadores faziam antes de firmar-se em uma única fábrica. A busca por melhores condições de trabalho e salário, além de um ambiente de respeito entre trabalhadores e chefia, eram almejados por metalúrgicos. As expressões “fui pego” pela empresa e, como no trecho da narrativa de Carlos Alberto³⁸, “cai” na EMBRAER indicam um momento onde conseguir emprego não era tão difícil.

Porém, na década de 90, as experiências vividas começam a modificar-se. A facilidade de conseguir emprego deixa de existir, ao contrário, inicia-se um processo de demissões em massa por parte das grandes fábricas. Forja-se um discurso hegemônico que coloca a “culpa” da exclusão de trabalhadores do mercado neles próprios pela “falta de qualificação”. O discurso da necessidade das empresas competirem no mercado internacional passa a permear relações sociais onde homens começam a ser substituídos por máquinas. Se as experiências destes trabalhadores metalúrgicos indicam estratégias onde inclusive a demissão sem justa causa poderia ser bem vinda, pois significaria poder sacar o dinheiro do FGTS para comprar ou dar entrada em uma casa ou um carro e logo depois ingressar em uma outra empresa, as demissões que começam a ocorrer em fins da década de 80 e início de 90 passam a significar que o trabalhador poderia passar um longo período sem arrumar outro emprego, indica uma situação que às vezes, o próprio ofício de metalúrgico poderia ter que ser abandonado para que se pudesse garantir a sobrevivência através de “bicos” como pedreiro, vendedor ambulante, vendedor de seguros ou corretor de imóveis. O desemprego passou a significar uma

³⁸ Carlos Alberto veio do nordeste para São José dos Campos, “sou de perto da cidade do Presidente”. Trabalhou em várias indústrias metalúrgicas até ser demitido em 84 da EMBRAER por participar de

queda do padrão de vida dos trabalhadores. A cidade industrial, fonte das expectativas de emprego, começava a mudar.

As relações que estes trabalhadores vão constituindo com a cidade vão passando por várias mudanças. Há que citar a redução das compras no comércio, as viagens para o litoral, a procura por colégios públicos para os filhos que estudavam em escolas particulares, corte de gastos com roupas e alimentação. A chamada “flexibilização” dos direitos trabalhistas insere-se neste período, com uma maior pressão para que trabalhadores metalúrgicos aceitem redução da jornada com redução de salários em “troca” da manutenção de seus empregos e as terceirizações, que para a vida destes trabalhadores significa empregar-se em empresas onde os benefícios, que eram pagos pelas grandes indústrias como a EMBRAER e GM, não existem. Com o desemprego, muitos trabalhadores demitidos oriundos de outras regiões voltam para sua cidade natal.

“Na EMBRAER eu era chapeador é como se fosse hoje um ajustador mecânico, é ligado à área da mecânica, lá eu fiquei três anos lá na EMBRAER, aí houve aquela crise de privatização da EMBRAER, o Collor tava no poder nessa época, época de 90, 92 e ele demitiu nada mais nada menos seis mil funcionários, então ele deixou seis mil pais de família desempregados e onde veio a calhar desemprego, abaixar renda, o nível social das pessoas em São José caiu muito, então atingiu até o comércio, o comércio caiu bastante”³⁹

Na narrativa de Paulo César podemos perceber um processo de mudança que muito mais do que apenas a mudança de nome do ofício de chapeador para ajustador mecânico revela o enredo das mudanças ocorridas na produção que extinguiu ofícios, alterou ritmos de produção e reduziu postos de trabalho. Aparece de forma ambígua, na narrativa deste trabalhador, a questão do desemprego que ele atribui à política de privatização de Fernando Collor de Mello. Porém ao significar a reestruturação da produção, Paulo César coloca

“Uma mudança, um um corte né e acabou que aqueles que era bem mais formado, tinha uma profissão, uma qualificação, e conseguiu ficar no mercado, entendeu? Aqueles que parô no tempo hoje tão aí correndo atrás, porque o importante hoje não é você ficar parado, importante você adquirir novos conhecimentos, então pra você ficar

greve naquele ano. Para sobreviver realiza “bicos”. É músico, participa de projetos culturais na cidade ligados à esta área.

³⁹ Entrevista de Paulo César dos Santos feita em setembro de 2004. Atualmente Paulo César é trabalhador na HITCLEFT, empresa de refrigeração.

hoje em São José, pra você se manter no mercado de trabalho, você tem que ter novos conhecimentos”

A política de privatização de estatais, iniciada pelo Governo Collor e potencializada no Governo de Fernando Henrique Cardoso, tem como face da mesma moeda a chamada “reestruturação da produção”. Essa política redefiniu atividades desenvolvidas nas empresa, formas de gestão e ritmos de trabalho, acarretando um desemprego muito forte que atingiu não só os trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos, mas várias categorias de trabalhadores brasileiros como bancários, petroleiros, entre outros. Como que trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos perceberam e interpretaram essas mudanças nas relações de trabalho será analisado no segundo capítulo.

A região das “Chácaras Reunidas” e o Bairro de Santana abrigam empresas de pequeno e médio porte que foram criadas principalmente para a fabricação de peças e componentes para as grandes empresas metalúrgicas, esse processo de terceirização é parte da reestruturação da produção. Para a vida do trabalhador, representa que as vagas de trabalho começam a aparecer com maior intensidade nessas pequenas e médias indústrias, sem que haja correspondente salarial e de benefícios pagos como eram nas grandes empresas. Porém, em tempos de desemprego, essas indústrias constituíam-se como espaços de possibilidade para se continuar exercendo o ofício de metalúrgico, inclusive para aqueles que eram demitidos das grandes empresas em função de exercerem atividades sindicais

“Nas empresas de grande e médio porte nós éramos fichados lá antecipadamente. Aí comecei, eu fui trabalhar, na época eu entrei numa fábrica pequena né, a gente usa falar aqui fundo de quintal e comecei a trabalhar nessa pequena fábrica”⁴⁰.

As pequenas e médias empresas apareciam enquanto possibilidade destes trabalhadores sobreviverem nestes tempos difíceis, porém isso acarretava uma mudança no modo de vida destes trabalhadores, inclusive no ponto da solidariedade e da convivência que existiam nas grandes fábricas. As pequenas empresas empregavam no

⁴⁰ Entrevista de Getúlio Guedes. Realizada em julho de 2004.

máximo vinte trabalhadores⁴¹ onde além do salário ser menor, estes sofriam uma maior vigilância por parte da chefia.

“depois da Maquei eu entrei numa outra firma M. C. Roche uma pequena calderaria um galpãozinho mixuruca lá em Santana é ... de calderaria... esse um, aí, ele me propôs...ele falou o seguinte que ele tinha ordens de não pegar ninguém da Embraer da época na greve de 84, mas, como eu falei pra ele, eu tava de consciência limpa, que ele podia me arrumar sem dúvida, e qualquer coisa que eu precisava fazer no momento, ele falou..ó eu até te arrumo então ... abrir uma exceção... mas não na função de __ e nem do salário que você tá na Embraer...eu aceitei...42”

O trabalhador metalúrgico construiu seu espaço em São José dos Campos através de relações sociais nas quais reconhecia-se e era reconhecido.

“Sai da Alpargatas e fui pra FIEL e depois, logo em seguida, eu entrei na GM, foi um feito né? Trabalhar na GM seria uma coisa assim, era considerado GM e Embraer na época era, aliás, na época era considerado, até tinha, eu me lembro que as pessoas falavam aqui, na porta da Embraer você andava com a carteirinha da Embraer no braço, chegava na polícia e apresentava a carteirinha você era respeitado, era só apresentar a carteirinha. Naquela época, você apresentava a carteirinha da GM e Embraer era respeitado, que era uma das maiores fábricas, a GM principalmente, o salário era razoável. Não é que era aquilo , mas como operário você vivia...”43.

O salário numa grande indústria metalúrgica geralmente possibilitava ao trabalhador ter casa e carro. O convênio médico das grandes empresas estendia-se à família do trabalhador incluindo os filhos até os dezoito anos.

Porém esse tempo parecia estar mudando e outros modos de vida outras relações vão sendo constituídas, nas quais os metalúrgicos sentem-se, por vezes, excluídos. Essa exclusão de relações sociais, antes possíveis, pode aparecer nas narrativas através de um “sentir-se” mais explorado:

“A diferença você conseguia, pelo menos quem tava aqui fora achava que você sendo metalúrgico, você podia conseguir realizar

⁴¹ Empresas como a EMBRAER chegaram a ter doze mil e quinhentos funcionários no final dos anos 80. Com as demissões em massa ocorridas na década de 90, esse efetivo chegou ao mínimo de 3.200 funcionários. Sobre o processo de demissões ver: **Greves e Demissões são reflexos da recessão no Vale na década de 80.** Jornal Vale Paraibano. 24/02/2002. Série: Vale Paraibano 50 anos. É tudo verdade.

⁴² Entrevista com Cláudio Corrêa. Realizada em julho de 2004.

⁴³ Entrevista com Josias Melo. Realizada em julho de 2004.

alguns sonhos, que era ter a casa própria, e era um fato que as coisas era mais em conta, a compra de um terreno era mais em conta, você tinha mais crédito, agora, hoje a situação que nós estamos vivendo, depois de tanta evolução, a exploração eu vejo mais ainda, a mão-de-obra tá sendo muito mais explorada e você entra numa fábrica hoje e você não consegue nem comprar uma casa, não consegue realizar os sonhos, porque a mão-de-obra nossa, hoje, é muito sucateada”.

Antônio Ladeira interpreta esses tempos de mudanças que o levam à não realizar suas expectativas como fruto de uma intensificação do processo de exploração. Para este trabalhador o “aumento da exploração”, resulta na exclusão das relações sociais antes possíveis para os metalúrgicos. A “falta de crédito” significa que foram constituídos na cidade novos e diferentes modos de vida nas quais os metalúrgicos acabaram por ser excluídos. Emerge um enredo onde o desemprego e o arrocho salarial fazem com que a casa, o carro, enfim os desejos e sonhos de metalúrgicos façam cada vez menos parte da vida destes trabalhadores. É importante salientar que Ladeira ingressa na GM em 1985, portanto numa fase onde a o processo de reestruturação da produção é intensificado.

Ao começar a pesquisa de campo para a escrita desta dissertação, trazia comigo o pressuposto de que trabalhadores metalúrgicos tivessem uma vida muito sofrida, vitimizados pela exploração das indústrias. Porém, se é certo que há esta exploração por parte das fábricas com a pressão por horas extras, que separam os trabalhadores do convívio familiar e o arrocho salarial, temos nestes trabalhadores sujeitos ativos que se colocam e lutam para modificar as condições de suas vidas.

As atividades de lazer de trabalhadores de São José dos Campos são a “cervejinha no bar” no final de semana, os torneios de futebol de várzea (onde geralmente os times são divididos por bairros), a pescaria, e num feriado mais prolongado que se tira do serviço⁴⁴ há a opção de “descer” ao litoral, principalmente nas cidades de Caraguatatuba, Ubatuba e São Sebastião⁴⁵. A distância entre São José dos Campos e Caraguatatuba facilita esta opção de lazer, onde, pela Rodovia dos Tamoios, chega-se em meia hora de carro à praia, ou quarenta minutos de ônibus de linha.

A maneira que os trabalhadores vivem o lazer também está impregnada de historicidade, o metalúrgico aposentado Josias Melo coloca:

⁴⁴ Isso porque nem todas as fábricas param em todos os feriados, a General Motors, por exemplo, sempre escala algumas turmas para trabalhar.

⁴⁵ O Litoral Norte Paulista, onde localizam-se estas cidades, faz parte da região administrativa do Vale do Paraíba.

“A situação era bem diferente de hoje. Com todos os problemas que a gente tinha, eu costume, eu costumava dizer o seguinte, eu trabalhei praticamente vinte e quatro anos na GM e o que eu fazia, agora, porque faz doze anos que eu sai da GM. (...) Eu trabalhava na produção. O que eu fazia há vinte anos, com o salário da GM eu não conseguia fazer agora de jeito nenhum, eu gastava muito dinheiro, passeava, eu ia viajar entendeu? Final de semana eu inclusive tocava um time de futebol, gastava dinheiro, tomava cervejada. Hoje, não dá mais para fazer isso, mesmo trabalhando na mesma fábrica.”⁴⁶

As relações construídas no passado deste trabalhador foram modificadas no seu presente como aposentado. Quando Josias fala “com todos os problemas que a gente tinha”, é a forma de colocar-se enquanto sujeito ativo que embora vivendo em meio às dificuldades, seguia construindo sua história através de relações que não estão mais postas no presente. Sua diversão é lembrada não para emergir saudosismos, mas para análise de práticas sociais não mais estabelecidas por este trabalhador, hoje aposentado, mas, principalmente por jovens trabalhadores que ingressaram nas fábricas em fins da década de 80 e durante a década de 90.

⁴⁶ Entrevista com Josias de Oliveira Melo realizada em Julho de 2004.

2º CAPÍTULO:

Reestruturação Produtiva e mudanças nas relações de trabalho: a experiência de metalúrgicos.

No primeiro capítulo, busquei analisar como trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos perceberam e interpretaram, através de suas experiências, das suas trajetórias de vida, as alterações ocorridas na cidade. Perceber como esses trabalhadores vivenciaram essas mudanças e como significaram e re-significaram suas relações sociais na cidade, a partir dessas transformações, é importante para analisar outras histórias sobre o processo de crescimento urbano e desenvolvimento industrial de São José dos Campos.

Neste capítulo, pretendo analisar as relações de trabalho vividas por metalúrgicos em diversas fábricas na cidade. O primeiro e o segundo capítulo articulam, portanto, o dia a dia na cidade e nas fábricas através das narrativas de trabalhadores sobre suas experiências, artigos de jornais da cidade (principalmente do jornal “Vale Paraibano”) e das ‘broncas’ da coluna Dito Bronca do jornal do Sindicato dos Metalúrgicos.

As últimas décadas constituem-se num tempo intenso de mudanças para estes trabalhadores/moradores de São José dos Campos. Os trabalhadores participam destas transformações ativamente vivendo novas experiências e atribuindo significados. Assim, emerge para além da História cunhada nos jornais e na ‘memória oficial’ da cidade, outras histórias e interpretações destes tempos de mudanças, enfim a cidade se transforma ao se transformarem e modificarem os modos de vida dos sujeitos sociais que lá estabelecem relações. Essa alteração das condições de vida e trabalho de metalúrgicos pode ser dimensionada através de várias situações como o medo do desemprego, a questão da qualificação profissional, a preocupação com a formação profissional dos filhos, o relacionamento com a família, as mudanças de expectativa em relação à cidade, os problemas oriundos do crescimento industrial e populacional como o surgimento de novos bairros, a demanda por infra-estrutura, como água, transportes, etc...) e as dificuldades no dia a dia do trabalho (como as questões de insalubridade, terceirização, acidentes de trabalho).

O processo de reestruturação da produção também será analisado neste capítulo a partir das narrativas de trabalhadores que vivenciaram e vivenciam este processo no

dia-a-dia nas fábricas. É importante ressaltar que a reestruturação da produção é analisada aqui enquanto processo e não enquanto fenômeno. Por processo entendo um período de transformações e não de rupturas. Assim, a introdução de novas tecnologias e modos de gerenciamento nas fábricas engendrou outros viveres e novas disputas na vida e no trabalho de metalúrgicos. O sentido da ‘modernização’ e da reestruturação da produção fabril pretende cunhar um sentido para história da cidade de São José dos Campos de progresso, de desenvolvimento e de integração privilegiada nos mercados nacional e internacional, enfim de inserção na ‘sociedade globalizada’. Porém, da análise de narrativas, que os trabalhadores constroem sobre seus enredos de vida, emergem outras relações e vivências deste período, que disputam os significados e o sentido destas mudanças.

Entre os trabalhadores de fábricas, há uma divisão de acordo com a função exercida: há aqueles que trabalham na produção, na linha de montagem das mercadorias e os ferramenteiros, que trabalham na produção de ferramentas, como o torneiro mecânico. Na fábrica, há, também, a divisão entre empregados mensalistas e horistas. Os trabalhadores mensalistas são aqueles que trabalham na administração (recursos humanos, departamento pessoal), os técnicos (assistente social, médico) e nos postos superiores de chefia (gerentes, supervisores). Já os horistas, como o próprio nome indica, têm o salário calculado por hora de trabalho, o que ocorre tanto para os trabalhadores da produção como para os ferramenteiros.

Marcos e James, ex-funcionários da General Motors - GM, explicam o seu ofício:

“Marcos – Porque é quem fabrica a ferramenta, quem trabalha com ferramenta. Então quem trabalha com ferramentaria era o peão de elite.

James – E eram os mais politizados também. A maioria das greves saíram das ferramentarias.

Marcos – Normalmente era o que queria mais e melhor né? Todas as greves ou quase todas as greves nasceram nas ferramentarias. (...) Mesmo contra a vontade de quem trabalhava na produção, porque eles diziam que a gente queria aumento para sustentar as nossas madames, mesmo contra a vontade deles....”⁴⁷

⁴⁷ Essa entrevista foi realizada no salão do sindicato dos metalúrgicos, enquanto Marcos e James esperavam o horário de uma reunião. A maior parte da entrevista é feita com James, porém o Marcos participa de alguns trechos como o citado acima.

O trabalhador na ferramentaria, geralmente, ganhava mais que o da produção, além de ter uma importância estratégica em casos de ocorrência de greves, pois podia parar o setor de produção se não fabricasse as ferramentas necessárias. Apesar dessas diferenças, que inclusive, ficam explícitas nas falas destes narradores, ferramenteiros e trabalhadores da produção compartilham experiências como as longas jornadas de trabalho, refeitórios, vestiários, perseguição de chefia entre outras situações. Essas experiências compartilhadas fazem com que, apesar das peculiaridades de cada ofício, esses trabalhadores defendam interesses comuns e sejam solidários no dia-a-dia. Outro ponto que se pode observar na narrativa destes trabalhadores é quando James fala “que eram os mais politizados”, percebe-se o orgulho e consciência da importância do trabalho que desempenhavam.

James e Marcos trabalharam na General Motors até a greve de maio de 1985. Ambos foram demitidos por terem participado do movimento paredista deste ano. James era, inclusive, da recém eleita comissão de fábrica, que os trabalhadores tinham conquistado na greve de 1984. Ao ser indagado sobre as relações de trabalho na fábrica, James rememora a difícil relação com a chefia

James - Feitor, você sabe o que que é né? Feitor veio da época dos escravos. Feitor de escravos. Mas essa nomenclatura, nós também derrubamos, foi uma briga feia nossa pra tirá, depois passou a ser supervisor. Os nossos supervisores, alguns eram bons, a General Motors, ela foi construída mais em cima da área de produção, na área de produção você não pegava gente especializada, então eles buscavam mais gente ignorante, então quando esses ignorantes pegavam uma certa posição, se tornava feitor, aí se achavam muita coisa.

Mônica - Esse ignorante que você tá falando é o que?

James - Era peãozada mesmo, só que peãozada depois de uma certa época pegava uma certa posição, aí virava supervisor aí eles começaram achar... achar que eram diferente.

Este trecho da narrativa de James indica uma série de práticas sociais comuns da época em questão (fins dos anos setenta e início dos anos oitenta). O trabalhador da fábrica conseguia, mesmo com pouca formação, ter uma ascensão dentro da empresa, essa situação contrasta com as exigências por qualificação na década de noventa. Esta possibilidade estava colocada de acordo com a postura do trabalhador, algumas vezes era necessário que se fizesse horas extras e que cumprisse à risca as exigências do seu superior imediato, para lhe valer a indicação, criando, assim, uma relação de

favorecimento⁴⁸. É importante observar, porém, que nem sempre a promoção era obtida através deste tipo de relação. O trabalhador, enfim, batalhava pela sua promoção. Ocorria, também, que o trabalhador ao ser promovido para um posto de chefia sentia-se numa posição diferenciada e com interesses diversos do peão, o que gerava atrito dentro do setor de trabalho. Esta situação não era regra, pois em entrevista realizada com Getúlio Guedes, que ocupou o cargo de supervisor em uma pequena empresa que fabricava peças para Embraer, este me falou que embora não pudesse atuar no movimento sindical junto com os companheiros da linha de produção, fazia “vistas grossas” ou ajudava o movimento pelo lado de fora da fábrica.

Geralmente, as grosserias da chefia são interpretadas pelos trabalhadores como uma falta de especialização para assumir o cargo ou como uma falta de educação “trazida de casa”. Na coluna Dito Bronca, trabalhadores atribuem significados a relações de trabalho na fábrica:

“O Ercílio Rodrigues, na verdade, não passa de um instalador de ferramentas que tapa-buraco como encarregado que chega até a negar luvas para os companheiros trabalharem. O Luiz Carlos, preocupado em agradar seu chefe, o Banzan, vive ameaçando e pressionando os trabalhadores e o supervisor se mostra um verdadeiro ditador, pois não é possível uma pessoa trabalhar 9 horas e meia sem falar com o companheiro que está do lado. Acho que o Banzan precisa rever seus conceitos de boa vizinhança.”⁴⁹

Além de atribuir uma falta de especialização aos chefes que não os respeitavam, havia o entendimento que o superior imediato era igual ao peão. Assim, o desrespeito e a grosseria, por parte de trabalhadores que conseguiram cargo de chefia, eram considerados como uma quebra da solidariedade construída. Havendo esta quebra da solidariedade, o ‘chefe’ em questão era considerado ‘puxa-saco’ ou ‘pelego’.

*“Chefe pensa que é dono da Engesa.
No Almoxarifado da Engesa tem um chefe, um tal de Edgar, que pensa que é dono da fábrica. Ele desrespeita a todos, fala palavrão se mete até com funcionários de outras seções e pressiona todo mundo para trabalhar em ritmo acelerado. Com isso já levou até alguns companheiros a sofrerem acidentes.*

⁴⁸ Essa “relação de favorecimento” poderia resultar em indicação para o trabalhador ser promovido, bom desempenho nas avaliações de rotina da fábrica que eram feitas pela chefia e outros “benefícios” tais como poder chegar atrasado de vez em quando sem levar falta ou advertência e poder sair da fábrica, em hora de serviço, para resolver algum problema particular.

⁴⁹ Coluna Dito Bronca. **Jornal ‘O Metalúrgico’**. Ano III. nº 21. Agosto 1984. Essas “broncas” do Dito referem-se à General Motors.

Segundo diz a moçada da Engesa, inclusive os que foram mandados embora por ele, até mesmo os outros chefes da firma devem achar péssimo ter uma pessoa dessas como companheiro, pois com as atitudes que tem, não merece a confiança de ninguém”⁵⁰.

A Jornada de trabalho de metalúrgicos era muito extensa, chegando a 240 horas mensais⁵¹. Além disso, havia as horas extras e a obrigação de se trabalhar aos sábados, domingos e feriados. James narra que quando entrou na General Motors não tinha nenhuma “malícia”

“tanto que eu era um cara que às vezes, trabalhava numa área, eu fiquei até doente, eu trabalhava no lugar de três caras, até que um amigo meu virou pra mim e falou você tá ficando doido? Tá ficando doido? Você tá fazendo o trabalho de três pessoas, tá bom, aí como eu era mais estudado do que os outros, eu tava esperando uma oportunidade do meu chefe falar pra mim e nisso ele não deu oportunidade pra ninguém, se tem um cara que trabalha no lugar de três, porque ele vai colocar você em outro lugar? Como vai melhorar a sua situação? Aí acabou, aí com um ano de, com dois anos eu vi o que estava acontecendo, eu comecei a avacalhar, eu discutia com o meu chefe questões políticas, queria meus direitos, aí apareceu essa oportunidade, precisava de uma pessoa pra trabalhar pra, pra ser comissão de fábrica, que era suplente do Reizinho que era o titular, Reizinho era o chefe da coligação aqui, aí eu entrei pra ser suplente, era uma seção, tinha a usinagem 3 e o caminhão, eu era do setor do caminhão e o Edeilson era do setor 3 do turno da noite, era oito pessoas nesse sentido”

A experiência de não conseguir a promoção almejada mesmo com muita dedicação e uma certa especialização⁵², “eu era mais estudado do que os outros”, constituiu para James uma época de mudança na consciência, de “sentir-se explorado” e procurar alternativas através da comissão de fábrica. James conta que também fazia muitas horas-extras, por isso, acha que não era promovido justamente porque trabalhava o mesmo que “três operários”.

As horas-extras emergem de forma ambígua da narrativa de trabalhadores metalúrgicos, pois possibilitavam uma oportunidade de aumentar o salário ao mesmo tempo em que privava o trabalhador de seu convívio familiar. Algumas empresas, entretanto, apesar de exigir horas-extras não as pagavam corretamente, como a Hitachi

⁵⁰ Coluna Dito Bronca. **Jornal “O Metalúrgico”**. Ano III. nº 17. Junho/1982.

⁵¹ Em 1988, através de intensas mobilizações, os trabalhadores da Philips conquistam a jornada de 6 horas. A fábrica passa a funcionar, então, com turnos ininterruptos de 6 horas.

que em 1983, foi denunciada pelos operários que lá trabalhavam por estar obrigando-os a marcarem as horas a mais numa ficha em separado para não serem fiscalizadas pela Delegacia do Trabalho⁵³.

Em suas estratégias por constituir um ambiente de trabalho agradável, trabalhadores metalúrgicos criavam espaços na fábrica onde podiam fortalecer laços de solidariedade e amizade, podiam conversar sobre política ou futebol, jogar truco e fumar cigarros. Esses espaços eram principalmente no descanso após a refeição, quando se juntavam as rodinhas de discussão, geralmente à sombra de uma árvore⁵⁴. Outros espaços eram aproveitados como a ida ao banheiro, vestiário, na parada para o cafezinho ou para beber água.

*“GM não dá descanso depois do almoço
O ônibus que sai da Usinagem 3 da GM para levar os trabalhadores para o almoço, continua dando os mesmos problemas reclamados por um companheiro da fábrica, aqui na bronca do Dito do jornal de fevereiro. O ônibus sai superlotado e demora tanto para chegar no restaurante que os operários mal tem tempo de ficar na fila, comer correndo e pegar no trabalho, sem um minuto de descanso.
Isso não é jeito de tratar o pessoal que mais dá duro dentro da fábrica e por isso mesmo precisa de um descanso depois do almoço: é uma questão de saúde que a GM está desrespeitando não é de hoje”.⁵⁵*

Não é só a questão da saúde do trabalhador que está sendo disputada. O ‘descanso’ após o almoço é o momento não só de recuperar as forças para voltar ao trabalho, mas para conversar e, inclusive, organizar-se. E realmente, percebemos, durante a pesquisa que esse é um momento disputado por trabalhadores e supervisores no gerenciamento da fábrica. Nesta narrativa, Josias rememora de que forma se deu esta disputa após a greve de 1985 na General Motors:

*M - Você tinha que comer sozinho, então?
J - Não. Nós podia comer, mas na hora que você acabava de comer e que você ia descansar, em baixo da árvore em algum lugar, se você estivesse sentado conversando, três, quatro, ele chegava e*

⁵² Quando utilizo a expressão “certa especialização” refere-se à especialização técnica de cursos profissionalizantes como o SENAI, que serviam como uma porta de entrada para o emprego nas fábricas, porém a experiência do ofício era adquirida no dia-a-dia do trabalhador.

⁵³ Hitachi faz trambique para esconder hora-extra. Coluna Dito Bronca. **Jornal ‘O Metalúrgico’**. Ano II. n°13. Janeiro. 1983.

⁵⁴ Nos momentos de construção de movimentos grevistas essas “rodinhas” chegavam a ter entre 30 e 40 trabalhadores.

⁵⁵ Coluna Dito Bronca. **Jornal ‘O Metalúrgico’**. Ano I. n° 5. Abril, 1982.

*esparramava aquela rodinha. Aquilo me deixava indignado me deixava doente, eu fiquei doente na época da GM, que me arrepiava, não é possível um negócio desse. Isso daqui não é uma fábrica, é um campo de concentração. Você não podia conversar. Na hora do trabalho não podia conversar, na hora do almoço não podia conversar. A gente tava batendo papo lá sobre mulher, sobre futebol né?*⁵⁶

A proibição dos trabalhadores conversarem e reunirem-se após as refeições e durante o trabalho era uma tentativa da administração da GM de evitar, novamente, organização e greve de trabalhadores. Essa situação acabava gerando mais insatisfação, pois como narrado por Josias, a prática social da organização desses “grupinhos” e “rodinhas” muitas vezes eram para os trabalhadores conversarem sobre “suas vidas”, “futebol” e “mulher”. Assim, na impossibilidade da realização dessa prática, diretamente ligada ao modo de vida e trabalho desses metalúrgicos, Josias interpreta esses tempos igualando a fábrica a um “campo de concentração”, ou seja, a fábrica tornava-se o local da obrigação e da arbitrariedade.

Essa disputa pelo tempo de descanso após o almoço e a “paradinha” para beber café e água preconiza que o ritmo de trabalho estava sendo alterado nas fábricas, tornando-se mais intenso. À noção de tempo imbrica-se a questão da produtividade, onde todos minutos do trabalhador passam a ser requisitados.

Ao lado de reivindicações como aumento salarial, redução da jornada e direito de organização sindical no local de trabalho, temos pretensões do dia-a-dia de metalúrgicos que lutam pela constituição de um ambiente agradável no local de trabalho onde também se pleiteia direito ao café com leite (e açúcar), tempo para o banheiro, sabão para lavar a mão, descanso após o almoço, papel higiênico e limpeza tanto nos banheiros como no refeitório. O sujeito não se constitui apenas nos grandes movimentos, tendo necessidade de lutar pelo seu dia-a-dia. Havia uma certa identificação de interesses entre os operários horistas (ferramenteiros e trabalhadores da produção) em virtude da experiência que compartilhavam em relação à luta por essas demandas. Já os mensalistas e principalmente a diretoria da fábrica, não compartilhavam deste problema, pois tinham geralmente banheiros e refeitórios próprios, café, leite e pão à vontade. Além disso, a diretoria tinha carros da fábrica à disposição.

⁵⁶ Entrevista com Josias de Oliveira Melo. Já citada.

Na linha de montagem, o ritmo é frenético e dificilmente pára. Em algumas empresas, para que um trabalhador possa ir ao banheiro, outro deve ocupar o seu lugar na linha de maneira que esta não é interrompida. Há a prática de cronometrar o tempo em que o trabalhador vai ao banheiro. Da mesma forma, substitui-se o operário que vai beber água. Essa situação, dependendo da relação trabalhadores – supervisores pode ficar tensa. Há supervisores que estipulam número certo de pessoas que podem ir ao banheiro por vez, há fábricas, inclusive, onde o banheiro fica fechado de forma que o trabalhador é obrigado a procurar o supervisor que está com a chave, estabelecendo, assim, uma forma maior de controle.

Outra preocupação dos trabalhadores, a respeito das condições em que trabalham, refere-se ao risco de acidentes, bem como a existência de setores insalubres.

Metalúrgicos que trabalham em áreas de fundição, rebarbação, fornalha⁵⁷ e solda são os que mais estão expostos a riscos. Consideram-se, por isso, como “o pessoal que mais dá duro dentro das empresas”. Em seu livro *A Greve da GM*, Celso Horta, escreve como é o trabalho nestes setores na General Motors em São José dos Campos:

“(...) fundição de ferro, onde são fabricados os cabeçotes, o bloco e o virabrequim dos veículos produzidos em São José. Há máquinas que fundem e que fazem a caixa de moldagem, onde os vasadores já estão instalados. Terminada a moldagem, a peça é suspensa e as roldanas a carregam para a seção de rebarbas. Nesse trajeto elas demoram cerca de sete horas”⁵⁸

Nesse setor trabalha-se com ferro fundido em altas temperaturas e o menor problema pode representar risco de morte para o trabalhador. No setor da Fornalha da GM, os trabalhadores reclamam da emissão de gases tóxicos e problemas pulmonares, porém as condições insalubres não são exclusividade da General Motors. Em outras fábricas e mesmo em outras seções de trabalho os acidentes ocorrem e já ceifaram muitas vidas de trabalhadores⁵⁹.

⁵⁷ Os trabalhadores em Fornalhas tomam, geralmente, pílulas de sal para evitar a desidratação devido às temperaturas elevadas.

⁵⁸ HORTA, Celso. *A Greve da GM*. Scritta Editorial. S/d. Neste livro, Celso Horta analisa as condições de trabalho antes da greve na GM em 1985, o desenrolar da greve (onde houve a ocupação da fábrica) e seu desfecho com mais de 400 trabalhadores demitidos. Para tanto, entrevista vários metalúrgicos que trabalhavam na GM na época. O autor procura denunciar a intransigência da direção da fábrica e do governo, que trataram a greve como “caso de polícia”.

⁵⁹ Durante a pesquisa de campo realizada no mês de setembro, ocorreu a morte de uma trabalhadora na fábrica TECSAT. Ela morreu de infarto fulminante enquanto trabalhava.

Os sentidos dos acidentes no trabalho são disputados por trabalhadores, empresas e sindicato.

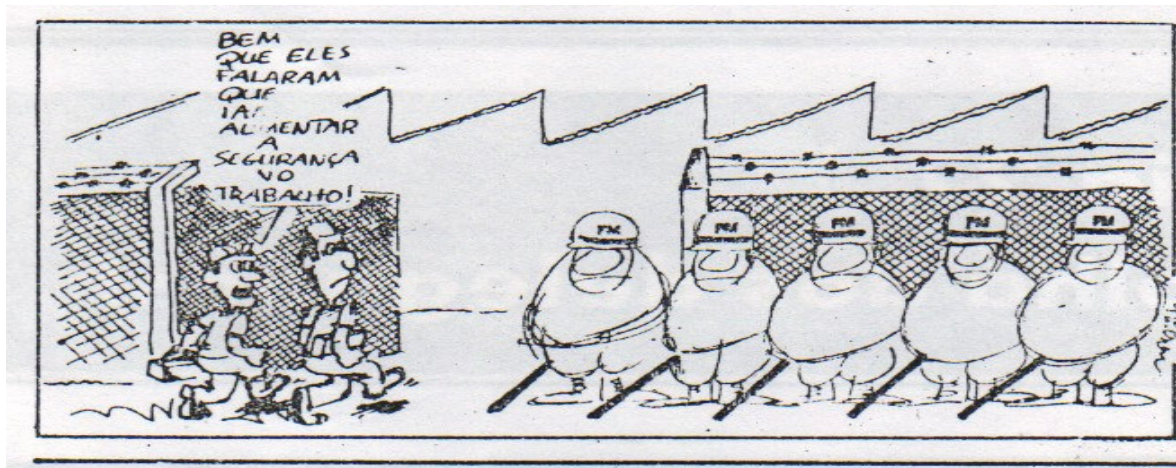


Esta charge foi publicada na revista Panorama⁶⁰ e contém de maneira explícita a filosofia da GM a respeito dos acidentes. Em filme apresentado pela administração da empresa na reunião anual da CIPA, o trabalhador que se acidenta é representado pelo Pateta (o personagem da Disney). Assim, para a GM, a culpa da ocorrência de acidente é do trabalhador, que não presta atenção na execução de seu ofício. Essa situação reflete-se em muitas lutas judiciais para que o trabalhador acidentado seja indenizado. Geralmente, as fábricas afirmam que dispõem do equipamento de segurança e é o trabalhador a não querer utilizá-lo⁶¹. A figura do Pateta e do Desastrino (desastrado) reforçam essa idéia da responsabilidade do trabalhador.

Para o sindicato, os acidentes de trabalho bem como a existência de condições insalubres é culpa das empresas, que regulam o uso do material de segurança, não investem em prevenção a acidentes e não permitem a organização de CIPAs (Comissão Interna de Prevenção a Acidentes). Há um claro embate entre essas duas idéias, que são evidenciadas nas negociações nas datas-base.

⁶⁰ Charge publicada pela revista Panorama (nº 36, ano XII) editada pela própria administração da GM. IN: **Ação e Razão dos Trabalhadores da GM**. Publicação do Fundo de Greve dos Metalúrgicos de São José dos Campos, Jacareí, Caçapava e Santa Branca, sob a responsabilidade do Sindicato da Categoria. 1985.

⁶¹ Com o novo Código Civil, os acidentes de trabalho ocorridos, mesmo pelo não uso do equipamento de segurança por parte do trabalhador, são responsabilidade da empresa. É a chamada responsabilidade objetiva, onde o direito tutela o fato em si (o acidente) e não a existência de dolo ou culpa, uma vez que à empresa cabe não só disponibilizar o equipamento de segurança como fiscalizar o seu uso.



Esta charge⁶² foi publicada pelo jornal do sindicato em virtude da grande repressão sofrida pelos metalúrgicos na Greve Geral do dia 21 de julho de 1983⁶³. A charge satiriza as promessas feitas pelas indústrias em relação à segurança do trabalhador.

Há, ainda, outras dimensões das vivências e experiências de metalúrgicos em seu local de trabalho.

As relações estabelecidas e vivenciadas entre trabalhadores horistas e mensalistas podiam ser permeadas de conflitos. É interessante analisar como que metalúrgicos significavam estas relações:

“Pessoal da Swissbras reclama do atendimento médico

Os companheiros da Swissbras estão cansados de reclamar do atendimento médico da firma. Ultimamente, além de não aceitar atestados de outros médicos, o médico de lá ainda tem ameaçado de demissão as pessoas que precisam se ausentar do serviço por problema de saúde. É mais um profissional dentro da fábrica que não descobriu qual é a sua verdadeira função.

Psicóloga da Fi-El tentou impedir o pessoal de falar sobre acidente

Com o acidente ocorrido na Fi-El, que provocou a morte de dois companheiros, a fábrica foi procurada pelo jornal Vale Paraibano e na hora que os repórteres foram conversar com alguns trabalhadores sobre o que houve, uma psicóloga que trabalha na Fi-El ficou o tempo todo fazendo sinais para impedir o pessoal de falar.

⁶² Publicada pelo jornal “O Metalúrgico”. Ano II, nº 18. Agosto de 1983.

⁶³ Essa greve foi chamada pela Comissão Pró - Cut e tinha como reivindicações: contra a política salarial e os pacotes econômicos do governo Figueredo, pelo salário-desemprego, redução da jornada de trabalho para 40 horas sem redução dos salários, eleições livres e diretas para Presidente da República, pelo fim da intervenção nas entidades sindicais e retorno das diretorias eleitas pelos trabalhadores e pela revogação da Lei de Segurança Nacional.

Depois dessa, a gente conclui que se algum trabalhador precisar de um psicólogo é bom ir tratando de achar outro pois quem reprime uma pessoa num caso como esse não deve saber compreender os problemas de ninguém.

Esses problemas de certos profissionais que atuam nas empresas não cumprirem com a sua verdadeira função, sempre traz grandes dificuldades para os trabalhadores, num ponto que deveria ser o mais respeitado: humanização dentro das fábricas. Se quem trabalha numa área importante como esta ainda não entendeu isso, os funcionários não têm que aceitar passivamente, uma situação que aumenta os seus problemas no serviço: têm que denunciar e exigir alguém mais consciente ocupando cargos dessa natureza.”⁶⁴

Ao atribuir significados às suas vivências no trabalho, metalúrgicos reivindicam uma situação onde as relações e condições de trabalho sejam mais “humanas”. Neste sentido, a bronca, em relação aos técnicos, tem como objetivo redefinir a situação. Os trabalhadores valorizam esses serviços, porém ao falarem que certos profissionais “não cumprem a sua verdadeira função”, procuram estabelecer outros princípios nestas relações. Para estes trabalhadores, a verdadeira função destes técnicos seria acompanhar e ajudar o trabalhador a resolver seus problemas, assim as relações deixariam de ser pautadas pelo interesse do capital, que perde quando um trabalhador fica doente ou falta, mas deveriam ser reguladas valorizando-se as pessoas que lá trabalham. Assim, a compreensão de sociabilidade é deslocada dos índices de produção para a valorização do trabalhador.

Em relação à alimentação nas empresas, temos um período de grandes mudanças se considerarmos os últimos vinte anos. Nas décadas de 70 e 80, aquele operário que trabalhasse na Fi-El fazia suas refeições em marmitex que chegavam gelados na fábrica e tinham uma qualidade questionável. Trabalhadores falam em “pedra no feijão, bicho na salada” e até “parafusos ou cacos de vidro na comida”. Uma das primeiras reivindicações atendidas em relação à comida foi a construção de refeitórios nas próprias empresas. Algumas fábricas, como a GM, optaram pela contratação direta de pessoas para trabalhar nos refeitórios, outras terceirizavam este serviço. Com a comida sendo preparada na empresa, outros problemas surgiram como a questão da limpeza nos refeitórios e cozinha. Na coluna Dito Bronca do jornal do sindicato, há algumas dezenas de reclamações da comida ter sido servida estragada. Atualmente, na General Motors há, inclusive sistema de ‘self-service’ nos refeitórios. É importante notar que este

⁶⁴ Ambas as broncas podem ser encontradas na Coluna Dito Bronca do Jornal ‘O Metalúrgico’. Ano II. n° 20. Outubro. 1983.

serviço é pago pelo trabalhador, sendo descontado de seu salário no fim do mês. Outro serviço que também é pago é o transporte de ônibus da fábrica aos bairros e o convênio com o clube da empresa.

Outras demandas sugeridas, na coluna do Dito Bronca, são: dispensa para receber o pagamento do salário no banco, direito de receber telefonemas no trabalho e a possibilidade de ausentar-se (sem levar falta) para resolver problemas particulares.

“(...) É o que volta e meia está acontecendo na Mafersa, onde os trabalhadores, por pura implicância dos chefes, não podem deixar o local de trabalho para resolver problemas particulares, que não podem ser resolvido, por exemplo, pela esposa ou parentes. O último caso grave nesse sentido acontecido na Mafersa foi em maio passado, quando um companheiro precisava levar seu filho para ser internado em Campos do Jordão e foi escalado pelo sr. Mário Flores para fazer horas extras. Diante da recusa do companheiro, o sr. Mário Flores chegou a redigir uma advertência ao trabalhador, que só não foi entregue por que o sindicato pressionou. Ô seu Flores, pára com isso. Puxa saquismo não dá camisa pra ninguém.”⁶⁵

Analisando a narrativa, percebemos que há um sentimento em relação à família, na qual mesmo em condições adversas de trabalho e pressão da chefia, o trabalhador não se calava. Assim, a relação com a família é valorizada, mesmo com a possibilidade da demissão. Neste sentido, férias compulsórias ou excesso de horas-extras, muitas vezes são questionadas como um empecilho ao convívio familiar. As horas-extras emergem de forma ambígua, pois apesar de representar uma possibilidade de se auferir um salário maior no fim do mês, prejudica o convívio com a família.

A inflação galopante, da década de 80, corroía o poder aquisitivo de trabalhadores. Vários fatores juntam-se nesta situação. Além da inflação, temos os reajustes de salário medidos por índices oficiais⁶⁶ que não dão conta do aumento de custo de vida real. Além disso, com o crescimento urbano em São José dos Campos, houve um aumento considerável do preço dos aluguéis. As mercadorias e serviços (como supermercado, médico, dentistas, escolas) necessários à sobrevivência do trabalhador e de sua família também tinham os seus preços elevados constantemente. Apesar do ofício de metalúrgico ter um piso salarial superior ao piso de trabalhadores

⁶⁵ . Coluna Dito Bronca . **Jornal ‘O Metalúrgico’**. Ano III. nº 21. Agosto. 1984.

⁶⁶ Uma das insatisfações, que impulsionaram as mobilizações de operários em fins da década de 70, foi justamente as manipulações dos índices de inflação divulgados pelo governo, que resultavam em reajustes salariais aquém das necessidades dos trabalhadores em face ao alto custo de vida. Os trabalhadores metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema lançaram-se, em 1977, numa campanha de reajuste salarial baseado em índice calculado pelo DIEESE de 34,1%.

do comércio e o fato daqueles terem duas datas-base anuais, o arrocho era sentido no dia-a-dia do trabalhador, assim as experiências da cidade e do trabalho imbricam-se:

“Não faz nem um mês, a lanchonete no clube da GM remarcou os preços dos sanduíches e refrigerantes servidos aos freqüentadores. E os preços foram novamente remarcados. A partir do último dia 20 de agosto, um refrigerante passou a custar 300 cruzeiros; um misto 400 e um pão com mortadela 350. Desse jeito não dá. Quando a gente pede um aumento salarial, todo mundo regula. O governo federal e os patrões se unem para ver a gente cada vez mais na miséria. Mas quando eles querem aumentar o preço daquilo que consumimos, ninguém pergunta se o nosso salário vai suportar mais esse arrocho. Aceitem, companheiros, o conselho do Dito Bronca, que tem experiência no assunto boicotem a lanchonete do clube. Não comprem mais lá. Certo?”⁶⁷

A carestia também era sentida por metalúrgicos, na década de 80, através de subterfúgios das empresas tais como: dar promoção ao trabalhador sem anotar a nova função na carteira de trabalho e sem o aumento salarial correspondente e, de forma mais generalizada, a existência de diversas faixas salariais para a mesma função. Na Embraer em 1984, chegou a haver mais de 20 faixas salariais na mesma função. Essa situação abria possibilidade para que as empresas demitissem os trabalhadores com mais tempo de serviço e contratassem outros com o salário menor.

Uma peculiaridade atual, da indústria dita moderna, é a fabricação de um número maior de mercadorias com um número menor de trabalhadores. Neste sentido, houve um processo de demissão em massa, que se intensificou na década de 90 com a automação da produção, porém as demissões em massa já ocorrem nas indústrias metalúrgicas desde a década de 80. Podemos observar neste quadro⁶⁸:

Ano	Fábrica	Nº de demitidos
1981	Embraer	400
1981	Fi-El	300
1982	Ericsson	350
1982	Philips	100
1983	GM	600

⁶⁷ Coluna Dito Bronca.. **Jornal ‘O Metalúrgico’**. Ano III. nº 21. Agosto. 1984.

⁶⁸ Este quadro foi elaborado à partir das notícias lidas por mim nos jornais do sindicato e da cidade (Vale Paraibano). Não representam todas as demissões ocorridas no período.

1985	GM	Cerca de 500
------	----	--------------

O trabalhador metalúrgico não atravessou “passivamente” estes momentos de profundas mudanças nas indústrias, ao contrário, atribuiu significados a estes processos e disputou uma situação melhor. Muito se discute que o medo do desemprego, na década de 90, tenha levado o trabalhador a uma postura de aceitação frente ao capital⁶⁹, porém neste processo de disputa o trabalhador, que vivencia estas transformações, cria estratégias sendo a aceitação, a adaptação e a resistência faces da mesma luta. Na coluna Dito Bronca, lê-se:

“Embraer continua demitindo

A Embraer sempre foi uma empresa que batalhou para que a opinião pública tivesse dela um conceito de ‘empresa modelo’ que sabe reconhecer e pôr em prática o direito dos seus empregados. Hoje é comprovado que isso não corresponde à realidade da fábrica: ficou clara a sua posição depois das 400 demissões feitas em novembro do ano passado.

Agora o esquema da estatal para mandar o trabalhador embora mudou: em vez de demitir 400 de uma vez, ela está despedindo de 10 em 10, de 5 em 5 e por aí a fora. Com isso ela pode continuar pondo gente na rua sem comprometer a sua ‘imagem’”⁷⁰

O início de uma época de demissões emerge nesta narrativa. As estratégias criadas são inúmeras. Demissões em massa ou em pequenos grupos, férias seguidas de demissão ou esta feita a partir de retaliação a movimentos grevistas. Ao final da greve de maio de 1985 na GM, aproximadamente 500 metalúrgicos foram demitidos, entre eles inúmeros trabalhadores que estavam afastados por doença ou em férias. A diminuição do quadro de funcionários emergia, assim, como uma política a ser implementada nas empresas. Num primeiro momento, as demissões eram justificadas como redução dos “custos de produção” em função da concorrência no mercado nacional e internacional⁷¹, a partir da automação da produção a justificativa passa a ser a “falta de qualificação” do trabalhador.

⁶⁹ A respeito da discussão sobre a fragmentação da subjetividade do trabalhador fruto do processo de reestruturação da produção ver: ALVES, Giovanni. **Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. Tese de Doutorado. IFCH/Unicamp. Campinas; **Toyotismo e neocorporativismo no sindicalismo do século XXI**. IN: Revista Outubro. n° 5. 2001.

⁷⁰ Jornal ‘O Metalúrgico’. Ano I, n°3. Fevereiro 1982.

⁷¹ Convém notar que grande parte das indústrias metalúrgicas não apenas na cidade de São José dos Campos, mas em outras cidades como Campinas, São Bernardo do Campo, São Carlos e mesmo fora do estado de São Paulo, como as metalúrgicas da cidade de Manaus, são empresas transnacionais, que visam boa parte de sua produção para exportação.

*“Demitidos da Fi-El em 81 voltam ganhando menos
A Fi-El demitiu mais de 300 funcionários no segundo semestre de 81, todos ligados à produção. Agora muitos desses empregados que foram demitidos voltaram a trabalhar na empresa, através da firma Vegas Power Serviços Temporários Ltda., contratada pela Fi-El. A Vegas está contratando trabalhadores pagando salário inferior ao dos empregados da Fi-El.*

Esses empregados – cerca de 100 – estão sendo obrigados a cumprir 12 horas ininterruptas de trabalho, ao serviço de segunda – feira ao domingo sem folga, recebem salário inferior aos que executam o mesmo trabalho pago pela Fi-El, não recebem adicional de insalubridade nem adicional noturno. Os serviços da Vegas estão sendo executados nas áreas de laminação, acearia, ferroso e condutores elétricos.”⁷²

Uma prática, comumente adotada nas décadas de 70 e 80 pelas indústrias metalúrgicas, foi a contratação de trabalhadores via empreiteira. Essas empresas “alugavam” o trabalhador por determinado tempo às metalúrgicas. Os agenciadores destas empresas eram chamados de “gatos” e as condições de trabalho eram denunciadas por metalúrgicos e sindicato por diversas irregularidades tais como o não pagamento de encargos sociais, décimo – terceiro, férias, entre outras irregularidades como a falta de equipamento de segurança do trabalho, falta de condução, de alimentação e atraso nos pagamentos. Além do mais, os trabalhadores destas empreiteiras exerciam os mesmos ofícios e trabalhavam no mesmo local que os trabalhadores das próprias indústrias tomadoras de serviço, porém recebiam um salário menor por isso. Essa prática era uma forma de burlar a legislação trabalhista.

Nas indústrias metalúrgicas de São José dos Campos, o processo de terceirização é implantado nas “atividades auxiliares” – refeitório, limpeza e manutenção. Nas chamadas “atividades-fim” (especificamente ligadas à produção de mercadorias) não houve acordo entre o sindicato de trabalhadores e o sindicato das indústrias para a abertura deste processo, isso não quer dizer que ele não exista. Com argumentos sobre a necessidade da “diminuição de custos”, as empresas têm recorrido ao desligamento de linhas inteiras de produção e passam a contratar as pequenas empresas para realizar esse serviço, principalmente no setor de componentes eletrônicos. Algumas pequenas indústrias têm mais da metade de sua produção voltada apenas a uma grande indústria, o que não deixa de ser uma forma de terceirização. A mudança entre este processo e o que ocorria com as empresas de serviço temporário é que o metalúrgico, agora, ao

⁷² Coluna Dito Bronca. **Jornal ‘O Metalúrgico’**. Ano I, nº 3. Fevereiro 1982.

trabalhar numa “terceira”, afasta-se de seu antigo local de trabalho. Há um distanciamento das teias de relações de solidariedade e vivências comuns antes estabelecidas.

Essas mudanças em relação à questão do emprego e do próprio gerenciamento da fábrica suscitavam transformações no modo de vida de metalúrgicos na cidade de São José dos Campos. Na década de 90, houve uma reorganização do sentido dessas mudanças, outros elementos inserem-se tais como a discussão, em torno da abertura do mercado interno aos produtos importados, promovida pelo governo Collor de Mello, a questão da qualificação do trabalhador e a “necessidade de inserção das indústrias na globalização”.

Convencionou-se chamar “reestruturação produtiva” uma série de mudanças no processo de gerenciamento das fábricas e no de produção de mercadorias. Entre essas mudanças, temos a introdução dos CCQs (Círculos de Controle de Qualidade), substituição da linha de montagem por células de trabalho, produção controlada pela demanda ou “just in time” (com a eliminação de grandes estoques), robotização, câmaras setoriais e programação de atividades como festas, esporte e grupos de teatro, abertos inclusive à família do trabalhador. É necessário salientar que estas transformações não foram implementadas de forma homogênea pelos países industrializados. No Brasil, há medidas que estão sendo aplicadas e outras que não foram aceitas pelos trabalhadores, constituindo-se, assim, num movimento desigual, mas combinado. Nesta dissertação, a ênfase será a análise de como que metalúrgicos em São José dos Campos interpretaram e atribuíram significados à essas mudanças que se constituem em suas vivências. Nestes tempos de reestruturação produtiva, ocorreram grandes alterações no dia-a-dia do trabalhador metalúrgico. A robotização sugere a diminuição de postos de trabalho, houve, também, um aceleração do ritmo de produção e o trabalhador passou a desempenhar várias funções. Neste sentido, ocorreu uma alteração do modo de vida de metalúrgicos dimensionada pelas mudanças no local de trabalho. É importante ressaltar que estas transformações constituíram-se enquanto um processo e não como ruptura, assim mudanças introduzidas ora em um setor, ora em outro, alterações de ritmos de trabalho, um maior controle do tempo ‘livre’⁷³ e a diminuição de postos de trabalho com a introdução de novas máquinas foram dimensões deste processo ora estudado. É importante ressaltar que certas características tais como

⁷³ Este tempo ‘livre’ a que me refiro são os horários que os trabalhadores utilizavam para ir ao banheiro, beber água ou café e descansar após as refeições.

demissões, exigência de qualificação e o trabalhador ter que operar várias máquinas ou assumir mais que uma função, na execução de seu ofício, eram práticas que já ocorriam desde o início da década de 80, assim com a reestruturação da produção houve um redimensionamento dessas práticas, que acabaram por ser valorizadas em detrimento de outras, bem como na redefinição de sentidos para implementá-las.

Em 1983, na Coluna Dito Broca, vemos que o trabalhador metalúrgico já convivía, em certos momentos, com a prática de ter que realizar outras funções:

“Um companheiro da Ipê sofreu um acidente quando fazia um serviço na fábrica e teve um dos dedos da mão amputado, porque não conhecia o funcionamento da máquina e nunca tinha feito o trabalho antes. Ele foi jogar areia em cima da correia da máquina e quando a pá ficou agarrada, tentou tira-la sem saber do risco que estava correndo. O problema da Ipê de mandar trabalhador fazer serviço que não conhece já é velho. O pior é que lá não tem CIPA para verificar as condições de segurança e denunciar as irregularidades. O trabalhador que sofreu o acidente tinha que ser alertado antes sobre os cuidados necessários para fazer o serviço e nenhum esclarecimento foi dado a ele pela fábrica. Quando saí do serviço, levei a luva do companheiro escondida em uns embrulhos, para mostrar no sindicato o estado que o acidente deixou a mão dele e denunciar o que aconteceu”⁷⁴

Nesta dinâmica novos modos de trabalho (incluindo ritmos e formas de trabalhar) coexistiram e ainda coexistem com antigas práticas de trabalhadores. Nesta dissertação, importa a análise de como que metalúrgicos sentiram, interpretaram e disputaram estas mudanças, que são explicitadas através de suas narrativas sobre esse tempo de profundas transformações no trabalho e na vida.

O metalúrgico Antônio “Ladeira” trabalha na GM desde 1985 como soldador. Ao rememorar a época em que começou a trabalhar na fábrica acaba por analisar sua situação atual

No início, é...no início era um serviço assim eu diria para você você quando eu entrei lá, era produção pequena de 15 carros por hora, 12 carros por hora e tinha mais mão de obra, aí depois veio a revolução, né... industrial com automatização, onde hoje antes quando eu entrei tinha 16.000 funcionários, né? Hoje nós tamo com 8 mil e poucos funcionários devido à automatização e a robotização, essas coisas e hoje antes era assim o salário a gente tava brigando por salário, mas não tinha aquela, o emprego era mais fácil de conseguir, hoje já tá, mudou o quadro, hoje você tem falta de mão de

⁷⁴Coluna Dito Bronca, **Jornal O Metalúrgico**. Ano II. nº 13. Janeiro 1983.

obra dentro da fábrica isso é...veio a automatização, em seguida veio o enxugamento de mão de obra, onde a gente fala, hoje dentro de uma célula né? Diminuiu o trabalho né? Enxugou o máximo possível da mão de obra, onde hoje tem trabalhador fazendo serviço, onde 10 trabalhava, hoje tem cinco trabalhando, então tem um trabalhando por dois, trabalhando por dois, então eu acho que hoje o quadro se encontra meio crítico a situação nessa parte aí.

Nas vivências destes trabalhadores, a reestruturação da produção significa um momento de dificuldade em se manter e arrumar emprego, além disso há uma situação onde um mesmo trabalhador tem que cumprir mais de uma função. Na década de 70 e 80, também ocorria do trabalhador, às vezes, realizar outro serviço, como trabalhar na linha de montagem e terminada a produção do dia ter que varrer a seção. Podia, também, em épocas de menor produção ter que carregar caixas ou manusear empilhadeiras. No processo atual, o trabalhador precisa executar várias funções dentro da sua área de produção. Essa situação onde há inovação tecnológica e exclusão de mão de obra é sentida por Ladeira como uma verdadeira “revolução”.

Outros significados emergem para o trabalhador, paralelamente ao medo do desemprego, nestes tempos de reestruturação produtiva. Em entrevista com Josias de Oliveira Melo, vemos:

Mônica- E como eram as condições do emprego na época, as condições do local de trabalho?

Josias - Olha, na realidade o seguinte, a situação era péssima, viu? Só que com as novas tecnologias....é.....não mudou muita coisa não. O que houve...é...foi perder postos de emprego, porque hoje o que que acontece...é...no local que você trabalhava 10, 20 pessoas trabalham 3, 4 hoje. Com as novas tecnologias, ela facilitou por um lado, mas a gente perdeu por outro lado porque...é... criou o desemprego. Deixa eu dá um exemplo eu não sei se isso é válido...Em 1987, eu tive na cidade do México porque eu participei de um congresso de trabalhador lá da época, eu tive 16 dias lá, eu conheci um setor, que é o setor que eu trabalhava aqui, que era o eixo de comando, aqui na época a gente trabalhava em 42 pessoas e lá eles trabalhavam com quase 70 pessoas, entendeu? Porque lá era tudo manual, toda linha, todo setor, hoje esse setor que eu trabalhei, que eu trabalhava aqui, tem quatro cinco pessoas. Então dá para perceber que as tecnologias elas serviu prum lado, mas, prejudicou por outro, hoje as pessoas que tão lá dentro tá trabalhando por quatro cinco pessoas.

Analisando este trecho da entrevista, vemos de que forma foram sendo atribuídos significados às novas tecnologias, incorporadas na produção de mercadorias, e como estes vão sendo explicitados. Para Josias, a introdução de novas tecnologias

“facilitou por um lado”, ao mesmo tempo em que proporcionou o aumento do desemprego. Muitas atividades, antes manuais e difíceis de serem executadas passaram a ser feitas pelas novas máquinas de maneira mais rápida, fácil e eficaz engendrando, na percepção deste trabalhador, que a introdução de novas tecnologias “serviu prum lado”. Entretanto, não só a questão do emprego fica ameaçada, como a própria segurança e saúde do metalúrgico, que passa a trabalhar “por quatro, cinco pessoas”. Surgem, assim, novas dificuldades advindas de novas práticas sociais estabelecidas. Josias significa o processo de reestruturação produtiva de maneira ambígua, onde ressalta o que a tecnologia trouxe de bom e ruim para sua vida.

O ritmo de trabalho também foi alterado nesses tempos de mudanças. O aumento deste ritmo faz com que Ladeira interprete esse fato como uma “escravidão civilizada”:

A GM não tem o que se divertir, você entra ali é uma escravidão civilizada. É que nem antes na década de mil novecentos e bolinha, mil novecentos e dez, na época da revolução industrial, assim o trabalhador tinha a vida acorrentada no pé da máquina, era a escravidão industrial, hoje mudou, assim melhorou, o que melhorou tiraram as correntes, mas você numa fábrica como a GM automotiva, você bateu o cartão, deu a hora, você aperta um botão, aquilo só pára pra você almoçar e depois para ir embora, você não tem diversão.

A escravidão civilizada sugerida por Ladeira é fruto do trabalho intenso desenvolvido nas áreas de produção da GM, dimensionado pelo aumento do ritmo de trabalho, juntamente com um maior controle e monitoramento do tempo de serviço e da “disciplina fabril”, o que dificulta as pequenas paradas para ir ao banheiro ou beber café e água.

A relação com a chefia também foi alterada. Para Ladeira, houve uma maior qualificação da chefia. Essa situação contrasta com as interpretações que metalúrgicos faziam deste tipo de relação nos anos 70 e 80, quando a falta de qualificação e de educação era apontada como o principal problema de relacionamento entre trabalhadores e supervisores. Porém, para Ladeira essa maior qualificação, “maior sofisticação” traduziu-se num aumento da disciplina fabril.

Ladeira - Você vê que mudou, mas não mudou muito, a repressão continua, só que hoje é uma repressão mais qualificada, aonde a chefia tem orientação né? Orientação pra poder tá reprimindo, mas é uma repressão mais sofisticada, aí têm alguns que esquece disso e faz uma repressão mais característica de antigamente, mas...

Mônica - E como é que era essa característica de antigamente?

Ladeira - que um supervisor, hoje a empresa da GM, ela tá exigindo dele uma conversa com o trabalhador antes tal e têm alguns ainda que esquece esse padrão e já vem e faz como fazia antigamente xinga o trabalhador, chama o trabalhador de vagabundo, entendeu?

Outra questão, que emerge das narrativas, é sobre a questão do nível de escolaridade do trabalhador. Nestes tempos de reestruturação produtiva, onde a qualificação é argumento recorrente para a dispensa de trabalhadores, estes passam a fazer uma maior pressão nas indústrias em que trabalham (principalmente quando se trata de uma grande indústria) para que haja subvenção em cursos de graduação nas faculdades e em cursos profissionalizantes em São José dos Campos. Assim, uma política de qualificação de trabalhadores é interpretada por estes como um interesse tanto do metalúrgico, quanto da empresa. Algumas indústrias oferecem bolsas de 5% a 20% para qualquer curso de graduação em faculdades locais (inclusive aqueles não ligados diretamente à área de produção). Existem situações de pagamento de bolsas integrais em cursos profissionalizantes.

A relação entre qualificação/estudo e reestruturação é significada por metalúrgicos. O trabalhador Paulo César, ao ser indagado como foi este processo de “modernização” na empresa em que trabalha, respondeu:

“É primeiro eles fizeram um levantamento né, um levantamento de produtividade, é quanto quantas peças a empresa produzia ao mês e quantos funcionários tinha aí fizeram, fizeram um... fizeram um trabalho, é hoje você trabalha assim, hoje não só a HITCLEFT, mas todas as empresas trabalham assim, cada produto que você fabrica ela tem um tempo de produção certo, ela tem um tempo de produção então eles vê quanto tempo leva pra fazer aquela peça e quantas mão de obras se usa pra fazer aquela peça e com a modernização de máquinas e então teve essa redução porque às vezes tinha uma máquina que precisava de duas pessoas pra fazer aquela peça então hoje eles colocaram uma máquina que hoje fazia uma né ai você pega aquelas duas pessoas, ai você vê, uma pessoa tem só o segundo grau completo, a a outra pessoa não, ela tem o segundo grau, ela tem um curso mecânica, ela tem um técnico, então ela fica no mercado de trabalho, a outra que tá parada, eu não digo que assim se o outro também tivesse uma qualificação, ele podia até ir pra outro lugar, outro setor, que houve um remanejamento, porque pra empresa hoje eles interessam pra eles pessoas que tenha, que tem um certo nível de conhecimento, até faculdade, hoje hoje vô falar pra você que temos hoje líderes líderes trabalhando na HITCLEFT que é formado em engenharia mecânica, o cara podia tá atuando na área como engenheiro mecânico mas ele tá como líder, então são coisas que eu particularmente sô, hoje eu sou operador CNC tá, sô formado na área de tecno, de segurança do trabalho, então se amanhã vier uma

oportunidade para trabalhar, se pintar uma vaga na empresa como técnico de segurança do trabalho, eu tô apto a exercer a função, porque eu além de seguir a área na mecânica eu também tive uma curiosidade de entrar na área de segurança do trabalho, que é muito bom é uma área que tá crescendo pra caramba aqui em São José dos Campos, eu tô dando um pouco mais de importância na saúde do trabalhador né então eu corri atrás, fiz esse curso técnico achei muito interessante e é por ai, você tem que dá uma sobressaida porque amanhã ou depois é não se sabe, dá uma crise financeira ai no país, crise econômica e a empresa manda metade embora, se eu tiver no meio então eu tenho por onde né e a gente___ correr atrás”

A diminuição de postos de trabalho nas indústrias é colocada, neste sentido, como um problema de qualificação do trabalhador. Assim, Paulo César acredita que a qualificação lhe garantiria o emprego se o setor no qual trabalha passasse por um processo de incorporação de novas tecnologias ou que mesmo com o advento do desemprego estaria, assim, mais apto a ser recolocado no mercado de trabalho. Percebem-se, nesta fala, elementos da filosofia sobre reestruturação produtiva que é discutida pelos patrões e a própria imprensa da cidade de São José dos Campos. É interessante notar como Paulo César refere-se ao trabalhador que não tem curso de especialização, “*tá parado*”, ou seja, ele significa e naturaliza essa demissão pela “*falta de qualificação*”.

Em artigo do Jornal ‘Vale Paraibano’, encontram-se evidências da disputa pelos rumos e significados do processo de reestruturação produtiva implementada pelas indústrias automobilísticas da região do Vale do Paraíba:

“A modernização dos equipamentos de produção industrial também vem colaborando para o aumento do leque de exigências curriculares. A diretora da Kriativa Consultoria e Recursos Humanos, Aparecida Rossi, diz que a maioria das indústrias está fazendo uma exigência que até pouco tempo atrás não era considerada tão necessária – cursos de especialização do SENAI como mecânica ou eletrônica.

(...)

Para o diretor adjunto do Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo), Mário Sarraf, o principal problema de São José é a falta de mão-de-obra especializada. ‘Existem muitos candidatos, mas pouca gente especializada. É difícil conseguir profissionais de bom nível para determinados setores da indústria. As máquinas hoje são todas computadorizadas. Com isso, o empresário é obrigado a exigir cada vez mais.’”⁷⁵

⁷⁵ Artigo do Jornal ‘Vale Paraibano’ publicado em 13/12/2001. Caderno de Economia. p. 3.

Busca-se naturalizar idéias e valores sobre o processo de reestruturação produtiva. Assim, o sentido do ‘progresso’ e do ‘desenvolvimento’ são apontados como necessários para as indústrias continuarem competitivas e, com isso, dominando determinadas parcelas do mercado. A construção desses valores permite considerar o desemprego como ônus necessário aos trabalhadores que não acompanham este sentido da modernização, “o empresário é obrigado a exigir cada vez mais”. Essa disputa também ocorre na questão do perfil necessário ao trabalhador:

“O novo profissional da indústria automobilística é dotado principalmente da flexibilidade para atuar na mesma velocidade com que surgem novos modelos e inovações, no ambiente cada vez mais competitivo do mercado de veículos. Um exemplo de profissional polivalente é o engenheiro da Volkswagen Carlos Eduardo Victor, de 28 anos. Ele ingressou na empresa pela primeira vez em 1985, como aprendiz, já passou por quatro áreas dentro da fábrica, assumindo sete funções diferentes. Em todos esses anos Victor teve quatro formas de contratação. Além de aprendiz foi estagiário, trabalhou como empregado tercerizado na área de recursos humanos. Depois foi inspetor de qualidade, analista de treinamento, analista de produção, engenheiro de processos e atualmente ocupa o cargo de engenheiro industrial. (...) quando a indústria automobilística se instalou no Brasil não existia mão de obra treinada. Naquela época exigia-se pessoa fortes fisicamente para operar a linha de produção. Com o passar do tempo, os braços do metalúrgicos foram substituídos por processos mais sofisticados e daí vieram os investimentos em treinamento. A indústria passou a requisitar mais a inteligência.”⁷⁶

Assim, integram-se valores a respeito do processo de reestruturação produtiva. Ao lado da integração mundial de mercados e a otimização da produção de mercadorias, disputa-se um perfil de trabalhador que deve ser qualificado, flexível, saber operar várias máquinas ou assumir várias funções e, se possível, ter curso superior. As indústrias, em seus treinamentos de recursos humanos, também exigem “motivação, lealdade e satisfação na realização de seu trabalho”. A qualificação profissional é experimentada pelo trabalhador como uma condição sem a qual torna-se mais difícil manter-se no emprego.

Na análise destes trechos de artigos de jornais vemos claramente a disputa pelos significados, rumos e sentidos que se pretendem gerais para pensarmos o conceito ‘reestruturação produtiva’. É colocada num primeiro plano a questão da necessidade da

⁷⁶ **Funcionários flexíveis acompanham inovações no setor.** Jornal Gazeta Mercantil Vale do Paraíba. Caderno Especial: Pólo Automotivo. 30 de junho de 1999.

modernização como estratégia das indústrias continuarem competitivas e, em última instância, manter o nível da produção e do emprego, assim todos continuariam satisfeitos, inclusive o trabalhador, que é convidado a tornar-se não um empregado, mas um “colaborador” da empresa.

Porém, algumas questões devem ser levantadas. Afinal, o que representa e qual é a finalidade destas novas tecnologias?

Esta inovação tecnológica contribuiu na otimização da produção de mercadorias nas indústrias. Neste sentido, produz-se mais utilizando-se menos trabalhadores. Além da questão da quantidade de empregados, temos um ganho qualitativo se pensarmos em termos de produtividade, pois aquele trabalhador que mantém seu emprego produz mais em menos tempo. Há um rigoroso controle do ritmo de trabalho, corta-se o período do café, da água, da construção de sociabilidade entre trabalhadores. Todos os minutos passam a ser exigidos.

Outra dimensão deste processo a ser analisado foi o período em que se intensifica a implementação destas novas tecnologias nas indústrias.

Esta implementação intensificou-se em fins da década de 80 e início de 90 coincidindo com um momento de grandes lutas e de um grande poder de organização por parte dos trabalhadores brasileiros. Então temos uma terceira disputa ocorrendo imbricada neste processo de reestruturação produtiva, pois além de produzir mais mercadorias com menos trabalhadores e aumentar a produtividade, estes tempos de reestruturação produtiva passam a disputar valores que contradizem a noção de solidariedade construída por trabalhadores durante toda a década de 70 e 80.

Antes lutava-se por aumentos salariais, pelo direito ao café, água, decretava-se greve pela reintegração de companheiros demitidos, com a “modernização” surgem novos valores como o individualismo, o de “crescer” na fábrica, o do consumismo. Muda-se, inclusive, a própria expectativa de vida do trabalhador, pois se antes havia o orgulho de ser metalúrgico e, por isso, lutava-se para melhorar as condições de vida e trabalho, hoje vemos uma nova geração que almeja ter seu próprio negócio, nem que seja pequeno, mas onde a idéia básica é não ser mais “empregado de ninguém”. Além das mudanças nos modos de vida e trabalho de metalúrgicos que os fazem desejar outros rumos na vida, há uma disputa das indústrias neste sentido. Algumas empresas, antes de procederem uma demissão em massa, abrem um período de “plano de demissões voluntárias”. O trabalhador é convidado a pedir demissão recebendo um determinado valor que segundo as indústrias e os jornais vai ser suficiente para que este

abra seu próprio negócio e até... quem sabe? Poder contratar seus próprios funcionários. É lógico que um plano de demissões voluntárias beneficia a empresa que não é vista como aquela que tirou o emprego de pais e mães de família e evita-se várias disputas judiciais onde o trabalhador demitido discuta os saldos de suas verbas rescisórias.

Pensar nos significados, sentidos e valores disputados nas práticas sociais do processo de reestruturação produtiva das indústrias em São José dos Campos, remete a reflexão que Raymond Willians faz sobre o conceito de Hegemonia:

“A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de ‘ideologia’, nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como ‘manipulação’ ou ‘doutrinação’. É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como prática, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no sentido mais forte uma ‘cultura’, mas uma cultura que tem de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes”⁷⁷

Neste sentido, o trabalhador não está passivo neste processo, ao contrário, quer qualificar-se como estratégia para melhorar suas relações de trabalho. Querem dominar estas novas tecnologias não apenas para manterem seus empregos, mas porque são trabalhadores e a “modernização” começa a fazer parte de seus ofícios. Preocupam-se, também, com a educação dos filhos, para que estes não passem pelas dificuldades que seus pais estão enfrentando. Assim, fazem questão que seus filhos estudem outros idiomas – principalmente o inglês – façam curso de informática e cursos de qualificação profissional geralmente oferecidos pelo SESI/SENAC. Quando a situação financeira permite, pagam-lhes, inclusive, cursos superiores. O que causa perplexidade em alguns metalúrgicos é a dificuldade que seus filhos tem, mesmo com toda essa qualificação (dita enquanto essencial) em conseguir um bom emprego. Evidencia-se, neste ponto, que o discurso hegemônico sobre reestruturação não é monolítico, pois há fissuras, brechas engendradas por outros viveres.

⁷⁷ Willians, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.

O trabalhador sempre (mesmo antes de toda a discussão sobre reestruturação produtiva) procurou qualificar-se. Frequentavam cursos do SESI/SENAC mesmo antes deles tornarem-se exigências, aliás, várias empresas adotavam políticas de formação de trabalhadores, financiando cursos, inclusive viagens para outros países. Não era incomum, por exemplo, trabalhadores de transnacionais irem fazer cursos de formação nos países das matrizes das empresas em que trabalhavam, o certo é que a falta de qualificação não era um obstáculo tão grande a contratação de um trabalhador. Mas há diferenças, o trabalhador ao ser demitido na década de 80, não tardava em arrumar outro emprego na área de metalurgia, hoje não é mais assim. Neste sentido, houve uma diminuição dos postos de emprego. Mas isso não significa uma auto-suficiência destas novas tecnologias. Analisando as narrativas de metalúrgicos que estão vivenciando estas mudanças nas fábricas, percebemos que os trabalhadores ressentem-se do sobretrabalho (tendo que fazer mais horas extras e executar várias funções para poder cumprir as metas estabelecidas), falam claramente que um faz o trabalho de quatro, cinco e atribuem a esta situação um aumento do número de acidentes no trabalho.

Novamente, neste ponto, é importante ressaltar a importância da História vista enquanto um processo. Estudar e qualificar-se já são dimensões presentes na vida do trabalhador antes do processo de reestruturação produtiva, nesta bronca do Dito, emerge práticas sociais do período:

“Mais um ano foi embora e as reclamações dos companheiros daqui da National continuam as mesmas. A comida que a Rincon faz, deixa todo mundo com dor de estômago, os chuveiros quentes para facilitar a vida de quem vai direto do serviço para a escola não foram colocados e o desconto integral da condução e da refeição de quem fica afastado pelo INPS, continuam acontecendo. Vamos ficar esperando mais um ano para resolver isso tudo?”

Assim sendo, qual a diferença, na vida do trabalhador, a questão do estudo?

Primeiramente, temos que a falta de instrução não era justificativa de demissão ou impedimento para se conseguir emprego, afinal com a grande necessidade de mão de obra requerida pelas indústrias nas décadas de 60 e 70, as próprias fábricas tinham escolinhas de capacitação para o treinamento de trabalhadores. Era o tempo no qual o trabalhador sentia-se “jogado na produção”, tempos de migração em virtude da grande quantidade de oferta de empregos conforme entrevistas analisadas no primeiro capítulo. As expectativas em relação ao estudo também eram diferentes, assim pretendia-se

“acabar o ginásio”, “aprender a ler e escrever”, “ganhar posição dentro da empresa” ou mesmo “escrever um livro”. Atualmente, devido ao menor número de empregos oferecidos, o trabalhador começa a sentir-se inseguro com sua própria vida. Em entrevista para o Jornal Vale Paraibano sobre a questão da qualificação profissional, André Felipe, 37 anos, metalúrgico desempregado a quatro meses expressa esse sentimento:

“Sei que tenho essa deficiência, mas não tenho tempo nem dinheiro para fazer cursos de qualificação e atualização. Também me arrependo de não ter concluído os estudos, parando na 5ª série. Isso é um obstáculo constante, quando vou procurar emprego. Tudo muda muito rápido hoje em dia e é difícil conviver com isso”

Outras relações vão sendo engendradas no processo de “modernização” das indústrias, fazendo com que este trabalhador sintase excluído. Nesta dinâmica onde práticas são imbuídas de novos valores, falta de qualificação e desemprego estão imbricados nos anseios e preocupações de metalúrgicos.

Outros significados também vão sendo atribuídos à questão do desemprego na indústria e são explicitados neste trecho da entrevista com o trabalhador Siqueira⁷⁸:

*Mônica- E quando você entrou lá? Como é que era?
Siqueira- Ah não, aí era... só pra você ter uma idéia, quando eu trabalhava lá, era chegar, entrei lá tinha mil trabalhadores, pra você ver como é que... e agora com 600, contando as terceiras, que da Eaton mesmo era uns 450, contando tudo agora, ela produz mais peça ainda, com mais qualidade, com menos gente, aí veio a automação, veio a globalização, aquele só que no caso só que se a indústria também não corresse atrás da tecnologia, ela ia ficar parada, tem esses dois lados também da moeda*

A narrativa nos dá indicações de como este trabalhador vivenciou e interpretou estes tempos de “modernização” e desemprego na indústria metalúrgica de São José dos Campos. O trabalhador vivencia a redução de mão de obra (seja através da demissão em si ou do medo do desemprego) e também o aumento do ritmo de trabalho. Por outro lado, ao ressaltar “se a indústria não corresse atrás de tecnologia, ela ia ficar parada”, esse trabalhador nos dá a dimensão das razões que lhe são apresentadas para justificar

⁷⁸ Pedro Siqueira começou a trabalhar na Eaton aos 14 anos como “guardinha-mirim” através da indicação de seu pai, que também trabalhava lá. Depois entrou na área de controle de qualidade da empresa. Já participou da CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). A entrevista com Pedro Siqueira foi realizada em setembro de 2004.

esse tempo de mudanças. Essas razões lhe são apresentadas pelos dirigentes da própria fábrica e também nos debates que ocorrem nos jornais da cidade. Siqueira, neste sentido, dimensiona sua narrativa por estes debates, não simplesmente enquanto incorporação de um discurso, mas enquanto vivência de práticas sociais de uma época e também atribui outros significados a este processo. Para o trabalhador, a década de 90, que lhe é apresentada como um marco da reestruturação da produção, é vivida como um período de transformações de práticas no trabalho em relação ao ritmo de produção, à preocupação com a qualificação, o medo do desemprego, à mudanças na forma de organizar-se na fábrica, relação com a chefia e outras dimensões de seu dia-a-dia nas fábricas. O entendimento de realidade é engendrado mediante uma noção determinada de progresso, desenvolvimento, enfim, de movimentar-se, de ir para a frente, pois não só o trabalhador “não pode ficar parado”, mas a indústria também, sob pena de submergir na concorrência com as outras empresas.

Ainda em relação a reestruturação da produção na Eaton, Siqueira narra:

*Mônica- E como foi essa implementação da automação na Eaton?
Siqueira-Ah a automação foi o seguinte, é em 88, 89, 87 também, ela era vamo dizer assim manual, cada trabalhador numa máquina fazendo operação, hoje ela já trabalha em linha, então aquela operação manual, hoje ela é.... um operador faz o que 4 fazia, então ela tomou o posto de 4 trabalhador, agora.... tem uma coisa tão grave que a indústria inventou também a caixa de sugestão.... o trabalhador dá uma sugestão e ela dá prêmio em dinheiro e na Eaton aconteceu um caso até triste, o trabalhador foi dá uma sugestão e não pensou na, no aquilo que ia ocasionar, então ele deu uma sugestão que devia.... é.... colocar um carregador no torno, aumentar a velocidade disso e daquilo e como ele era um funcionário que tinha problema em casa tal, mulher doente, tinha que faltar de vez em quando, o que aconteceu, ele acabou ele mesmo acabou sendo prejudicado, sendo demitido*

Na coluna do Dito Bronca, essas questões também emergem:

“A Engesa, além de submeter seus funcionários a um regime de superexploração, demite quem se recusa a realizar mais de uma função. A revolta em alguns setores é geral. Na rebarbação um ajudante tem que rebarbar as peças, transportar, cortar, furar etc. Com isso, quem lucra é a empresa, que paga 37 cruzados por hora para o ajudante e o obriga a exercer várias funções ao mesmo tempo.

Na mecânica, por exemplo, um ajudante (que recebe 42 cruzados) e um mecânico (que recebe 76 cruzados) são obrigados a trabalhar

como fresador, torneiro, soldador, plainador, maçariqueiro e tudo o mais.”

Outra dimensão desse processo de “modernização” é a exigência do trabalhador polivalente para que atue em várias funções e que saiba operar várias máquinas. Esse processo, ao lado da automação, gera desemprego nas indústrias. Para o trabalhador, esta situação apresenta-se, por vezes, como um risco de sofrer acidentes ao manusear máquinas que não está acostumado. O aumento do ritmo de trabalho também coloca o trabalhador mais vulnerável em relação aos acidentes. No setor de Fundição da GM, onde o menor problema coloca o trabalhador em risco de morte, o aumento do ritmo de produção tem causado vários acidentes:

“Acidente na Fundição.

Eram nove e meia da manhã de sexta-feira, dia 24 de fevereiro, quando Agenor Albino, mecânico de manutenção que trabalha na Macharia da Fundição de Ferro, procurou um andaime do tipo telescópio. Ele precisava substituir uma talha numa linha de produção programada, que não pode parar. Agenor – conhecido como Lampião – encontrou apenas uma empilhadeira manual, e como não havia tempo a perder, resolveu usá-la com a ajuda de um companheiro. Quando estava a três metros do solo, fazendo o serviço entre as máquinas 23 e 26, tocou o apito da manutenção. O companheiro do Agenor lembrou da ordem da chefia: ‘quando o apito tocar, largue o que estiver fazendo, corra para socorrer a linha’. Assim, ele saiu para atender o chamado – e deixou o Agenor sozinho. Então apareceu um terceiro companheiro. Também estava no ritmo da produção, com pressa, a procura da empilhadeira. Não percebeu que o Agenor estava sobre ela, porque o local é muito escuro, e colocou-a em movimento. Agenor acordou no dia seguinte na Policlín, vítima de contusão crânio-encefálica, perturbado e sofrendo fortes dores”⁷⁹

O Jornal do Sindicato procura discutir sobre as conseqüências do aumento do ritmo de produção nas condições de trabalho de metalúrgicos. Neste mesmo artigo, há ainda o trecho “na GM a regra é uma só – peão tem que se virar para dar conta do serviço. A produção não pode parar, não importa quantos dedos, mãos ou vidas, fiquem entre as engrenagens das máquinas”.

As narrativas também apontam para as novas formas de gestão nas indústrias. Ao problematizar essa questão, Telma Bessa discute, em relação à introdução da organização em células na Volkswagen de São Bernardo do Campo,

“A ‘filosofia’ implícita nesses métodos sugere uma ‘pressão’ para que os trabalhadores aceitem e vivam a lógica da empresa, suas idéias e mudanças, contando com a dedicação dos trabalhadores em seu local de trabalho. Isso vai além de interesses econômicos, mostrando também uma proposta de integração aos valores da empresa do ponto de vista cultural e político.”⁸⁰

A caixa de sugestão na Eaton também é uma evidência dessa nova forma de organização e gerenciamento das indústrias. Procura mobilizar os trabalhadores da empresa para que contribuam na melhoria da qualidade das mercadorias e na gestão da fábrica. Para as idéias selecionadas e aplicadas, dá-se um prêmio em dinheiro ao trabalhador.

Além da caixa de sugestões, outros métodos utilizados pela Eaton, nessa nova prática de gestão, são: clube para os trabalhadores (com mesa de bilhar e campo de futebol), churrasco e doze caixas de cerveja para cada turno que consegue bater recorde na produção, premiação por tempo de casa com relógio, faqueiro e caneta banhada a ouro.

Mas como os trabalhadores vivenciam esta forma de gestão?

Neste trecho da entrevista com Siqueira,

Mônica- Você acha que ela é melhor nesse sentido do que as outras?
Siqueira- Não melhor, ela cumpre a lei, porque é o tal negócio eu uma vez fui num Fórum e tinha uma patroa e uma empregada lá e eu fiquei assistindo lá, que logo após ia ter um julgamento de um trabalhador da Eaton, chegou lá a patroa foi dá o depoimento dela, o que ela falou, falou ó, juiz a empregada comia junto na mesa minha da minha casa, tomava banho no meu chuveiro, eu pagava ela bem, ela vestia a minha roupa, eu fazia tudo por ela, agora por que ela tá reclamando? Ai o juiz olhou na cara da patroa lá e disse, falou assim... era direito dela... ai fica a dúvida né... então tudo bem tem um convênio legal, um dentista legal, a situação do país não tá legal, todo mundo deve... pra banco, só que é direito nosso, então é que ela cumpre o direito e a lei, ai pode ser que ela se torne melhor por causa disso, agora... só que as outras tem que cumprir a lei né, que tá na convenção coletiva que tem que dá transporte, tem que dá alimento, tem que dá convênio, tem que dá adicional noturno
Mônica- Mas ai ela cumpre tudo isso?
Siqueira- Cumpre isso ai não pode.... perdeu na justiça algum caso, paga se fechar agora a data base ela paga, isso ai... nunca atrasou um pagamento, isso ai.... cê pega uma TECSAT ai, antes de ontem morreu uma mulher de infarte lá

⁷⁹ GM abusa e os acidentes são rotina. **Jornal ‘O Metalúrgico’**. Ano VII. nº40. 7 de março de 1989.

⁸⁰ BESSA, Telma. Op. Cit. p. 68.

A forma de gestão na Eaton, bem como os benefícios conquistados, são experimentados por Siqueira como uma forma da empresa “cumprir a lei”. O cerne do significado atribuído à audiência é o de um cumprimento de um dever e não de um favor concedido pela empresa e que pode aprisionar o trabalhador na consecução de outras atividades reivindicatórias que visem a melhoria de sua situação. Por outro lado ter consciência da situação do país, das dificuldades dos trabalhadores em outras empresas, os acidentes de trabalho, o arrocho salarial faz com que Siqueira interprete as relações de trabalho que vivencia de maneira favorável.

O metalúrgico Paulo César evidencia, em sua narrativa, formas de interpretar essa nova política na gestão de fábricas.

M- Ela tem quantos trabalhadores?

P- Hoje nós tamos com 250 trabalhadores, teve uma redução de ___ 330 trabalhadores, mas como os americanos veio pra cá, comprou a Macquey, que ela se tornou a HITCLEFT, ela modernizou máquina né então teve uma redução tanto na parte produtiva quanto na administrativa

A expressão “hoje nós tamo com 250 trabalhadores” é repleta de significados. Poderíamos analisar esta fala como produto de uma política efetivada pela empresa que envolveu este trabalhador. Porém, ao longo da entrevista, Paulo César não me pareceu embutido de um suposto ideal “toyota”⁸¹, nem que tenha incorporado os ideais da empresa. Ao contrário, Paulo César colocou-se diante dos problemas: já fez greve contra dispensa arbitrária de colegas, participou de diversos movimentos em prol de melhorias das condições de trabalho e é cipeiro “porque passou a se interessar pela saúde do trabalhador”. Considero, então, que este trabalhador ao responder “nós tamo...” tenha expressado, na relação dialógica que se estabelece numa entrevista, a participação dele na constituição de vivências nesta empresa.

⁸¹ A forma de gerenciamento da fábrica Toyota no Japão virou paradigma de gestão industrial nos anos 90. Nesta filosofia, a indústria surge como a “família” do trabalhador, no sentido que se a empresa prosperar, o trabalhador também prosperará. Há uma série de atividades para congregar os trabalhadores: teatro, festas, gincanas e ginástica antes do serviço. A organização sindical e greve de operários são consideradas como uma traição à empresa.

Capítulo 3

“Entre Companheiros”: Lutas e organização de metalúrgicos em São José dos Campos.

No segundo capítulo, procurei analisar como que trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos interpretaram as transformações no processo de trabalho nas fábricas. Como que esses trabalhadores significaram as alterações do ritmo de trabalho, a introdução de novas tecnologias, a possibilidade cada vez maior da demissão, a exigência de novos saberes, enfim, como essas alterações mudaram os modos de vida e trabalho de metalúrgicos na cidade.

Nesse sentido, a discussão da chamada “reestruturação produtiva” tem uma função prospectiva na constituição de memórias hegemônicas na cidade de São José dos Campos. A constituição de uma memória onde a “reestruturação produtiva” é encarada como inevitável procura engendrar um sentido para a história, onde o processo de demissão de trabalhadores seja atribuído aqueles que não conseguem “adaptar-se” aos novos tempos. Disputa-se, desta maneira, um novo perfil de trabalhador.

Assim, neste terceiro capítulo, pretendo analisar como que trabalhadores metalúrgicos organizaram-se para disputar as transformações vividas durante o processo de crescimento urbano em São José dos Campos e de reestruturação da produção nas fábricas a partir de fins dos anos 70.

Pensar em como se organizaram, quais os significados que as greves, ocupações de fábricas, a participação ou não nas comissões de fábrica, relação com o sindicato, passeatas na cidade, assumiram para estes trabalhadores. Perceber quais os marcos construídos pelos trabalhadores nas lutas que encaminhavam e como buscavam construir laços de solidariedade e uma rede de relações no trabalho, assim a organização, além da luta, também ocorre nos campeonatos de futebol, “braço de ferro” e festas. Estas dimensões, colocadas para análise na dissertação, levam à problematização da própria noção de “movimento” (seja social ou operário). Pretendo problematizar como este vai sendo construído no próprio “fazer-se” destes trabalhadores, que compartilham experiências, tem interesses e expectativas.

Pretendo analisar esta dimensão na pesquisa considerando os trabalhadores metalúrgicos enquanto protagonistas de ações sociais, levando em conta as opções e possibilidades que tiveram e escolheram para construir as suas histórias. Uma

segunda questão coloca-se nesse ponto. As ações, que estes trabalhadores utilizam para exteriorizar e lutar por suas reivindicações, variam com o passar do tempo. Assim, temos que em fins da década de 70 e por toda a década de 80, uma utilização acentuada de estratégias que envolvem greves, paralisações e muitas ocupações de fábricas. É necessário salientar que mesmo durante este período estas não foram as únicas estratégias. A organização no dia-a-dia do trabalho nas fábricas também foi e constitui-se ainda hoje uma importante estratégia de manutenção de direitos e conquistas. Também é necessário observar como e porquê as escolhas por determinadas estratégias de lutas vão se alterando ao longo do tempo. Assim, temos a década de 90 onde as reivindicações são feitas principalmente através de paralisações e na organização dentro das fábricas, sendo as greves e ocupações menos utilizadas.

É importante analisar como a cidade de São José emerge das lutas destes trabalhadores.

Em 1979, houve uma greve estadual de metalúrgicos, que teve a participação das cidades de Santos, o ABC e, também, São José dos Campos. Essa greve fazia parte da Campanha Salarial desenvolvida naquele ano. Foi uma greve complicada por várias razões. A diretoria do sindicato, em São José dos Campos, era contra a greve. Durante as entrevistas, os trabalhadores contam, ao rememorar este movimento, que o diretor do sindicato à época – ‘Zezinho Pelego’- teria “*trancado o sindicato e sumido com a chave*”. Essa memória indica elementos sobre a relação que os trabalhadores tinham com o sindicato na época, uma vez que este não era considerado como ponto de apoio das lutas.

Foi necessário, então, a organização de um comando de greve por fora da estrutura do sindicato para garantir a organização da mesma, a eficaz comunicação entre as diversas fábricas, bem como o balanço das atividades ao fim do dia.

“T- Não, dos têxteis, que a assembleia era nos têxteis, o comando geral de greve continuou funcionando nos têxteis, depois o sindicato botou a gente pra fora. Então durou mais de 15 dias, o sindicato dos têxteis também colocou a gente pra fora porque não tinha o apoio do sindicato dos metalúrgicos e nós fomos pra um lugar chamado de Casa do Jovem, que era uma casa em Santana, no bairro de Santana, Casa do Jovem e o prefeito era do MDB na época, e aí a prefeitura nos arrumou esse local. Nós fomos pressionar a prefeitura, levava passeata na prefeitura, levava passeatas na Câmara Municipal, pra exigir o local e aí nos foi cedido essa Casa do Jovem aí constituímos o Comando lá e a greve continuou, e quando a greve termina nós estávamos alojado na casa do Jovem durante o dia. A gente

madrugava, a gente saía pros piquetes, durante o dia ficava com os grupos, mas o pessoal do Comando de Greve dormia no sindicato pra não ser preso né, que tinha uma pressão bastante forte nessa época, época da Ditadura né, acabamos sendo levado pra delegacia e tal...”⁸²

Percebemos neste trecho da entrevista que o lugar da luta de metalúrgicos não era apenas nas fábricas e nos sindicatos. As suas estratégias de organização determinavam a geografia da cidade incorporando bairros, praças e ruas. A questão de “ficar todo tempo junto” indica que além das relações que iam se constituindo para as lutas, também se forjavam relações de solidariedade e amizade. Desta narrativa, emergem as estratégias criadas na organização da greve como passeatas e piquetes. A sala conquistada tornou-se um centro de organização e difusão das informações.

Outra questão a ser analisada é o processo que se desenvolve na consciência de metalúrgicos que os fazem adotar certas posições de resistência ou adaptação. Este ponto é importante, pois se podemos considerar que experiências tais como arrocho salarial, proibição de organização no local de trabalho, desrespeito da chefia, insalubridade e acidentes de trabalho influenciam a tomada de decisão destes metalúrgicos, certamente essas não são as únicas dimensões que compõem este processo. A potência do sujeito, que escolhe seu caminho e constrói a sua história é revelada nas entrevistas:

“Olha, quando eu entro na GM em 1977 era época de Ditadura Militar, nós estávamos vivendo a época da ditadura militar. E lá nas Gerais o que nos chegava muitas vezes era o Pasquim, eu tinha dois irmãos que moravam em São Paulo e tinha um irmão que me levava o Pasquim, eu lia o Pasquim, li algum alguma imprensa alternativa assim, mas não tinha nenhuma militância né e a militância... só a rebeldia da juventude mesmo contra a ditadura e tinha uma vaga noção de socialismo e tal, tinha alguma coisa assim anti ditadura né e quando foi, quando foi, trabalhar na GM, que veio essa primeira, essa primeira greve, foi que o sindicato soltou um boletim na porta da fábrica, soltou um boletim pequeno junto com o pessoal que já fazia movimento por aqui, uma coisa muito incipiente, alguns companheiros que se juntavam e eu fui nas assembléias e nas assembléias... Primeira assembléia foi grande, foi lá no sindicato dos têxtil, não foi nem nesse sindicato, o sindicato, o sindicato dos metalúrgicos ainda não tinha salão de assembléia, então tinha que pegar o salão de assembléia dos têxteis na época, eu fui na época na primeira assembléia e aí depois quando decretou a greve, eu acabei sendo eleito pro comando de greve e aí comecei a militar, nesse

⁸² Depoimento de Antônio Donizete Ferreira, o Toninho. Depoimento já citado.

período, nessas assembléias me apareceu um pessoal que vendia um jornal chamado Convergência Socialista ai eu comprei o jornal, gostei e ai passei a ter contato com esse pessoal, foi numa época que a gente tinha contato com muitos grupos de esquerda, muitos grupos de esquerda tava procurando né, é procurando militante, aumentar sua militância, tive um certo contato com o pessoal do MEP né, mas esses não achei que era a melhor saída, não cheguei nem a reunir com eles, mas conheci e depois... ai na convergência socialista que eu fui me integrar né, ai me integrei na convergência socialista nessa época, depois comprei meu primeiro jornal, fui tendo um contato, Ernesto Gradela já era militante da Convergência Socialista, tinha o Tambaú, Robério, vários companheiros que tavam militando na convergência⁸³.

Toninho conta-nos, assim, que o contato que teve ainda em Minas Gerais com uma imprensa alternativa de crítica à Ditadura Militar foi importante para definir sua participação nos movimentos grevistas que tomou contato ao chegar em São José dos Campos e ir trabalhar na General Motors. Inclusive a sua participação em agremiações político-partidárias (Convergência Socialista) origina-se deste posicionamento que já trazia consigo. Este trecho da narrativa nos coloca, também, para a análise a multiplicidade de tendências e debates que permeiam o chamado “movimento sindical”, onde ocorre uma disputa de concepções entre os próprios agentes destes movimentos. Várias correntes disputaram projetos no movimento sindical em São José dos Campos como a própria Convergência Socialista e o MEP (Citados por Toninho), o Trabalho, a Articulação entre outros grupos⁸⁴. Vale ressaltar esta multiplicidade de tendências, que existiam dentro do movimento sindical, para acentuar a diversidade de idéias e debates e não a homogeneidade. Apesar das diferenças, estas múltiplas tendências concordavam, em linhas gerais, na luta contra a Ditadura, eram contrários, também, à estrutura sindical de matiz Getulista⁸⁵ e também negavam as ações cupulistas que caracterizavam os

⁸³ Depoimento de Toninho.

⁸⁴ “A crença de que a classe operária era uma só, assim como devia ser o seu projeto, e que bastava a construção de um organismo central e “naturalmente” todos se agregariam, talvez tenha nos levado a consagrar “processos consolidados” em detrimento de propostas e alternativas”

“A própria desconfiância do significado de conceitos consagrados na prática política como “única”, “centralização”, tem colocado problemas que precisam ser enfrentados, até como perspectiva de redimensionamento de nossa prática política, afinal a história tem ensinado dia a dia a desconfiar de tudo que se pretende único, num universo de pluralidade e diversidade.”

“Assim, foi de fundamental importância tentar perceber como os vários agentes, nas suas várias tendências, compunham suas avaliações e propostas ao mesmo tempo que refaziam posições adotadas”. IN: ALMEIDA, Paulo Roberto de. “O Movimento Operário e a Construção da Central Única dos trabalhadores no Brasil: Disputas e Concepções 1977 - 1983”. Tese de Doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1998.

⁸⁵ A Lei Sindical de 1931 cria os pilares do sindicalismo oficial no Brasil. Definia o sindicato como órgão de colaboração e cooperação com o Estado. A Constituição federal de 1934 em seu art. 120 coloca: “Os

sindicatos na época. Estas tendências tinham, enquanto local privilegiado de militância as portas de fábricas (assembléias e panfletagens) e o chamado “chão da fábrica”, ou seja, o próprio local de trabalho (estas tendências também atuavam no movimento sindical de professores, bancários, funcionários públicos, entre outros). Apesar das divergências táticas, estes grupos procederam à criação do Partido dos Trabalhadores e da Central Única de Trabalhadores (os diferentes posicionamentos foram mantidos dentro destas duas instâncias. O PT, até hoje, organiza-se através de tendências).

Ricardo Antunes chama esse movimento operário combativo de “novo sindicalismo”. Em seus livros “*A Rebeldia do Trabalho*” e “*Adeus ao Trabalho?*” analisa as ações de trabalhadores (principalmente de metalúrgicos no ABC paulista) que caracterizaram este período. Segundo Antunes:

“Essa resistência era marcadamente defensiva, caracterizada pelas freagens e o ‘amarrar’ da produção que refletiam, de um lado, a criatividade no plano da espontaneidade operária, e de outro, os limites imanentes dessa forma de luta. Por vezes com um componente mais acentuadamente classista e coletivo, ora mais grupais e parciais ou mesmo expressando ações isoladas (...)”

“Essas ações de resistência encontram sua causação na precariedade das condições de salário e trabalho, precariedade esta dada pela compreensão salarial, pela intensidade extenuante do trabalho, e se expressa no protesto contra a opressão e controle das chefias, na luta contra os atrasos de pagamento, no empenho pela melhoria do sistema promocional, etc...”

As ações de metalúrgicos devem ser analisadas a partir das suas expectativas de vida e trabalho que vão sendo frustradas. De início, através de um brutal arrocho salarial, depois os novos tempos de reestruturação da produção trazem elementos como

sindicatos e associações profissionais serão reconhecidos de conformidade com a lei. Parágrafo Único - A lei assegurará a unidade sindical e a completa autonomia dos sindicatos.”

Com o advento do Estado Novo, em 1937, foi outorgada outra Constituição, conhecida como “A Polaca”. Sobre os sindicatos esta colocava: “art. 138. A associação profissional ou sindical é livre. Somente, porém, **o sindicato regularmente reconhecido pelo Estado tem direito de representação legal dos que participarem da categoria de produção para que foi constituído** e defender-lhes o direito perante o Estado e outras associações profissionais, estipular contratos coletivos obrigatórios para todos os associados, impor-lhes contribuições e exercer em função a eles funções delegadas de poder público”.

Ainda sob o Estado Novo cria-se o imposto sindical. Vê-se que o governo tenta de todas as formas enquadrar os sindicatos. A prévia autorização do Estado para o reconhecimento legal do sindicato é uma forma de controle e tentativa de exclusão de setores mais combativos. Já o Imposto Sindical favorece a criação de uma burocracia no sindicato, uma vez que é descontada compulsoriamente, inclusive daqueles que não querem se sindicalizar. Assim, não é mais preciso a diretoria legitimar-se perante os trabalhadores na organização da luta pelos interesses da categoria para a manutenção financeira dos sindicatos.

No dia 1º de maio de 1943 é assinado o Decreto Lei nº 5.452 que aprovou a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). A CLT mantém, basicamente, os pilares já citados até os dias de hoje.

as novas tecnologias que substituem mão-de-obra, novos ritmos de trabalho, valorização de outros saberes,...

O metalúrgico Ivan Trevisan narra que o contato com posicionamentos políticos “de esquerda” vem desde a época em que era estudante:

“a minha vida na ETEP⁸⁶ é acabou despertando, o começo do despertar duma consciência política e uma simpatia é com a esquerda, então a gente acabou montando é... é... a gente acabou tendo uma afinidade com o grêmio estudantil, que a ETEP tinha um grêmio e era um grêmio que era combativo, o pessoal é..., posicionamentos mais de esquerda é... não tinha ligações partidárias, mas acabava tendo aquela coisa da juventude de contestação, tudo isso, e curiosamente, em baixo do vigor da ditadura de 72 a 74”

As narrativas de Toninho e Ivan nos colocam para a análise o campo de possibilidades e das experiências compartilhadas por trabalhadores e jovens durante o período da Ditadura Militar. Ambos os textos nos remetem à dimensão da “rebeldia da juventude” como um fator de disposição para organização nas lutas e que vão justificar as opções adotadas por estes trabalhadores ao longo de suas vidas. A construção das narrativas, ao apoiarem-se nas experiências de juventude antes mesmo de começarem a trabalhar nas fábricas em São José dos Campos, legitima não apenas as posições adotadas no passado como o lugar social do qual falam no presente. Ambos os trabalhadores dedicaram suas vidas à organização da luta de metalúrgicos em São José dos Campos. Dedicar-se à organização de lutas coloca-os dentro de um campo onde a possibilidade do desemprego e a pressão familiar estão presentes.

Essas experiências estão presentes nas falas de outros metalúrgicos, Siqueira narra sua decisão de participar como membro de uma das chapas da eleição do sindicato:

“Siqueira- Quando eu entrei no sindicato eu tive pressão da empresa, toda chefia, toda a minha família...Tá ficando louco? Você vai perder o emprego.

M- Sei

S- Aquele povo lá é... é... ateu, um povo sem juízo, eles vão só ensinar coisa errada pra você, o chefe me chamava, pô você vai trair nós, você era guardinha aqui, todo mundo gosta de você, como é que você faz um negócio desse? Então foi uma pressão violenta,

⁸⁶ ETEP: Escola Técnica professor Everardo Passos. Na época que Ivan estudou nesta escola, ela era uma fundação com regime de internato. Hoje é uma escola particular.

entendeu? Só que daí eu, eu decidi sozinho, sem a participação de ninguém, eu falei não, vô entrar e cabô, eu lembro certinho, eu levei a xérox do RG, do CIC e da minha carteira profissional, não tive medo não, tirei a carteira profissional, dei na mão do Índião... pode carimbar lá e já era, eu lembro certinho, o gerente chamou eu na sala e falou, você entrou nessa eleição... tá bom na época e tinha chapa 2 né que era a Articulação, se você perder, a eleição era uma quinta... não minto, terça, quarta, quinta, três dias de eleição, que a eleição em São José dos campos é maior que cidade o sindicato né... 17 mil pô... então tem hora que ela é maior que uma cidade, eu lembro certinho que ele chegou e falou pra mim ó, se perdesse a eleição segunda feira não precisava nem vir pra Eaton”⁸⁷

Estavam colocadas enquanto possibilidades para a decisão de disputar a eleição do sindicato a pressão da família e da chefia. Participar do sindicato é visto, então, como uma “traição” do trabalhador à empresa que o “acolhe”. No caso de Siqueira a pressão era ainda maior, uma vez que seu pai já havia trabalhado como chefe na Eaton. A possibilidade de demissão é utilizada pelas fábricas como um meio de desencorajar o trabalhador a entrar no sindicato.

A possibilidade de participar de uma chapa, que eventualmente seja derrotada, pode levar o trabalhador a ficar “marcado” na empresa. Assim, a pressão é sentida de imediato e constitui-se numa tentativa de limitação da organização de trabalhadores. Vale lembrar que mesmo a estabilidade sindical garantida em lei é, por vezes, descumprida pelas fábricas. Em São José dos Campos não foram poucos os casos de demissão de integrantes do sindicato. Essas demissões arbitrárias são discutidas em processos de reintegração que demoram vários anos para serem resolvidos.

Na relação com a família, a participação no sindicato contribui para diminuir o tempo de convivência. Siqueira, por exemplo, além de trabalhar 8 horas por dia na Eaton, estuda no SENAC e participa do sindicato. Assim, o envolvimento de trabalhadores em atividades sindicais acaba por alterar ritmos, horários, relações de convivência e práticas sociais.

A experiência de participar do sindicato foi sentida por Siqueira não apenas enquanto realização de uma atividade de protesto para garantia de direitos dos trabalhadores, mas como atividade constitutiva de novas relações sociais:

“Ah mudou bastante coisa né, só que quando eu trabalhava só sem sindicato, a CIPA até que nem tanto, era aquela vida assim mais sossegada, d’eu trabalhar ir embora, cervejinha no final de semana,

⁸⁷ Depoimento de Pedro Siqueira.

agora sindicato não já dá outra dimensão maior né, fica até... — povo aqui todo dia, você vai conversar outro assunto, esses dia até meu pai falou assim pra mim assim oh você só fica falando essas... então você se torna até chato tem hora né, agora eu procuro falar outros assuntos esporte, não fico só falando em política não”

O “sentir-se” chato é indicativo que Siqueira foi constituindo outras relações sociais a partir da vivência de novas experiências. A fala revela uma certa ambigüidade, pois apesar da atividade sindical despertar-lhe novos interesses, Siqueira tenta não se desfazer das relações que já participava. Vemos que não há um processo de ruptura entre a vida que levava antes de começar a participar do sindicato e depois. Há uma mudança vivida dentro de um processo. Em toda a narrativa percebemos um orgulho de ter conseguido resistir às pressões e participar das atividades sindicais há mais de dez anos.

Mas quais as estratégias utilizadas por metalúrgicos em São José dos Campos para reivindicarem melhores condições de trabalho?

As lutas operárias, que irrompem em fins da década de 70 e início de 80, têm como reivindicações principais o direito à organização no local de trabalho (comissões de fábricas e CIPAs) e a luta pelo aumento salarial. Greves com ocupações de fábricas emergem como métodos privilegiados de luta. Nestes momentos, há uma grande disputa na cidade pelos significados e sentidos das ações operárias. Nesta dissertação, analisaremos os significados e disputas que as ocupações na EMBRAER (1984), GM (1985) e Philips (1989) engendraram.

No dia 11 de abril de 1985, à zero hora, iniciava-se uma grande greve de trabalhadores na General Motors⁸⁸. Esta greve marcou para sempre corações e mentes não só dos trabalhadores que estiveram diretamente envolvidos na ocupação, mas também marcou aqueles moradores/trabalhadores de bairros operários, que participaram solidariamente da greve, seja através de doações ao fundo de greve, apoio político nas passeatas e que foram para a Rodovia Dutra quando todos os meios de comunicação

⁸⁸ Os sentidos e as disputas de significados engendrados pela greve de 85 da GM podem ser analisados à partir de várias evidências. Para esta dissertação utilizarei entrevistas com trabalhadores que vivenciaram este processo e outros que ingressaram na fábrica ao fim da greve devido a abertura de novas vagas que o processo de demissão em massa, enquanto expurgo da greve, ocasionou. Analisarei ainda a produção de sentidos de outros sujeitos sociais através de artigos do Jornal ‘O Estado de São Paulo’ e ‘Vale Paraibano’. Dois livros também serão analisados enquanto evidências deste processo: O livro ‘Ação e Razão dos Trabalhadores da General Motors de São José dos Campos’ (editado pelo Fundo de Greve logo após o conflito) e o Livro ‘A Greve da GM’ do Jornalista Celso Horta.

começaram a anunciar não apenas a iminência da entrada da tropa de choque na GM, mas a morte certa de trabalhadores que resistiam à desocupação.

As principais reivindicações do movimento paredista de 85 eram a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais e o fim das horas extras. Desde o fim da greve de 84, trabalhadores e empresa começaram a organizar-se e preparar-se para a campanha salarial de 85.

Uma das estratégias utilizadas pela GM foi a exigência de um grande número de horas extras para fazer um estoque que agüentasse o período de greve, o trabalhador Josias analisa como eram as condições de trabalho na GM antes da greve:

J- “Na época trabalhava 11, 12 horas por dia. Era uma repressão. Você era obrigado a trabalhar dia de sábado. Eles faziam o seguinte, chegava na quarta feira e eles colocavam no quadro, sábado normal e se você não fosse, primeira, segunda, terceira ia para a rua então a repressão era muito terrível, inclusive na GM, na época, a chefia da Gm, era tudo eles pegava na época não era supervisor, era CT, era capataz, eles só pegava aqueles caras grandão, forte e muitas vezes eu presenciei lá, o supervisor quase bater no peão lá, gritava mandavam calar a boca, isso não acontecia comigo porque eu não, eu nunca permiti isso, mas acontecia muito na GM, essa transformação começou a mudar na década de 80, porque 79, 80 foi a grande greve, depois veio 84 e depois 85 que foi aquela greve que marcou, uma das maiores greves do mundo na GM”.

M- “Me fala um pouquinho dessas greves.”

J- “Olha, a greve de 85 foi um negócio terrível. Porque a GM era uma repressão muito forte e a gente tava brigando pelas 40 horas e foi na época do Tancredo, tava havendo o Tancredo tinha acabado de se eleger presidente da república, depois ele morreu e inclusive quem tomou posse foi o Sarney. Então nós tava parado aqui, GM, Bundy, Eriksson, o ABC inteirinho, era uma greve muito forte, entendeu? Porque a repressão na GM era tão forte que inclusive tinha um dirigente dentro da fábrica que chegou para mim, para me desafiar que na GM ninguém parava. Inclusive o ABC na época veio para cá, para párar a fábrica, porque falavam que aqui só tinha mineiro, que aqui o pessoal era pouco, era frouxo, né? Só que foi uma provocação que ele fez.”

Analisando a narrativa de Josias percebemos como este metalúrgico, que participou ativamente da greve de 85, constrói o enredo dos acontecimentos que na sua visão legitimam o movimento. Assim, emergem relações de trabalho vivenciadas e compartilhadas por metalúrgicos (não só da General Motors) na década de 80. A hora – extra era um artifício usado pelas indústrias para garantir o aumento da produção sem que isto significasse a contratação de novos funcionários. Além das horas – extras,

Josias aponta para os maus tratos cometidos pela chefia com os trabalhadores e o incômodo criado pela imagem construída de que devido à origem rural dos trabalhadores que tinham vindo de Minas Gerais, estes seriam “cordeirinhos”.

Ainda sobre esta questão da “cordialidade” do imigrante mineiro, temos mais duas narrativas:

“Em 78, quando o ABC entrou em greve, a peãozada inventou que a Tecelagem Paraíba ia comprar a GM, porque lá só tinha carneirinho, ela poderia aproveitar a lâ para fazer cobertor”.

“Não é que a gente era carneirinho. Tinha muita iniciativa isolada; entendeu? Vi muita iniciativa isolada. Elemento que brigava sozinho, discutia com o feitor; entendeu? Isso não foi um ou dois casos; Certo? O que faltava lá dentro era organização. O que o pessoal fazia era por iniciativa própria, em legítima defesa. Peão enfiava parafuso na máquina lá, estourava a máquina e dizia: ‘Vou descansar um pouco, vou no banheiro; certo?’ Então, enquanto a máquina estava estourada ele ia pro banheiro. A gente falava: ‘Pô, se descobrirem que você enfiou o parafuso na máquina você tá fudido; Certo?’... E ele respondeu: ‘Tudo Bem!’. Quer dizer, era um meio de parar a produção, porque a gente estava estourando e o feitor em cima. Era o único jeito e os outros companheiros sabiam disto; certo?”⁸⁹

A partir da análise crítica que este metalúrgico faz da imagem criada dos imigrantes mineiros na cidade de São José dos Campos (“não é que a gente era carneirinho”), percebemos como se constituíam as experiências entre os metalúrgicos e o ritmo de trabalho nas indústrias. A sabotagem emergia enquanto estratégia de trabalhadores numa tentativa de controlar o ritmo da produção (“a gente tava estourando e o feitor em cima. Era o único jeito e os outros companheiros sabiam disso...”).

“Quando a gente não agüentava mais o ritmo intenso e febril daquele trabalho, onde o ‘peão’ sequer podia ter necessidades fisiológicas, alguém se incumbia de tomar uma providência para que ele fosse interrompido. Uma porrada bem dada, com a mão aberta no meio do vidro, era suficiente para interromper toda a linha de montagem”⁹⁰

⁸⁹ Essas duas citações foram extraídas do livro “Ação e Razão dos trabalhadores da General Motors em SJC”. Como o livro foi editado bem pouco tempo após a greve e por pessoas que tinham sido demitidas pela GM, a comissão editorial optou por não identificar as narrativas. O nome deste trecho do livro no qual estão contidos estes trechos de entrevista é “De Mineiro a Companheiro”.

Conforme Celso Horta explica em seu livro

“as normas da linha de montagem exigiam que a carroceria estivesse completamente limpa antes de ser acoplada ao chassis. A sabotagem, portanto, significava paralisar toda a produção até que um encarregado, munido de um aspirador, pudesse recolher os pedacinhos de vidro espalhados por todo o carro”⁹¹.

Da imagem de trabalhador “cordial” à imagem de um trabalhador ativo na produção e que resiste ao ritmo alucinado da fábrica, vemos um embate pela memória do perfil de metalúrgicos em São José dos Campos. Outro ponto fundamental que emerge dessas narrativas é a própria concepção de organização e movimento desses trabalhadores. A segunda narrativa deixa subentendido que embora não havendo greves e paralisações naquela época (início da década de 70), o trabalhador não estava passivo ao que ocorria em seu processo de trabalho. O narrador cria a imagem da “*legítima defesa*” como forma de justificar as ações tomadas por ele e outros nas disputas pelo ritmo e condições de trabalho. Assim, a própria noção de classe redefine-se. É da experiência em comum desses metalúrgicos (ritmo de trabalho, maus tratos da chefia, rotatividade de mão de obra, extensa jornada de trabalho) que resulta em um sentimento de “classe” que torna possível que “ações isoladas” (quebrar os vidros dos carros ou enfiar o parafuso na máquina) não sejam denunciadas e que tenham grande relevância, na memória destes trabalhadores, essas situações vivenciadas. Neste sentido, essas ações não eram tão individuais (uma vez que inexistia a denúncia) bem como a lembrança do dia-a-dia de trabalho faz emergir experiências compartilhadas, que embora não tenham levado à deflagração de greve naquele momento, acabam por engendrar uma articulação de identidade e interesses entre os operários. No prefácio de seu livro “A Formação da classe operária inglesa”, Thompson reflete da seguinte maneira sobre o conceito de classe social referenciado pelas experiências dos sujeitos sociais:

“A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram

⁹⁰ Entrevista de James Ribeiro Salgado a Celso Horta, extraída do livro “A Greve da GM”.

⁹¹ HORTA, Celso. *Op.cit.* p. 83.

involuntariamente. A consciência de classe é a forma de como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais.”⁹²

A identidade e a articulação de interesses em comuns engendrados pelas experiências compartilhadas neste período foram fundamentais no desenrolar das ações que posteriormente seriam tomadas por trabalhadores metalúrgicos na cidade de São José dos Campos.

No início, a greve de maio de 1985 foi de revezamento, ou seja, o trabalhador ia para a fábrica no seu turno normal de trabalho e durante este período realizava as atividades de greve, ao fim deste turno o trabalhador voltava para casa e entrava outra turma. Porém, no dia 25 de abril, a GM demite, “por justa causa”, 93 trabalhadores (entre esses 93 estavam aqueles recém-eleitos para comissão de fábrica que começava a funcionar na empresa). Esta atitude da GM de demissão em massa causa uma indignação muito grande entre os trabalhadores, que decidem em assembléia ocupar a fábrica até a readmissão dos companheiros. A batalha judicial pela reintegração de posse da fábrica, a disputa pelo apoio popular através do fundo de greve que passava nos bairros com o intuito não só de coletar doações, mas explicar os motivos que teriam levado os trabalhadores da GM à ocupação e as matérias veiculadas em jornais e rádios sobre a greve compõem o enredo no qual desenvolveu-se este processo. Houve, nesse sentido, uma disputa pelos significados desta greve.

É interessante analisar as muitas histórias desta greve. Os vários textos estudados (livros, narrativas orais e matérias de jornais) compõem uma trama, onde evidenciam certas ações e obscurecem outras com o objetivo de legitimar posições adotadas não apenas durante o conflito, mas em relação ao próprio momento da narrativa.

No dia 14 de maio de 1985, o jornal Vale Paraibano edita as seguintes notas na coluna ‘Política e Políticos’ assinada pelo jornalista João Albano:

“Aliás, eu aproveito a ocasião e como não quero ser cúmplice de crime algum, recorro, daqui, para avisar o Zé Luís⁹³ para que se acautele: telefonou-me uma mulher, que se identificou apenas como “a esposa de um metalúrgico”, dizendo que está andando armada e que se encontrar o presidente do sindicato, vai “passar fogo nele”,

⁹² THOMPSON, E.P. *A Formação da classe Operária Inglesa*. V.1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 10.

⁹³ Zé Luís era o presidente do sindicato dos metalúrgicos na época da greve da GM de 1985.

conforme diz naquele seu delicioso linguajar popular. Contou-me que o marido, cabeça-de-vento, tinha 23 anos de GM e foi posto na rua depois da última greve em que foi forçado a servir de miliciano contra os seus próprios companheiros por determinação da CUT, do sindicato, do PT e da Convergência. A mulher não se conforma com isso. E responsabiliza o Zé Luís. Diante da notícia “crimínis” estou cumprindo com o meu dever de cidadão e alertando o interessado e as autoridades”

(...)

“Conheço um outro metalúrgico, meu amigo, que é proprietário de uma “Kittinete” no Suíte Service. Dono de um “apê” no Suíte Service, coisa que a maioria de nós jamais conseguirá ser. Ultimamente, esse meu amigo vinha apresentando inquietante sinais de nervosismo, agressividade, que aparentemente foram muito bem explorados pela CUT, PT, Sindicato e Convergência. Resultado: Rua. Estava calmamente posto na vida e dela usufruía o melhor do melhor, não podia queixar-se. Agora, vai ter de retornar à sua terra, alugar a “Kittinete” e desfazer-se da boa vida que levava.”

O enredo construído pelo articulista João Albano e veiculado no jornal elege como culpados pela difícil condição de vida em que trabalhadores demitidos estavam passando, respectivamente o sindicato, o PT, A CUT e a Convergência. Também deixa explícita a situação de metalúrgicos com a demissão (desemprego, fome, possibilidade de ter que voltar à terra natal, desagregação familiar...). Outra questão que impressiona é a passagem “*estava calmamente posto na vida e dela usufruía o melhor do melhor, não podia queixar-se*”, onde julga inconseqüente a ação de trabalhadores, que segundo ele teriam sido guiados por “líderes irresponsáveis”. Ao construir este enredo, o jornal exalta os elementos citados e obscurecem outros como a intransigência da General Motors que se negava a negociar com os grevistas, a demissão por justa causa mesmo antes do julgamento da legalidade da greve pelo TRT (Tribunal Regional do Trabalho)⁹⁴ e as dificuldades que outras fábricas em São José dos Campos estavam criando ao recusarem-se empregar aqueles que tinham sido demitidos como grevistas pela GM.

Para o metalúrgico Josias Melo, um dos principais motivos da greve foi a revolta do “peão” contra a chefia na época:

“Então, tinha aquele ódio, mais ou menos como um exército que se rebela contra os seus comandantes. Foi uma rebelião o que houve na GM na época. Então tinha gente de 20 anos, 25 anos que tava parado e tava todo mundo querendo um momento para resolver

⁹⁴ Na minha opinião, a decretação de ilegalidade de uma greve de trabalhadores é uma decisão política do Tribunal e não técnica. Assim, mesmo as demissões que ocorrem baseadas no decreto de ilegalidade são subsídios de repressão à organização de trabalhadores.

todos os problemas que tinha, a situação do país, o peão mesmo que ganhasse um salário razoável, mas a repressão era muito forte.”⁹⁵

Na narrativa de Josias, o problema do arrocho salarial teve menos importância nos rumos da greve, do que a revolta de trabalhadores quanto à forma que se desenvolviam a relação trabalhador/chefia dentro da fábrica. Josias expressa que depois desta greve a direção da GM tornou-se mais aberta às negociações.

Durante a greve, tanto no revezamento quanto na ocupação, o espaço da fábrica constituiu-se no palco de relações sejam elas assembleias, reuniões, campeonatos de truco (para “passar o tempo”) e inclusive montou-se um palco onde houve apresentações de música sertaneja, sanfona, rock, piada... Surgiu a TV Vaca Brava (uma câmera de TV e um microfone de isopor) que fazia a cobertura das atividades de greve – “TV Vaca Brava, Canal 40 horas”.

Com a desocupação da fábrica, a GM mandou 405 cartas de demissões a trabalhadores, demitindo-os por justa causa, entre eles alguns que estavam em férias durante a greve, que estavam no INPS, que faltava menos de 1 ano para se aposentar e, inclusive, dois trabalhadores que haviam falecido antes da greve.

Percebe-se, neste sentido, que as demissões ocorridas ao final da greve tiveram um cunho não só de afastar trabalhadores envolvidos com atividades sindicais, mas houve um enxugamento da mão-de-obra na fábrica, pois foram demitidos trabalhadores que, nem ao menos, estavam envolvidos nos acontecimentos de abril/maio de 85. É o início de um tempo onde as demissões em massa viram algo recorrente nas fábricas.⁹⁶

M- Como você entrou na categoria?

L - Eu entrei na categoria em agosto no dia 18 de agosto de 1985. Entrei no lugar de alguns companheiros, que através de uma luta pelos seus direitos, foi feita uma greve um mês antes, uma das maiores greves já feitas aqui na categoria, principalmente na GM, então infelizmente, eu não sei ou felizmente, talvez, porque hoje eu faço parte também do sindicato aqui metalúrgicos, onde tenho tentado levar a luta daqueles companheiros, que pela luta foram mandados embora, eu acabei entrando no lugar de alguns deles, que foram mandados embora pela luta, mas hoje eu me sinto feliz, porque estou dando continuidade à essa luta também, já estou na 2ª gestão do sindicato metalúrgico aqui de São José dos Campos e fazendo o quadro da GM, no qual entrei no lugar de alguns daqueles

⁹⁵ Entrevista com Josias Melo.

⁹⁶ Apesar da demissão em massa ser uma característica marcante do processo de reestruturação da produção, não é sua exclusividade. Através da pesquisa, tive contato com vários dados e censos que indicam um início de grandes processos de demissão ainda na primeira metade da década de 80.

*companheiros que perderam postos de trabalhos pela greve, reivindicando seus direitos, então eu me sinto feliz por isso, porque hoje, também, eu faço o quadro da continuação da luta pela categoria*⁹⁷.

Através deste trecho da narrativa de Antônio Ladeira, emergem as condições vividas por metalúrgicos logo após o fim da greve. Devido à demissão em massa ocorrida, estabeleceu-se uma repressão terrível entre os trabalhadores da fábrica: foram proibidas as assembléias, as “rodinhas de conversa” que se formavam após a refeição ou durante a “parada para o cafezinho”. Novos seguranças foram contratados e a truculência passou a ser norma na relação com o trabalhador. A fala de Ladeira é ambígua neste sentido, pois por mais que ele tenha ressentimento da repressão vivenciada por seus companheiros que lutaram na greve (e que também foi vivenciada por ele, uma vez que começou a trabalhar na fábrica um mês após o fim do movimento paredista), este trabalhador sente-se feliz por hoje ser metalúrgico e continuar a luta dos “companheiros que foram demitidos”.

O fim da greve (e as mais de 400 demissões) deu força suficiente para a gerência da GM implementar não apenas um enxugamento da mão-de-obra, mas instituir um controle maior sobre o tempo de trabalho (impondo maior rigidez ao mesmo) e, lógico, impedir a organização de trabalhadores dentro da fábrica. Esses elementos, depois, irão tornar-se mais “comuns” dentro das fábricas enquanto práticas de consecução da chamada “reestruturação produtiva”.

J-. Logo depois da greve de 85 na realidade nós perdemos essa greve, porque houve um vacilo, inclusive, na época, no último dia, um vacilo inclusive do dirigente sindical, tava uma repressão muito forte toda a mídia em frente à fábrica, se a gente tivesse aguentado mais aquele dia, talvez a gente ganhasse a greve, depois da greve foi pior ainda. Acabou a greve e nós entramos para dentro da fábrica, nós entramos é...parecia um corredor polonês, polícia dos dois lados, polícia e cachorro,

M- Isso vocês voltando a trabalhar?

J- Voltando a trabalhar e aí é que o bicho pegou.

M- O que eles fizeram?

J- Eu me lembro e até me arrepio quando me lembro disso, eu me lembro que a gente entrou para dentro da fábrica, o setor que eu trabalhava que era o setor das prensas, eu me lembro como se fosse hoje, isso eu nunca mais esqueci, eu me lembro que o nosso chefe disse o seguinte: olha, a partir de hoje, porque na época da greve houve o seguinte, os caras fizeram lá a TV vaca Brava, eu não sei se você acompanhou a coisa o que era a TV vaca Brava? Os próprios

⁹⁷ Depoimento de Antônio Ladeira.

trabalhador fizeram lá uma câmara de isopor e saía andando dentro da fábrica e entrevistando, entendeu? O pessoal falava TV Vaca Brava, então quando cabou a greve a própria chefia falava não agora vamo comer o churrasco da Vaca Brava. A chefia fez uma festa na época para comer o churrasco da vaca e a derrota dos trabalhadores e eu me lembro que a gente tava reunido lá nas prensas e o chefe trepou numa mesa e fez um discurso parecia....parecia o Hitler na época da guerra, o cara falando umas palavras e aquilo batia fundo na gente e eu lembro que ele falou o seguinte: a partir de hoje sindicato não manda mais aqui dentro, não existe sindicato mais aqui dentro e aquele que falar a palavra sindicato aqui e achar que não tá bom a porta da rua tá aberta. Sabe aquela pressão forte? Psicológica não? E a partir de hoje ninguém pode mais sair da máquina a não ser depois que apitar. Se alguém ousar a sair da máquina sem apitar, tanto na hora do almoço, como na hora de ir embora, vai ser mandado embora. E foi um negócio terrível porque a gente não podia ir no banheiro, não podia fazer mais nada eu trabalhava em linha tinha lá as pessoas que substituíam a gente pra poder ir no banheiro né? Mas não podia ir no banheiro, não tinha como senão parava toda linha. E aí foi mais ou menos eles tinham colocado dentro da GM na época, a gente falava que era os cão a gente falava que era os cães de guarda os cara que era do grupo paramilitar, do grupo paramilitar do Akira, os cara fortão, grande, parecia um guarda roupa, eles andando por dentro da fábrica três, quatro caras e as vezes a gente tava sentado batendo papo, às vezes sobre futebol, mulher, uma coisa assim lembrando e chegava e esparramava, dizia que não podia fazer isso não podia parar, mesmo no horário do almoço. Mesmo no horário do almoço a gente não podia conversar⁹⁸.

O modo de vida e trabalho de metalúrgicos começava a transformar-se rapidamente. As expectativas que motivaram homens e mulheres em fins da década de 70 a sair de suas cidades e ir para São José dos Campos em busca de um emprego numa grande fábrica de metalurgia, que lhes garantiria estabilidade, bens materiais (como a sonhada casa própria e um carro), o sustento dos filhos com dignidade e o reconhecimento social de ser trabalhador no principal ramo industrial da cidade começam a ser frustrados (em alguns momentos de forma mais abrupta, outras vezes paulatinamente). Vale salientar que trabalhadores, que começaram no ramo da metalurgia ainda durante a década de 70, ainda chegaram a vivenciar um tempo onde o salário de metalúrgico era um dos pisos salariais mais altos da cidade. Ser metalúrgico, naquela época, significava ser socialmente reconhecido. Trabalhadores falam do crédito que lhes eram concedidos (em bancos, nos supermercados e mercearias) e no respeito da polícia. O metalúrgico da década de 70 e início de 80, podia projetar com certa estabilidade seu futuro.

⁹⁸ Depoimento de Josias de Oliveira Melo.

Mas estes tempos pareciam estar mudando... Este trecho da narrativa de Josias faz emergir características, que depois serão tomadas enquanto políticas de gestão de pessoal nas fábricas. A proibição da organização sindical, o controle sobre o tempo de trabalho do operário (que passou a ser proibido de ir ao banheiro e beber água, pois não tinha mais quem os substituíssem na linha de produção) e a impossibilidade até mesmo de conversar com outros trabalhadores compõem o enredo de início dessas mudanças que faz com que Josias compare seu chefe ao ditador Hitler.

Algumas broncas do ‘Dito’, nos ajudam a entender como este enredo foi se compondo até os anos noventa:

Vai se dar mal

Na GM tem uma figurinha, o Cláudio, CT do 1º turno da Pinturinha do MVA, conhecido como Dondinha, que não deixa o peão participar da assembléia. Se participa, ele começa com pressão. Isso sem contar a puxa-saquisse com a GM. Fica esperto seu pelego. Você vai acabar mal!

Bisbilhoteiro

O supervisor Wander, do recebimento central do MVA da GM, gosta de impor regras e horários para os outros. Pra ele nada. Na tal Roda de Segurança, só a gente usa equipamento e tem de chegar cedinho para esperar o boneco. Tudo isso, sem contar que ele vai mais cedo pro banheiro pra espionar se alguém toma banho antes das 16:06. Tô de saco cheio com você cara. Vê se sai do nosso pé, chulé.

Mala sem alça

Na Metalúrgica Ipê, a coisa não tá fácil pro peão. Tem um engenheiro, o Maurício, que faz pressão pro pessoal fazer hora-extra e acelerar o ritmo de produção. Empurrar com a barriga também é com ele, como no caso da PLR. Eu tô na sua cola mané. Já não bastasse termos de agüentar a exploração da empresa, ainda temos que agüentar uma mala sem alça como você? Fica de olho.⁹⁹

Percebemos, ao analisar a narrativa, que trabalhadores metalúrgicos denunciavam: proibição de organização, maior controle do tempo de trabalho e aceleração do ritmo de produção, dimensões características da reestruturação da produção, mas que já ocorrem antes mesmo do período de recorte convencional trabalhado na historiografia.¹⁰⁰

⁹⁹ Todas essas três “broncas do Dito” foram publicadas no jornal : “O Metalúrgico”, nº 465, 04 a 10 de agosto de 1999, p. 04.

¹⁰⁰ Esse período convencional seria de fins da década de 80 perdurando até os dias atuais.

Cabe, ainda, em relação à greve de 1985 da General Motors, analisar as estratégias de trabalhadores metalúrgicos para desenvolver, ampliar e fortalecer o movimento paredista.

Tomada a resolução de ocupar a GM em 25 de abril de 1985, em virtude da demissão de 93 companheiros, metalúrgicos começam a organizar a tomada da fábrica. A orientação para a organização da ocupação tirada em assembléia era de não deixar ninguém sair da fábrica, a não ser com autorização do comando de greve. As portarias e as frotas internas de carros para a locomoção diária da gerência foram tomadas e passaram para o controle dos trabalhadores. Neste momento, ocorre um dos episódios de maior tensionamento da greve: os trabalhadores descobrem o lugar onde os gerentes e supervisores estavam passando o tempo da greve e resolvem trazê-los para junto do movimento. Este episódio foi considerado pela imprensa na época como cárcere privado e até hoje é usado contra os trabalhadores processados judicialmente. A fábrica entra com pedido de reintegração de posse e é atendida. Os trabalhadores sabiam que a qualquer momento poderia haver a invasão da tropa de choque. Assim, começam a organizar a “auto-defesa”, uma vez que a assembléia havia decidido pela manutenção da ocupação.

Ivan Trevisan rememora o processo de organização da auto-defesa dos trabalhadores da GM:

ai nesse momento, nessa nesse momento da resistência quando a fábrica endurece também os trabalhadores endurecem com a auto defesa né, ai você tem o processo todo de tomar providências quanto a invasão, é de você ter, tomar postos de vigilância, tomar torre de caixa d'água pra vigiar, sendo vigiado diuturnamente pela pelos trabalhadores pra ver se havia algum movimento de de desocupação por forças militares, você tinha postos chaves da empresa e que servia muito de.... de trunfo né da ocupação que era a a casa de pintura com fios elétricos a ponto de dar curto circuito pra poder provocar incêndio, ou seja havia uma disposição forte pra dizer o seguinte olha se entrar morre vai morrer gente aqui, vai queimar a fábrica inteira, então um processo extremamente radicalizado e com centenas e centenas de trabalhadores dentro da fábrica centenas, as barras de direção da montagem de carro não ficou uma dentro da fábrica todas elas foram levadas pro gramado e distribuídas, todo mundo com barra de direção, pra poder enfrentar tropa de choque, exército, o que viesse é... empilhadeiras, caminhões, caminhões internos de transporte, postos de combustível de abastecimento interno da empresa foram abertos, tirado lacre pra poder abastecer a frota que naquele momento o movimento usava, a utilização da da frota de carros é.... recém colocadas no pátio, carros prontos novos,

a empresa cometia uma tinha uma, hoje a gente chama de imprudência mas na época pra nós foi uma boa, eles deixavam a chave no contato do carro, então os trabalhadores tiravam todas as pickups que tinham no pátio de estacionamento pra revenda, os trabalhadores puxaram, foi transportado tudo pra cerca né pra poder fazer processo de resistência

A narrativa revela a disposição de metalúrgicos para enfrentar a tropa de choque, inclusive com a própria vida. Neste momento, as reivindicações ultrapassavam qualquer medida de cunho salarial ou mesmo de organização da fábrica. Ali estavam homens e mulheres, trabalhadores, lutando por respeito e dignidade. Lutando pela manutenção de seus modos de vida e trabalho que já começavam a modificar-se. Os sonhos e expectativas que trouxeram alguns desses trabalhadores de tão longe estavam ameaçados.

*Quando a polícia chegou (...), homens trabalhadores, brutos (...) mas que tinham sangue na veia, quando eles viram a polícia chegar, eles se revoltaram, eu sou trabalhador, tô aqui reivindicando meu direito e a polícia quer meter a mão ni mim, ai cerca de cinquenta do lado de dentro e eles cerca de mil do lado de fora, o pessoal não queria sair de jeito nenhum.*¹⁰¹

Houve uma grande revolta, entre os trabalhadores metalúrgicos, com a chegada da tropa de choque. Afinal, estavam lutando pela manutenção de seus direitos. A greve era referenciada pelas mudanças, que começavam a ocorrer nos modos de vida e trabalho de metalúrgicos, e que estes, balizados por seus sonhos e expectativas negavam-se a aceitar. A truculência da direção da empresa em negar-se a negociar com os trabalhadores grevistas e pedir, através da via judicial, a reintegração de posse da fábrica, juntamente com a chegada da tropa de choque para cumprir a liminar, levou trabalhadores metalúrgicos à cólera.

Este é um conflito que envolve várias histórias. Juntamente às atividades desenvolvidas por grevistas pela manutenção da ocupação na fábrica (a tomada de posições, as atividades culturais, a TV Vaca Brava...), o enredo desta greve é formado, também, pelo apoio popular conseguido por metalúrgicos, principalmente nos bairros operários que margeiam a Rodovia Dutra (onde se encontra a GM) e com a história de familiares de trabalhadores que ficavam, quase que todo o tempo (antes do tensionamento pela tropa de choque) na fábrica. Iam ver os shows, as apresentações,

¹⁰¹ Depoimento de James Ribeiro Salgado.

levar comida e roupa para os trabalhadores que estavam na ocupação (pois que estes estavam dormindo, comendo e tomando banho na fábrica).

Neste trecho de narrativa, Marilena (esposa de Ivan Trevisan) rememora os difíceis momentos da ocupação da GM, pois pouco antes da greve começar, havia nascido Maíra, a primeira filha do casal. Com a ocupação, Ivan não podia sair da fábrica para ver sua filha recém-nascida:

Ma -foi aquela greve que deu essa demissão, processo crime em cima dos demitidos né e foi uma greve que chamou a atenção do país inteiro porque chegou num ponto do embate onde a polícia cercou toda a fábrica, disse que ia invadir, os trabalhadores dizendo que não né, eu me lembro que nesse dia eu fui na porta da fábrica com uma foto da nossa filhinha, porque desde que a Maíra tinha nascido eu acho que ele tinha, você ficou quantos dias preso na empresa?

*I- não me lembro quantos dias a gente ficou preso dentro da fábrica
Ma- é mas ficou muitos dias preso dentro da fábrica com a filhinha recém nascida e aí quando veio aquele embate, começou a televisão noticiar, os rádios, aí vieram analistas dizendo que poderia morrer muita gente e tudo eu me lembro que eu corri, larguei minha filha com a minha mãe, peguei uma foto dela e fui lá mostrar pra ele, mas não pedi em momento nenhum que ele saísse de lá ou desistisse, embora na hora que eu virei as costas eu tenha chorado até... pensando que minha filha crescerá sem pai, porque foi muito e muito doído e aquele momento parecia que a polícia ia mesmo invadir que o governo não ia dar uma trégua, que não haveria negociação...*

A entrevista de Ivan Trevisan e Marilena ocorreu da seguinte forma. São cerca de três horas de entrevista, onde Ivan faz sozinho cerca de duas horas e vinte minutos. Marilena chega ao local da entrevista (Sindicato dos metalúrgicos) e participa de cerca de quarenta minutos. Marilena rememora, ainda de que maneira mais rápida, sua vida ao lado de Ivan e estabelece outros marcos daqueles eleitos por Ivan para contar a sua própria história.

Ivan, militante da Convergência Socialista desde os tempos de estudante (o que o fez, inclusive, abandonar o curso de História na UNICAMP, no último ano) narrou sua história estabelecendo marcos da sua participação no movimento sindical, suas demissões, passeatas e greves. Quando Marilena chega, conta-nos sua história, a partir de marcos mais pessoais, onde as mudanças vão ocorrendo através de uma gravidez, da falta de dinheiro (motivada pelas demissões do marido), de querer o Ivan mais presente em sua vida e na dos filhos...

Alessandro Portelli, no texto *“O momento de minha vida: Funções do tempo na história Oral”*, coloca que os eventos numa narrativa são identificados de acordo com um padrão de significados. Assim, um evento histórico não deve ser considerado meramente uma “realidade objetiva”, pois que são construídos através de uma rede de relações na qual estão inseridos. *“A atribuição de relevância e sentido é um ato cultural e depende de uma interação complexa de padrões individuais e coletivos”*¹⁰². Neste sentido, as muitas histórias, fazem parte de um enredo.

*“Se tomarmos uma unidade de tempo convencional, um segundo ou um ano, sempre há mais de um evento acontecendo nele. Eventos concomitantes, por outro lado, dizem respeito a diferentes áreas de sentido e experiência: o clima, a política, o trabalho, os esportes, a família e outros semelhantes.”*¹⁰³

Ivan Trevisan foi um dos demitidos ao fim da greve da GM em 1985. Consegue, ainda no mesmo ano, ingressar na Philips. Com o fim da greve, houve, como dito, mais de 400 demissões. Assim, trabalhadores metalúrgicos começam a desenvolver várias estratégias para se manter na cidade. Era um tempo muito difícil, principalmente para os grevistas demitidos da GM, pois que os empresários fecharam acordo para que não se contratasse esses trabalhadores. Muitos voltam a trabalhar no comércio, outros estão até hoje vivendo de “bicos” sem, inclusive, poder se aposentar, outros ainda conseguem empregos em pequenas fábricas (ou mesmo nas grandes) em virtude de redes de amizades e solidariedade existentes nos bairros operários (ocorrendo a indicação através de um amigo), e, finalmente, uma velha estratégia (ter duas carteiras de trabalho) que era usada para fazer “bicos” e aumentar a renda foi muito importante para que os metalúrgicos conseguissem emprego em outras fábricas, sem que a nova empresa soubesse que o trabalhador havia sido demitido da GM em maio/junho de 1985.

Em 1989, houve uma greve na Philips, que também resultou numa grande ocupação. O ano de 89, já estava marcado com uma greve geral ocorrida ainda no primeiro semestre – que teve como resultado a conquista da reposição salarial mensal (gatilho). Em Minas Gerais, metalúrgicos, numa greve bem radicalizada, ocupam a Manesmann. No ABC, há, também, ocupações na FORD e na Volkswagen. Em São José dos Campos, Philips e Bundy são ocupadas.

¹⁰² In: *Muitas Memórias, Outras Histórias*. P. 309.

A greve de 89 na Philips começa com o chamado “revezamento” (o trabalhador cumpre as atividades de greve no seu horário normal de trabalho)¹⁰⁴. A primeira represália da fábrica vem no sentido de cortar as refeições, o que causa uma grande indignação aos trabalhadores, que tinham o refeitório enquanto espaço privilegiado de socialização durante a greve. Inúmeras manifestações são feitas e as refeições são restabelecidas.

Um dos grandes momentos de tensão desta greve foi justamente quando a empresa tenta tirar o estoque que estava guardado na fábrica para abastecer o mercado.

isso foi num período, num horário de janta e aí quando veio a informação olha, tão tirando carretas de produção, aí o restaurante tava cheio por que tava todo mundo praticamente almoçando, jantando junto o restaurante completamente cheio, quando vem essa notícia e nós dissemos olha, vamo pra lá e vamos cercar as carretas e foi um negócio impressionante porque ficou as bandejas cheias de comida e aí a gente vai e recupera inclusive carretas que já tinham saído fora da fábrica, a gente disse pode voltar e recuperamos as carretas que tavam fora é eles tiveram que retirar os cavalos, cabine da carreta, tem a carreta que é o baú e tem o cavalinho que eles chamam, eles tiveram que retirar, atravessava, estacionaram as carretas lá fora como o movimento queria, atravessamo um portão pra evitar que entrasse novamente e atravessava o baú carregado de produtos retirava os cavalos e saíram com eles e ainda ficamos com os baús carregados e estacionados de forma estratégica pra poder não deixar que eles retirassem durante a madrugada ou qualquer coisa assim, isso fez com que a empresa perdesse o seu fôlego também e aí num determinado momento é a empresa ela trabalha com fornos e eles utilizavam o nitrogênio como um elemento pra não oxidar os fornos e como se tinha muita radicalização também dos trabalhadores ali me disseram e a fábrica também dura nas negociações nós dissemos o seguinte olha tudo bem não tem negociação, não sai produto e também não entra a carreta de nitrogênio pra poder abastecer o parque de gás isso começava a é... a empresa começou a se preocupar porque o equipamento dela iria se estourar porque ___ depois do conhecimento deles e aí e de todo mundo e era uma coisa dada que se houvesse oxidação dos fornos mesmo depois que retomasse a produção ou seja depois de terminada a greve, teria que ter pelo menos mais seis meses pra poder recuperar os fornos, então a greve que demorasse 20 dias, ela teria mais seis meses de extensão por conta do estrago que haveria então começou a ter uma pressão violenta também e aí o movimento ia a carreta de nitrogênio vinha vai entrar não entra vai entrar e todo e a partir daí começou pressão de fora boatos de que vinha tropa de choque que vai desocupar, que vai ocupar a empresa...105

¹⁰³ Idem ibidem.

¹⁰⁴ Convém ressaltar que a Philips está organizada em turnos que completam 24 horas do dia, ou seja, a fábrica não pára.

¹⁰⁵ Entrevista de Ivan Trevisan.

De maneira implícita, percebe-se, através deste trecho de narrativa, que em 1989, a Philips ainda não tinha introduzido novas tecnologias e modos de gerenciamento em seus estoques. Com a reestruturação da produção, as empresas organizaram seus estoques através do *just in time*, ou seja, a produção passou a ocorrer de acordo com a demanda com a existência de estoques mínimos. Numa greve, a existência de estoques na fábrica, podia representar um tempo precioso no qual a empresa poderia apostar no desgaste do movimento sem deixar de abastecer o mercado com os seus produtos. Esse estoque (se sob o controle da empresa) poderia representar um tempo sem negociação. Os trabalhadores tinham plena consciência deste fato. Ivan deixa claro que uma das preocupações centrais do movimento na época foi justamente o controle dos estoques, para que a fábrica “perdesse fôlego” e negociasse com os grevistas. Neste sentido, há que se pensar toda uma série de discussões que vêm sendo feitas a respeito da reestruturação da produção e o arrefecimento da luta dos trabalhadores.

O sociólogo Giovanni Alves analisa que as características atuais do sindicalismo brasileiro passam pela “cooperação conflitiva” onde apesar do conflito ser explicitado, haveria uma preocupação com a cooperação entre trabalho assalariado e capital. Tem-se, deste modo, uma nova “práxis sindical neocorporativa”, onde se privilegiariam ações do tipo câmeras setoriais tripartites, negociações setoriais por empresa, etc...

“Consideramos que o fundamento ontológico do sindicalismo neocorporativo é o novo complexo de reestruturação produtiva que atinge o mundo do trabalho e cujo ‘momento predominante’ é o toyotismo. Ele – o toyotismo – representa a nova prática (e ideologia) do espírito capitalista na produção, cujo traço principal é a elevação da fragmentação da classe e a criação de dispositivos organizacionais de novo tipo voltados para a captura da subjetividade do trabalho. O sindicalismo neocorporativo tende a ser o tipo de prática sindical adequada à nova etapa da acumulação capitalista (caracterizada por uma crise estrutural de sobreprodução e de superprodução e sob a predominância do capital financeiro).”106

A base para a mudança de perfil do sindicalismo brasileiro estaria na atual etapa de desenvolvimento do capital (e da produção de mercadorias) – o toyotismo. Porém, há várias dimensões que compõem esta questão. Neste sentido, não podemos deixar de

analisar as disputas que ocorrem inclusive para a consolidação da chamada reestruturação da produção, que não se dá da mesma maneira em nível mundial, brasileiro sequer se compararmos fábrica à fábrica. O Just in time, através da redução brusca de estoques, facilitou a negociação de novas lutas que surgiram por tirar parte do “fôlego” da patronal. A organização da produção em cadeias globalizadas que compreendem fábricas espalhadas em diversos países ou estados dentro de um mesmo país é outro fator, que coloca um novo patamar de construção da solidariedade entre trabalhadores. Em 2003, uma greve de metalúrgicos da GM em São José dos Campos paralisou parcialmente a produção no sul do Brasil.

Não se pode deixar de considerar os impactos que a reestruturação da produção causa aos movimentos sociais, principalmente operário. Ocorreu uma série de mudanças tanto na forma de produção de mercadorias, como de gestão de pessoal e organização nas fábricas e também de disputa de uma série de valores engendrados pelo neoliberalismo como o individualismo, a idéia do esforço pessoal/individual (em contraste com o coletivo) e o “salve-se quem puder”. Porém, afirmar que estas transformações levam *necessariamente* ao arrefecimento das lutas pode levar as pesquisas sociais a outros patamares de homogeneização. Aqui, discutimos a questão do campo de possibilidades na História. Uma conjuntura, um momento histórico de uma dada estrutura econômica (no caso em questão, a “reestruturação da produção”) podem colocar o enfraquecimento das lutas como uma das possibilidades de ocorrência, *mas não necessariamente*. Não se pode sublimar que ocorram disputas mesmo em momentos históricos onde pensamos estar numa correlação de forças desfavorável em relação aos projetos do capital. A dinâmica social baseia-se na contradição e na diferença. Na realização da pesquisa, observar o social coloca-nos diferentes caminhos tomados por diferentes sujeitos. A teoria nasce, deste modo, do diálogo com essas evidências, que muitas vezes apresentam-se de maneira contraditória, mas não o é, pois não podemos pensar o real como uma soma de individualidades (ou de experiências individuais), mas perceber como o real constitui-se na diferença.

quando vem a história de flexibilizar a jornada de trabalho, chamado banco de horas, nós fomos um pólo de resistência, resistimos, resistimos, resistimos, resistimos até hoje, aqui não entrou, banco de horas aqui na região não entrou e ai fomos somar com Campinas,

¹⁰⁶ ALVES, Giovanni. *Toyotismo e Neocorporativismo no sindicalismo no século XXI*. IN: Revista Outubro. n° 5. 2001.

Limeira, vários companheiros também tá... junto com a gente e efetivamente não entrou e eles diziam toda a polêmica com a articulação nessa época, eles diziam que nós tínhamos que tá por dentro, que nós tamos perdendo, vamos perder tudo, nós não tínhamos condição de resistir, nós temos que tá, temos que ajudar, as nossas fábricas vão embora, vão fechar, vão acabar com as fábricas, aquele terrorismo de sempre, mas nós não concordamos e conseguimos reduzir, resistimos muito à terceirização no que deu, fomos resistindo, resistindo, nunca fizemos acordo de terceirização, nunca__ tem algumas por aí, por causa da lei, mas a terceirização na atividade fim, nós não permitimos nunca, nunca teve na atividade fim não houve terceirização, nunca, quando tem a gente pega e luta contra e acaba e até hoje é assim e vai ficando neste estica e puxa a vida inteira, mas só que nós sofremos bastante com o negócio da terceirização, vai mudando, emprego temporário muitas vezes é uma batalha constante, e eles não conseguiram reestruturar, novas tecnologias, e tal e tal e os trabalhadores, aqui é um dos últimos parques aonde eles não conseguiram implantar tudo isso, então isso vem, os trabalhadores aqui eles tem muita resistência, os trabalhadores aqui né, pra vir a reestruturação produtiva não que ela não tenha acontecido, ela foi acontecendo mas uma coisa paulatina aqui, foi mais devagar e tem muita coisa que eles não conseguiram ainda, todas as história que eles tentavam de ganhar os trabalhadores e time e montar os times de trabalho, células, isso eles tiveram muita dificuldades, algumas fábricas deram mais certo, outras não deram certo e isso contenta né, a gente foi conseguindo esse combate aí, fizeram reestruturação, mas dentro dessa dificuldade...¹⁰⁷

Esta fala é significativa, pois dela emerge a idéia de movimento/dinâmica da implementação da reestruturação produtiva, da disputa de projetos entre as empresas e os trabalhadores e as múltiplas concepções que existem no seio do próprio movimento sobre o tema ora analisado.

Toninho percebe a introdução de novas tecnologias e modos de gerenciamento através de mudanças paulatinas, disputadas fábrica a fábrica. A fala é, por vezes, ambígua ao afirmar que em São José dos Campos alguma característica desta “reestruturação” não foi implementada, e mais na frente afirma que foi, mas não do jeito e nem na rapidez que os patrões queriam. Enfim, perceber a “reestruturação produtiva”, enquanto um processo e não como um “fenômeno” que surge no início dos anos 90, engendra a percepção da disputa de projetos deste momento histórico. A “reestruturação” não induz, necessariamente, ao arrefecimento de lutas e a apostasia de sujeitos sociais. Através da análise das narrativas orais produzidas no decorrer desta

¹⁰⁷ Entrevista com Toninho. Grifo meu.

pesquisa, emergiram as várias interpretações, possibilidades e opções consideradas e vividas por trabalhadores metalúrgicos enquanto sujeitos de ações sociais¹⁰⁸.

Mas quais são esses projetos em disputa para a implementação da reestruturação produtiva?

O novo modo de gerir as empresas (preconizado por seus acionistas, por especialistas a seu serviço e estimulado, divulgado e difundido pelos meios de comunicação) sugere um novo perfil de trabalhador, multifuncional, que saiba operar várias máquinas, estimula a competitividade entre trabalhadores, aumenta o ritmo de trabalho¹⁰⁹, introduz as ‘Câmaras Setoriais’¹¹⁰, terceiriza setores inteiros de produção, sustenta um controle mais rígido do horário de trabalho do operário, introduz novas máquinas (que levam à diminuição de postos de trabalho¹¹¹), engendram novos contratos de trabalho (como o temporário), Banco de Horas, subterfúgios para mascarar o arrocho salarial como as PLRs (Participação nos Lucros e Resultados das empresas), entre outras medidas.

Em relação às diferentes concepções existentes no próprio movimento operário em relação a estas questões ora debatidas, é significativo este artigo publicado no Jornal do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos em março de 1993, por conta da polêmica travada com a diretoria do Sindicato de Metalúrgicos de São Bernardo do Campo em relação à aprovação das Câmaras Setoriais. O artigo é assinado por um grupo, que alinhado politicamente à diretoria de São Bernardo, defende o acordo para a aprovação das Câmaras:

¹⁰⁸ O texto do historiador Sérgio Paulo Morais “*Tempo, trajetórias de vida e trabalho de carroceiros na cidade*” estimula o debate em torno da autoconsciência de sujeitos sociais, elaboradas em suas trajetórias de vida e expressas em suas narrativas orais. In: Muitas Memórias, Outras Histórias.

¹⁰⁹ No Japão, surgiu uma nova doença, típica destes tempos de reestruturação da produção chamada *Karoshi*, que designa morte súbita por sobrecarga de trabalho.

¹¹⁰ As Câmaras Setoriais foram concebidas como modelo para reestruturar o parque produtivo e aumentar empregos. São formadas por representantes do governo, das fábricas e dos trabalhadores. São apresentadas enquanto espaços democráticos, onde todos os sujeitos têm voz e voto e se procura soluções, para os diversos problemas, que contentem a todos. “*Depois de várias experiências resultaram num grande fracasso, contabilizando enormes perdas de postos de trabalho, como se pode constatar no caso da “Câmara Setorial” do ramo automobilístico do ABC paulista. Isso sem falar no significado político e ideológico desta postura, que levou o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo inclusive a concordar com a proposta de uma menor tributação ao capital vinculado à indústria automotiva e com isso preservar empregos*” ANTUNES, Ricardo. *Lutas sociais e desenho societal socialista no Brasil recente*. IN: **Os Sentidos do Trabalho**. 5ª edição. Boitempo Editorial. 2002.

¹¹¹ A questão da introdução de novas tecnologias deve estar pautada pelo momento histórico na qual ela é produzida. É lógico que toda a máquina que livre o Homem de um trabalho estafante em si mesma não é ruim (como por exemplo as ceifadeiras de cana-de-açúcar ou de máquinas introduzidas no próprio ofício metalúrgico), porém, atualmente, sob a égide do capitalismo, a introdução de novas tecnologias na produção estimula o aumento de lucros por um lado e o desemprego por outro.

“ACORDO SETORIAL TRAZ AVANÇOS HISTÓRICOS

Dos últimos vinte anos para cá, os trabalhadores têm feito várias greves. Foi greve porque não tinha água gelada; porque o chefe olhou feio; greve tartaruga; greves estratégicas por setor; greves e greves. Depois de tantas greves, a qual conclusão chegamos?

*Hoje, o poder de compra é menor do que há vinte anos atrás. O salário do trabalhador está bem? Não, mas poderia estar pior, não fosse a luta dos trabalhadores. **O que queremos dizer é que temos que fazer outro tipo de discussão. A briga por salário tem que continuar senão ele piora, mas essa briga por si só não resolve o problema.***

*Temos que influenciar não somente na briga por salário e emprego, **mas dar um passo maior através das Câmaras Setoriais, aonde os trabalhadores passam a discutir e influenciar nas decisões que interessam aos trabalhadores.***

Hoje, temos uma proposta real, através do Acordo das Montadoras, aonde conseguimos garantir não somente aumento real (20%) mas reajuste mensal (100% até 95); criação de novos postos de trabalho (91 mil nos próximos dois anos); garantia de manutenção do nível de emprego; unificação da Data-Base; Implantação do Contrato Coletivo de Trabalho; influenciar importações e exportações de modo a garantir o emprego dos trabalhadores; redução de preço dos automóveis; redução da margem de lucro dos patrões etc.

Do ponto de vista dos trabalhadores, os resultados desse acordo abrem um novo horizonte nas relações trabalhistas em nosso país.

Se a categoria assinar este acordo não quer dizer que vamos deixar de lutar; e se preciso for iremos para a greve para conquistarmos os nossos direitos como: equiparação salarial; salário profissional; 84% (Plano Collor); redução de jornada de trabalho, férias em dobro; luta pela saúde; contra a terceirização; contrato coletivo de trabalho, etc. Por isso, chamamos os companheiros a participar da assembléia e aprovar o acordo.¹¹²

Este artigo, coloca que apesar de se manterem as reivindicações históricas de trabalhadores metalúrgicos, seria necessário dar “um passo à frente” nas negociações. Há uma relativização das posições adotadas, pois estas seriam decorrentes de um processo “natural” de adaptação aos novos tempos de transformações do capital. O grupo defende as Câmaras Setoriais como espaços nos quais “os trabalhadores poderiam influenciar nas decisões”.

Já para a direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, o “pacto das montadoras” serviu apenas para adiar a data-base de metalúrgicos e, de fato,

¹¹² Artigo publicado no Jornal “O Metalúrgico”, ano X, nº 200. 17 a 23 de março de 1993. Com a seguinte introdução: “Jornal do Sindicato abre espaço democrático. Apesar do nosso sindicato ser contrário ao acordo das montadoras, nosso jornal abre espaço para um grupo de metalúrgicos que o

não conseguiu garantir o número de empregos e nem a abertura de novos postos de trabalho. No cerne desta discussão está a caracterização que cada corrente sindical elaborou a respeito das chamadas ‘Câmaras Setoriais’. Para a Convergência Socialista:

A saída para esta situação não passa por pactos nem câmaras setoriais, onde trabalhadores e empresários discutem uma saída comum. Já sabemos que somos prejudicados, como aconteceu no recente acordo das montadoras, que adiou por três meses a nossa data-base. Por isso, não participaremos de tais câmaras e chamamos a direção da CUT e se retirar deles e organizar a nossa luta.

Segundo a concepção da Convergência Socialista, as Câmaras Setoriais seriam um espaço onde, apesar da aparência democrática, os trabalhadores não teriam um real espaço para garantir a realização das suas reivindicações. Seria apenas um modo de ratificar perante os trabalhadores as decisões das empresas. Assim, para estes trabalhadores o lugar da luta ainda seria a organização sindical através da resistência, greves e paralisações.

No fundo da polêmica, temos a questão da necessidade de adaptar as ações do movimento aos “novos tempos” trazidos pela reestruturação da produção. O sindicalista Luís Marinho, membro da Articulação Sindical (tendência do Partido dos Trabalhadores), ex-presidente da CUT e atual ministro do trabalho, declarou em 1997 ao Jornal Folha de São Paulo:

“As greves estão cada vez mais caras, para os trabalhadores e para as empresas. Se o ABC faz uma greve, a FIAT (que tem fábrica em Minas Gerais) aumenta a sua participação no mercado, os modelos importados aumentam as suas vendas. Diminui o mercado das indústrias do ABC, diminui a produção, diminui o emprego”.

Porém, nem todas as tendências do movimento operário elaboraram as mesmas concepções. Na fala de Toninho, é citada a “Frente Caipira” (São José dos Campos, Campinas, Limeira,...) organizada por sindicatos de metalúrgicos do interior de São Paulo, que reuniu vários grupos sindicais e partidários na luta contra as “modernizações” trazidas por estes novos tempos de reestruturação da produção. A Frente Caipira alinhou-se contra as Câmaras Setoriais, o Banco de Horas, a diminuição de empregos e o arrocho salarial.

defende. Infelizmente, o Sindicato de metalúrgicos de São Bernardo, que defende o acordo, não deu ao nosso Sindicato o mesmo espaço para defendermos nossas idéias em seu jornal”.

A greve de 89 na Philips prosseguiu e organizou-se a chamada “autodefesa” dos trabalhadores. Foram construídos barracos de papelão (para que os trabalhadores se protegessem do frio, uma vez que a greve estava sendo realizada num dos meses mais frios do ano) por todo o perímetro da empresa. As bebidas alcoólicas ficaram proibidas de serem consumidas no interior da fábrica. A organização da greve passou a integrar a imagem de um dos principais pontos da cidade: a Via Dutra. Quem passasse pela estrada veria além dos barracões de papelão, grupos de trabalhadores que faziam rondas diurnas e noturnas para perceberem qualquer movimentação tanto dentro como fora da fábrica. Como a Philips é rodeada por alambrado, a imagem da greve e dos trabalhadores organizados impunha-se. Além disso, tal como a greve de ocupação da GM, havia as visitas de familiares junto à cerca. Crianças e mulheres acompanhavam as atividades junto aos grevistas.

Outras medidas também foram tomadas, tais como a inspeção de qualquer carro que saísse da fábrica (não só de trabalhadores, como também da gerência). Esta era uma medida de segurança dos trabalhadores, pois a Philips utiliza ouro para produzir semicondutores, assim, a inspeção de carros servia para garantir que nenhum produto seria roubado durante o movimento paredista. Vigília em caixa-d’água, esquema de rojões para que aqueles trabalhadores que estivessem no fundo da fábrica pudessem avisar a todos a ocorrência de alguma anormalidade.

Foi uma greve vitoriosa que conseguiu aumento salarial e refeição para os trabalhadores que cumpriam o turno de 6 horas¹¹³.

Em 1992, ocorreu outra grande greve na Philips. Por causa da experiência com a greve de 89, os empresários resolvem cortar a condução para dificultar o acesso dos trabalhadores à firma¹¹⁴. A estratégia adotada passa a ser de assembleias nos bairros. Uma vez por semana, geralmente às quartas-feiras havia uma assembleia geral nos portões da Philips, ao que os trabalhadores iam em grande número. Assim, dos bairros operários, da onde a greve estava sendo organizada, via-se sair em direção à Philips, grupos de trabalhadores, *“toda quarta feira a gente marcava assembleia unificada na porta da fábrica, aquilo dali parecia um estádio em dia de clássico de futebol, era gente*

¹¹³ Em dezembro de 1988, os trabalhadores da Philips conquistaram o turno das 6 horas. Porém, a empresa trocou a refeição destes trabalhadores por lanche, o que não era suficiente. Os trabalhadores começavam a sentir “fome” cerca de 4 horas depois de iniciado o serviço. Com a greve, foi fechado o seguinte acordo com a empresa: os trabalhadores chegavam 40 minutos mais cedo, faziam a refeição e iam para o local de trabalho.

*de bicicleta, era gente a pé, gente de carro, gente...*¹¹⁵. Havia uma grande participação de trabalhadores tanto nos bairros como na Assembléia Geral na fábrica. Porém, quando a greve ia completar 30 dias, a empresa fez circular pela imprensa, que ia demitir os trabalhadores grevistas por “abandono de emprego”. Assim, exatamente no trigésimo dia, a greve acabou sem que nenhuma de suas reivindicações fosse atendida.

Houve muitas outras greves em São José dos Campos, inclusive com ocupação de fábrica. A partir da década de 80 até meados de 90, as ocupações foram amplamente utilizadas como estratégia de luta por metalúrgicos na cidade.

Neste sentido, a opção adotada nesta dissertação de análise de lutas nestas três empresas – GM, Philips e Embraer – decorre das experiências vividas e rememoradas pelos entrevistados na pesquisa.

A última greve que passo a analisar ocorreu em 1984 na EMBRAER, portanto antes da greve da GM e da Philips.

A Embraer na época ainda era uma empresa estatal, controlada pelas forças armadas brasileiras (aeronáutica). Era época da Ditadura Militar e havia uma terminante proibição de organização sindical na empresa. A diretoria da Embraer, bem como boa parte da gerência era formada por pessoas que possuíam altas patentes dentro da estrutura militar. Assim, havia um alto grau de “disciplina” no interior da fábrica.

Os trabalhadores na Embraer iniciaram, então, um movimento que continha duas reivindicações básicas: a organização de uma comissão de fábrica (havia um movimento pró-comissão funcionando em pleno vapor no interior da Embraer, já existiam inclusive nomes que disputariam essa comissão) e a equiparação salarial¹¹⁶. Havia uma indignação muito grande por parte da empresa pela “ousadia” de metalúrgicos quererem organizar uma comissão de fábrica numa empresa controlada por militares.

Os trabalhadores entrevistados ao rememorarem esta greve dizem que esta acabou por ser útil à empresa, “*a fábrica interessou pela greve*”¹¹⁷, como último recurso de desmobilização da comissão de fábrica, afinal ao fim do movimento, cerca de 121 trabalhadores, entre os mais ativos na formação desta comissão, haviam sido

¹¹⁴ Esta estratégia de retirar de circulação a condução dos trabalhadores foi adotada apenas no início da greve. Com o desenrolar dos acontecimentos, a empresa, apostando no desgaste do movimento, coloca os ônibus novamente para circular.

¹¹⁵ Depoimento de Ivan Trevisan.

¹¹⁶ Como já observado nesta pesquisa, existiam diferentes faixas salariais para uma mesma função na Embraer. Esta situação era um expediente tático na empresa que servia tanto para manter um arrocho salarial, como para facilitar a demissão de trabalhadores mais antigos e que recebiam maior remuneração, para contratar trabalhadores mais jovens por um salário menor.

¹¹⁷ Entrevista de Getúlio Guedes.

demitidos, além disso, esta demissão em massa constituía-se num aviso para quem continuou a trabalhar.

Apesar das tentativas da direção da Embraer de impor uma disciplina militar dentro da fábrica, os trabalhadores vinham se organizando desde antes de 1979. Neste ano, trabalhadores da Embraer participam da greve geral dos metalúrgicos, que fazia parte da campanha estadual por aumento nos salários. Porém, esta foi uma greve onde o principal foco de mobilização estava fora da fábrica (nas ruas, com metalúrgicos paralisando os ônibus, no sindicato dos têxteis e na ‘casa do jovem’). Depois, ainda houve paralisações nos anos de 1981, 1982 e 1983. Com a experiência da greve de 1979 e 1981, metalúrgicos, a partir de 82, mudam a estratégia de paralisação, que passa a ser feita principalmente no interior da fábrica. Restava a discussão se a melhor forma de organização era a paralisação geral ou por setor.

dai estourou a greve em 79, que eles chamam de greve de franco atirador, era uma coisa meio de louco né, eles atravessavam o carro na frente do bondão, parava e não sabia como funcionava isso, foi um dia só, no outro dia já baixou policial ai que não era brincadeira, eu nunca vi tanto policial junto naquela época né, muito policial, houve algumas pancadarias, felizmente eu não não não cheguei a apanhar né? Acho que disse eu levei sorte eu tava é...(...), quando foi à tarde fizemo uma assembléia de balanço, a gente tava usando o salão do sindicato dos têxteis, que aqui tudo era farmácia, aqui não tinha um salão pra receber os aposentados pra uma reunião, pra assembléia não existia isso aqui, é coisa própria de pelego mesmo, então a gente tava se reunindo no salão do sindicato do têxtil né e fizemos um balanço ai que eu soube que houve as pancadarias, o movimento refluiu né refluiu e no outro dia praticamente já tava, já não tinha mais nada né, então essa foi a primeira greve que a gente participou, ai depois, isso foi em 79, ai em 81 teve outra greve na EMBRAER, era uma demissão que tava havendo lá, porque a EMBRAER ela tem é... essa... uma certa irregularidade né o... é, tem uma certa irregularidade, inclusive, agora mesmo, né, uma firma de avião, uma empresa aérea nos Estados Unidos tá... abriu concordata e a EMBRAER já tá com problemas aqui né, tem dinheiro pra receber, tem contratos de aviões pra entregar, já tão, já tão, nego lá dentro da Embraer hoje, de tá já, já deve tá meio preocupado de ser mandado embora (...), cercamos o ônibus na na nos corredores como se diz né, fomos saímos quatro horas da madrugada, fomos pra entrada de Jacaréi né, pegar os... cercar os ônibus lá, ai vinham os policiais entravam em ação, nós já saímos daqui preparados né, houve alguma coisa de de direita ai, uns contratados da empresa não sei... alguns companheiros nossos apanhando nas ruas ai fechavam eles ai pra dá bordoadada, nego chegou sangrando aqui, ai já era aqui, já era aqui já o salão e lá em Jacaréi nós fomos detidos, fomos pra delegacia, ficamos lá umas duas horas num chá de cadeira e depois saímos e praticamente

*correu normal né, a greve não, infelizmente não vingou, não vingou, e voltamos a trabalhar.*¹¹⁸

Tanto na greve de 1979 como no movimento de 1981, metalúrgicos tinham as ruas da cidade como palco principal de luta, porém, isto os tornava alvos da polícia e assim, a partir dessas experiências outras estratégias de paralisações acabaram por ser adotadas na Embraer.

A ocupação da greve de 1984 durou dois dias. O restaurante da empresa foi cortado, o que fazia com que os familiares (sempre presentes nas greves) viessem à fábrica em número mais expressivo para garantir a alimentação dos grevistas. No segundo dia, um enorme contingente policial invade a fábrica pelo campo de aviação e numa “negociação” forçada, os trabalhadores são obrigados a desocupar a fábrica sob vigília policial, que acabou terminando em confronto.

A greve em 84 estava no início de uma disputa por uma série de transformações que ocorreram na Embraer e que culminaram com a sua privatização e demissão de cerca de dois terços da sua mão-de-obra. O tempo onde “bom mesmo é ser metalúrgico” parecia estar passando por profundas mudanças. As greves, paralisações e a organização de um movimento “clandestino” (reuniões organizadas nos vestiários, banheiros e, também, fora da fábrica seja no sindicato, num bar perto da empresa ou na casa de algum trabalhador) são indícios da resistência de metalúrgicos na disputa destas transformações de seus modos de vida e trabalho.

*Com o revólver na cabeça naquele corredor lá, porque pra mim a mágoa da minha vida que eu tenho foi isso ai dos doze anos que eu joguei da minha juventude dos dezoito aos trinta anos, ela me pagou isso ai não tenho nada contra ela mas pra mim eu tenho essa mágoa no coração até hoje só com anistia...se sair...parece que vai sair....vai ser a maior vitória minha (...)*¹¹⁹

Nesta narrativa do metalúrgico Rui da Silva a relação passado-presente-futuro é manifestada claramente. Ao rememorar o fim da greve (Rui da Silva está fazendo alusão ao “corredor polonês” formado por policiais na desocupação da fábrica), Rui da Silva interpreta os doze anos em que esteve trabalhando na Embraer como “tempo jogado fora”. Sua difícil situação do presente (na qual depende do trabalho dos filhos e da

¹¹⁸ Depoimento de João Roberto Faria.

¹¹⁹ Depoimento de Rui da Silva.

mulher e a impossibilidade de aposentar-se por não ter o tempo de serviço necessário) leva o metalúrgico a olhar o passado com ceticismo e o futuro com dúvidas.

Outra dimensão desta relação passado-presente que emerge das narrativas orais dá-se em relação ao momento de deflagração da greve.

Então teve uma assembléia antes porque a turma tava querendo fazer a greve nós fizemos uma assembléia e foi decidido na noite anterior das sete às nove e pouco foi decidido que não deveria fazer a greve por dois motivos que a gente tava negociando salário e tinha uma comissão de fábrica para assumir era dia treze (...) então foi decidido não fazer greve porque a gente tinha que tinha tava negociando salário e tinha a coisa mais importante que era a comissão de fábrica e se a gente fizesse ia ser foi decidido não fazer eu trabalhava no primeiro turno chegava lá e entrava seis horas então quando foi no dia seguinte tava tudo parado eu falei pô eu pensei pô a gente tinha decidido não fazer porque aconteceu a greve? Então já que aconteceu então todo mundo aderiu à greve —
M- E como vocês decidiram um dia antes não fazer greve e como...
C- Isso é que tá o problema em relação à (...) porque que a greve aconteceu... Porque a comissão de fábrica tinha que ser desfeita chegou ordem de Brasília que falou acaba com esse negócio porque uma estatal não pode ter uma comissão de fábrica e era época de final de ditadura que quem organizou quem organizou a greve foi a chefia cê tá entendendo? Porque não tinha porque fazer a greve a gente tinha decidido não fazer a gente chega lá e estourou o negócio pronto então tá então tá todo mundo no rolo então aconteceu foi a chefia que....que....que....começou a greve porque era interessante como eu falei pra...só saiu ativista e todos os componentes da comissão de greve saiu, componente da cipa, todo esse tipo de gente, os ativistas né foi mandado embora entendeu... porque não era interessante porque se a gente pega a comissão de fábrica naquela época agora tem comissão de fábrica né em termos tem uma comissão lá que participa lá (...) comissão a gente pegava os problemas pegava os problemas da linha de produção (...) levava pra diretoria só que na época (...) pensava que era muito a gente, os ativistas¹²⁰

O sentido que o metalúrgico Cláudio aponta para a deflagração da greve liga o início do movimento à chefia que estaria interessada em desmobilizar a comissão de fábrica. Outros depoentes apontam a comissão de fábrica como principal reivindicação de metalúrgicos e, por isso, a greve por equiparação salarial não seria tão necessária naquele momento. Esta teria ocorrido mais por influência da empresa do que por interesse dos trabalhadores. Acredito que as situações vividas por estes metalúrgicos por causa da demissão e a difícil situação em que se encontram no presente faça que certos momentos da greve sejam selecionados em seus depoimentos. Afinal, a greve não

trouxe o resultado esperado, ao contrário, foi motivo de suas demissões, como dito 121 trabalhadores perderam seus empregos.

A disputa de trabalhadores nestes tempos de mudanças não se deu apenas através da organização de greves. Através da análise de suas narrativas e da coluna Dito Bronca podemos encontrar indícios das disputas ocorridas.

Ao problematizar as narrativas de trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos, vemos a cidade emergir, outros significados vão sendo atribuídos e novas relações sociais vão sendo engendradas. Esses significados revelam o modo de vida destes metalúrgicos na cidade.

Em São José dos Campos, o movimento vai se forjando no dia-a-dia das fábricas, nas conversas em “baixo das árvores”, nos botequins próximos às indústrias e nos bairros operários. Há um maior distanciamento dos trabalhadores em relação à sede do sindicato, inclusive por sua localização geográfica (centro da cidade, distante das fábricas). A sede do sindicato é utilizada mais para as assembleias gerais (como, por exemplo, para definir a pauta unificada para a campanha salarial), reuniões de comissões de fábrica e centro de atendimento jurídico. Antes da realização da Assembleia Geral no sindicato, há a realização de assembleias por local de trabalho.

Os clubes das fábricas também se constituem em locais de encontros de metalúrgicos para fazer ginástica, jogar futebol e levar a família. Na coluna Dito Bronca, vemos:

“Philips

Qual será o mistério que existe na ADC da Philips? Onde já se viu uma ADC proibir associados de usar o campo, pegar bolas? Além de não fornecer uniforme para a moçada. Assim, a ADC vai ficar sem sócios”¹²¹

“Ericsson

Fiquei sabendo de uma história que me deixou zangado. A professora de ginástica que já trabalhava há sete anos no clube tirou licença e quando voltou recebeu bilhete azul (foi demitida). Os sócios gostam muito do trabalho dela, pediram que ela continuasse, mas a direção do clube ignorou. Que coisa feia gente!”¹²²

Vemos claramente as disputas sendo engendradas não somente por salário, limitação de horas-extras, respeito da chefia no ambiente de trabalho, etc... A disputa

¹²⁰ Depoimento de Cláudio Correia.

¹²¹ Coluna Dito Bronca. Ano XIII. Nº 350. 28 de agosto a 4 de setembro de 1995.

também se forja para além dos muros das fábricas. Trabalhadores querem divertir-se no clube para isso reivindicam mensalidades justas, acesso a toda estrutura (campo, bolas, quadras, aparelhos de musculação...) e respeito para com os profissionais que lá trabalham, que acabam por criar laços de solidariedade. A expectativa de se conseguir um emprego de metalúrgico (principalmente numa grande fábrica) envolvia uma série de vantagens (clubes, transporte, assistência médica, salário, remédios mais baratos através da farmácia do sindicato...) que fazia parte do modo de vida daqueles trabalhadores e, por isso, lutavam pela sua manutenção.

A questão da reestruturação da produção nas fábricas além de alterar ritmos de trabalho e exigir novos saberes, engendra alterações do modo de vida de trabalhadores metalúrgicos, estas mudanças são sentidas e significadas através de novas formas de organização dos trabalhadores nas fábricas. Essas novas formas de organização são disputadas pelos sujeitos sociais:

“Ginástica tem hora!

Na Philips agora é lei: Peão tem que fazer ginástica. Até que não seria mau negócio, mas a empresa está obrigando o trabalhador a perder o tempo de descanso e café para fazer a bendita ginástica. A chiadeira é geral na Philips. Fazer o peão pular miudinho é gostoso, né! Só que o peão não vai entrar nessa, não.”¹²³

A disputa, que emerge desta bronca do Dito, vai muito além da obrigação de se fazer ou não ginástica. A disputa está sendo travada pelo controle do tempo de trabalho na fábrica. A questão da ginástica laboral começou a ser discutida em tempos de reestruturação produtiva como uma forma de diminuir o stress do funcionário trazendo como consequência para a empresa um aumento da produtividade. Muitos estudos científicos versam sobre o tema e atestam que realmente onde a ginástica foi implantada obteve-se uma “melhoria” no ambiente de trabalho.

Então porque metalúrgicos estão expressando-se contrários à ginástica na coluna Dito Bronca se ela realmente traz benefícios no desenvolvimento do ofício dos funcionários?

O que se pode observar claramente na bronca é que a questão crucial é o tempo de trabalho. Já se discutiu nesta dissertação que uma das características da reestruturação da produção foi justamente o aumento do controle sobre o “tempo livre”

¹²² Coluna Dito Bronca. Ano XIII. Nº 369. 26 de fevereiro a 3 de março de 1997.

do trabalhador (café, banheiro, água...) e o aumento do ritmo de trabalho. Nesse sentido, a ginástica não foi implementada no horário de trabalho do metalúrgico, mas bem no tempo de descanso e café, que era fundamental para a socialização destes trabalhadores, inclusive muitas greves e mobilizações começaram a ser preparadas justamente nestes “intervalos”. Assim, emerge da bronca uma evidência da disputa que envolveu as transformações dos modos de vida e trabalho de metalúrgicos em tempos de reestruturação produtiva na cidade de São José dos Campos.

É necessário analisar ainda a relação de trabalhadores metalúrgicos com a CIPA (Comissão Interna de Prevenção a Acidentes). A CIPA surgiu como uma conquista, pois se trata de uma comissão onde trabalhadores eleitos têm estabilidade para negociar questões relacionadas a segurança no local de trabalho. Também se vê nesta comissão, um processo acirrado de disputas, pois em épocas de eleição há uma mobilização em torno de candidatos que se colocam mais claramente a favor dos patrões e aqueles mais alinhados com o sindicato. Há inclusive disputa entre os trabalhadores pelo apoio do sindicato e isso não se deve apenas à questão do financiamento do material de campanha. Tem-se a idéia que os candidatos apoiados pelo sindicato defenderão, efetivamente, o interesse dos trabalhadores, enquanto aqueles alinhados aos patrões ou a gerência farão “vistas grossas” às irregularidades na fábrica. Analisando as evidências, temos mais clara essa disputa, além de outras dimensões que a envolvem:

“S- A CIPA reúne uma vez por mês.... quando.... quando, que faz tempo que não acontece isso, um acidente grave, tem reunião extraordinária, a gente reúne no outro dia né, ela... eu procuro, quando eu vô nas reuniões, tentar prevenir os acidentes né... porque não adianta nada querer um monte de lesionado lá dentro só pra ter estabilidade e ficar, isso não é bom pro trabalhador também nem pra empresa né e... agora, agora em outubro vai ter a CIPAT, semana interna de prevenção de acidente, ai vai ter brinde, vai ter palestra, nós vamo lá falar também sobre doença ocupacional, doença profissional, __ sobre higiene de trabalho, risco físico, risco químico, biológico, uma série de atividades pra os trabalhador não sofrer com perdas de audição, perda de membro, que isso acontece ainda, em todas as empresas”¹²⁴

Neste caso, Siqueira coloca que uma das atribuições da CIPA é garantir a estabilidade para que aquele trabalhador lesionado não seja demitido. Coloca também que seria interesse do “trabalhador e da empresa” que não ocorram acidentes de

¹²³ Coluna Dito Bronca. Ano XV. Nº 399. 21 a 27 de janeiro de 1998.

¹²⁴ Entrevista de Pedro Siqueira.

trabalho. Segundo seu entendimento, é direito do trabalhador ter estabilidade no emprego caso sofra algum acidente de trabalho, porém melhor ainda é não se acidentar:

“S- ele era um senhor e ele tem um problema grave com a mulher dele, chegava atrasado pra levar a esposa no médico e esse encarregado ficava de saco cheio por causa disso, ai chegou um dia, chegou um boato na fábrica, ó vão mandar o Rogério embora, ai eu cheguei nele até brinquei um pouco, falei ô Rogério, entra na CIPA ai senão... cê já era cara, porque eu não sabia como é que ele tava doente, o que tava acontecendo, e a eleição, a inscrição da CIPA, ia começar na terça feira e ia acabar na outra terça, ele foi escreveu, quando eu vi que ele escreveu, eu falei nossa Rogério, a campanha sua já era agora cara, só falar que (risos) cê vai ser mandado embora. A fábrica ajudou a campanha...”

M- sei

S- ganhou em segundo lugar”.

Percebemos, através desta narrativa de Siqueira, que a estabilidade garantida com a CIPA representa uma possibilidade de lidar com as perseguições sofridas pelos trabalhadores por parte de seus chefes e encarregados. Essa possibilidade é socialmente reconhecida, aquele trabalhador que estiver sofrendo perseguições tem grandes possibilidades de se eleger através de um quorum significativo de eleitores. Há, nesse sentido, uma experiência compartilhada entre esses trabalhadores metalúrgicos, que os fazem ser solidários com os companheiros nesta situação.

Já para o metalúrgico Paulo César, a CIPA tem outro significado:

M- Você nunca participou assim de uma chapa do sindicato nem de...

P- Não não

M- CIPA, dessas coisas?

P- CIPA eu já fui cipeiro. Na minha empresa que eu trabalho, inclusive esse ano acaba a minha gestão né, eu sô cipeiro assim, como eu já falei pra você eu, como eu sô formado na área de segurança, eu fui cipeiro é com interesse de trabalhar para o bem estar do trabalhador, que hoje não acontece aqui em São José, aqui o pessoal se elege pra CIPA por causa da estabilidade e pra brigar junto com o sindicato nas lutas né, então não tem uma, mas eu não tenho uma..., nada contra o sindicato, sô a favor do sindicato, lógico eu como simpatizante, mas tenho também as minhas as minhas contra regras, eu às vezes quando não aceito as atitudes do sindicato eu tenho a minha opinião própria de chegar e falar eu não aceito, eu não quero participar e acabou o sindicato entendeu, não sou aquele Maria vai com as outras, então eu tenho a minha opinião própria e acho que muito importante é isso, importante é o trabalhador ele apoiar assim a classe trabalhadora, mas sabendo o que tá fazendo, com os pés no chão e o sindicato mostra isso pra gente, por que o

sindicato não faz nada por baixo, ele faz isso ai transparente, ele mostra, ele joga na mesa de negociação o que a gente quer e traz pra gente, a empresa fez de proposta as empresas joga sujo, as empresas joga sujo mesmo, então a gente acredita no sindicato

Nesta narrativa, Paulo César reconhece a estratégia de entrar na CIPA e conseguir a estabilidade para lidar com as perseguições da chefia e também poder atuar nas lutas junto com a diretoria do sindicato. É interessante este trecho por várias questões: Paulo César coloca-se como sujeito ao avaliar que hoje em dia as CIPAS são usadas como pontes para se conseguir a estabilidade, ou seja, este trabalhador avalia que esta situação acaba por causar prejuízo à própria questão em si da fiscalização da segurança no local de trabalho. Afirma então que não é “Maria vai com as outras”, pois apesar de reconhecer a importância do sindicato nas negociações (onde as empresas “jogam sujo”), exalta outras dimensões que não a estabilidade, mas da própria segurança do trabalhador. Reflete, também, a forma do trabalhador lutar por sua classe com os “pés no chão”, ou seja, tendo consciência de suas atitudes. Nesse ponto, considero que resvala uma certa ambigüidade na sua fala, pois faz questão de ressaltar a sua independência em relação à política desenvolvida pela diretoria do sindicato e ao final de sua narrativa acaba exaltando-a. Sua fala indica uma certa desconfiança, como se quisesse falar que nem todas as ações do sindicato são norteadas pelas questões colocadas e vivenciadas pela própria classe trabalhadora. Aqui, podemos discutir uma questão diretamente imbricada a estes tempos de reestruturação da produção nas fábricas. Nesse sentido, ocorre uma disputa não apenas, do gerenciamento das indústrias e do modo de produzir as mercadorias, mas também de valores.

A reestruturação produtiva é a consecução das políticas neoliberais na produção. Para que seja eficaz, ocorre não só a introdução de novas tecnologias, a exigência de novos saberes, a formação de um novo perfil de trabalhador (“polivalente e versátil”) e mudanças no modo de gerenciamento das indústrias (dimensões discutidas no segundo capítulo), mas ocorre uma disputa de valores e dos significados destas transformações, engendrados por novas práticas sociais.

Essa disputa de valores é importante nestes tempos de reestruturação da produção, inclusive para sua eficaz legitimação. Valores tais como o individualismo, a competição entre funcionários e o “self-made man”¹²⁵ tentam quebrar a coletividade

¹²⁵ Expressão que quer dizer “homem feito por si mesmo”. O individualismo é um dos valores mais exaltados nestes tempos de reestruturação da produção.

construída e vivenciada pelos trabalhadores. Porém, se como vimos no segundo capítulo, o gerenciamento da fábrica e as transformações no local de trabalho são vivenciadas pelos trabalhadores dentro de um processo de disputas, em relação a questão dos valores e significados não é diferente. O individualismo e a competição são possibilidades abertas e estimuladas nestes tempos de reestruturação da produção, mas, de nenhum modo, são as únicas vias a serem adotadas por trabalhadores. Neste sentido, não se pode vaticinar o fim de ações sindicais mais radicais (como greves e ocupações) e nem o fim dos sindicatos como querem alguns autores. A disputa de valores e significados é engendrada dentro de um campo de forças específico, historicamente referenciado por práticas sociais que vão surgindo e por isso vivido dentro de um processo.

S- Já já teve vários movimentos, nossa teve movimento de não jantar num dia lá que a comida tava com problema, nossa já teve tanta coisa, já teve dos funcionários que foram reintegrados, foi mandado embora por doença ocupacional, já teve problema de assédio moral, já tivemos vários movimentos

M- Assédio Moral o que o chefe xingou, essas coisas?

S- Xingou, esse rapaz inclusive era bom você, ele dá um depoimento lá se você quiser, ele ia enriquecer o projeto seu aí

M- Sei

S- Ele foi chamado de malandro, foi chamado de velho, não servia para trabalhar mais.¹²⁶

Além da exaltação do individualismo, outra concepção disputada durante este processo de reestruturação da produção é a idéia da “incapacidade” de trabalhadores idosos lidarem com as novas tecnologias que vão surgindo e entrando na produção. Esta concepção é norteadada pela valorização dos novos saberes vistos como essenciais (domínio de novas máquinas, execução de mais de uma função ou tarefa...) e da possibilidade de contratação de trabalhadores mais jovens por salários mais baixos, numa lógica onde o capital é valorizado e os sujeitos esquecidos. Tenta-se descartar trabalhadores, principalmente se tiveram ou têm algum envolvimento com atividades sindicais.

No trecho da narrativa citado, Siqueira coloca que o trabalhador por ser idoso foi “xingado” pelo seu chefe de ser velho e por isso não servir mais para o trabalho. Porém, tal trabalhador (cujo nome é Rogério) foi aquele citado no trecho deste capítulo onde discutimos a questão da CIPA. Assim, a saída para enfrentar as perseguições de seu

chefe foi candidatar-se para a CIPA, onde obteve uma expressiva votação ficando em segundo lugar. Sua campanha foi feita em cima desta situação específica vivenciada (repressão e perseguição de chefia), ao passo que foi amplamente recebida pelos trabalhadores. Percebe-se que, apesar, de toda tentativa de massificação de valores nas fábricas (inclusive com a ajuda de importantes veículos de comunicação), os trabalhadores votaram num idoso para a CIPA, pela sua experiência e para garantir-lhe o emprego. Não houve uma simples aceitação dos valores apregoados. Nesta disputa, a solidariedade entre trabalhadores foi vitoriosa.

Essas dimensões – a unidade, solidariedade e luta – de trabalhadores metalúrgicos são importantes na constituição do orgulho de ser metalúrgico, indicado no nome desta dissertação. As lutas analisadas neste capítulo foram engendradas por um tempo de grandes transformações nos modos de vida e trabalho de metalúrgicos em São José dos Campos. Com o processo de industrialização e urbanização da cidade, trabalhadores migrantes vindos de Minas Gerais, da própria cidade de SJC e de outras cidades pequenas da região do Vale do Paraíba tinham grandes expectativas com o setor metalúrgico. Esta expectativa era referenciada no modo de vida destes trabalhadores: piso salarial elevado (em comparação a outros segmentos na cidade), convênio médico das indústrias para o trabalhador e sua família, remédios na farmácia do sindicato, clubes das fábricas, estabilidade, etc...

Porém, este tempo parecia estar mudando e trabalhadores reuniram-se e organizaram-se para disputar essas transformações. Assim grandes lutas como greves, paralisações e passeatas começaram a fazer parte do dia-a-dia da cidade. No interior das fábricas, esta luta também era travada pelo controle do tempo de trabalho, pelo horário do café, da água, do descanso, de conversar em baixo da árvore, pelo respeito da chefia entre outras reivindicações. Assim, trabalhadores metalúrgicos continuam construindo o enredo de suas vidas e fazendo as suas histórias.

¹²⁶ Depoimento de Pedro Siqueira.

Considerações Finais

Esta dissertação analisou como trabalhadores metalúrgicos perceberam, interpretaram e viveram as transformações ocorridas em São José dos Campos (SP) a partir dos processos de crescimento urbano e industrialização na cidade.

Dialogando com as narrativas orais de metalúrgicos, das “brincas” do Dito na sua coluna no Jornal do Sindicato e de jornais da imprensa local – especialmente o Jornal Vale Paraibano – percebemos como foi constituído o enredo dessas transformações, como se engendraram as disputas pela cidade e pelo trabalho.

Como não delimitar fábricas específicas, nem bairros, há, nesse sentido, lacunas e temas a serem abordados posteriormente ou mesmo por outras pessoas interessadas por este período de grandes transformações e mudanças na cidade.

Perceber como essas transformações foram ocorrendo em bairros centrais, com as leis de zoneamento urbano, o fortalecimento do comércio, o encarecimento dos aluguéis e a conseqüente saída de pessoas que tinham nessas regiões seus locais de convivência podem ser temas preciosos para a análise da história de São José dos Campos. Temas de momentos históricos anteriores quando São José dos Campos era uma cidade ligada a atividades rurais, principalmente o café, principal produto do Vale do Paraíba até o início do século XX, as ruas sem asfalto, as carroças; é necessário entender e analisar como os moradores interpretaram essas mudanças. Infelizmente, o tempo e o espaço de uma dissertação dificultaram-me a realização deste trabalho, que tentei apresentar no primeiro capítulo de uma forma mais abrangente, mas balizado às experiências de uma certa categoria de trabalhadores desta cidade: metalúrgicos.

Como dito, São José dos Campos é uma importante cidade fabril do Vale do Paraíba, há vários ramos de indústrias que lá atuam, como a indústria química e petrolífera. Assim, analisar como esses vários ramos, que são compostos por milhares de trabalhadores, através de experiências compartilhadas (apesar de suas

singularidades), constituíram as várias Histórias desta cidade também se coloca como possibilidade de análise.

Assim, esta dissertação apesar de não delimitar fábricas nem bairros, partiu de um recorte específico de categoria: metalúrgicos. O recorte temporal tentou expressar o momento de crescimento urbano e industrialização na cidade. Enfatizam-se, neste sentido as décadas de 70, 80 e 90. Porém, muitas vezes as evidências históricas nos fazem retroceder ou avançar no recorte previamente estabelecido.

O processo de reestruturação da produção emerge na discussão da industrialização na cidade. Este processo alterou significativamente os modos de vida e trabalho de metalúrgicos na cidade de São José dos Campos.

Novos saberes foram valorizados, aumentou-se o controle sobre o tempo e o ritmo de trabalho de metalúrgicos, novas formas de gestão nas fábricas vão sendo testadas e há uma feroz disputa por valores principalmente pelo individualismo. Tenta-se quebrar a espinha dorsal da solidariedade construída por trabalhadores nas décadas de 70 e 80 que foram fundamentais nas grandes lutas travadas não só por metalúrgicos em São José dos Campos, mas por trabalhadores brasileiros no período.

Metalúrgicos protagonizaram grandes lutas na cidade de São José dos Campos. Passeatas, greves e ocupações de fábricas devem ser analisadas enquanto um momento onde os trabalhadores expressam as perdas que viveram nestes tempos de mudanças na cidade (com o processo de urbanização) e no trabalho (com o processo de reestruturação da produção). A análise destes movimentos não deve ser pensada apenas no espaço fabril, dialogando com as narrativas orais de metalúrgicos, vemos a greve ser organizada e nascer não apenas no trabalho, mas no bairro, no local de moradia destes trabalhadores. Assim, vemos as quermesses para angariar fundos para as greves, assembléias nos bairros, a “anotação na caderneta” em mercearias enquanto estratégias de lutas quando começava a faltar comida, gás e as contas começavam a vencer durante as greves mais prolongadas. Vemos a participação ativa de familiares, da comunidade, de trabalhadores de outras fábricas e de padres dos bairros populares.

Durante a década de 70, trabalhadores do comércio (ambulantes, açougueiros, vendedores em lojas, recepcionistas, etc...) sonhavam em conseguir um emprego numa grande metalúrgica (GM, Embraer, Philips...), paralelamente e como fruto do processo de industrialização em São José dos Campos, houve um processo de migração de trabalhadores para a cidade. Principalmente trabalhadores do Sul de Minas Gerais e de

pequenas cidades da região do Vale do Paraíba mudaram-se para São José dos Campos com a esperança de tornarem-se metalúrgicos.

Tornar-se metalúrgico significava ter um dos mais altos pisos salariais da cidade, ter um bom convênio médico (para o trabalhador e sua família), poder freqüentar os clubes das empresas, enfim, ter uma estabilidade que pudesse permitir ao trabalhador projetar o seu futuro, ser socialmente reconhecido na cidade. Muitos trabalhadores que ingressam no setor de metalurgia ainda na década de 70 casam-se rapidamente ao fim do período probatório.

Ser metalúrgico expressava, neste sentido, um modo de vida, uma perspectiva de se perceber e se colocar no mundo. O trabalhador tinha orgulho de ser metalúrgico. Esse orgulho, essa expectativa na profissão projetava-se inclusive enquanto um parâmetro social almejado, ou seja, trabalhadores metalúrgicos queriam que outros trabalhadores pudessem viver da mesma forma, constituindo-se para além da categoria metalúrgica, mas enquanto classe trabalhadora.

O trabalhador que chegava a São José dos Campos lutava pela cidade, constituía seus espaços e construía os seus sonhos. Ao conseguir emprego na área metalúrgica, havia uma grande mudança no seu modo de vida. Muitos foram trabalhadores rurais e quando conseguiam emprego numa fábrica, tinham que se adaptar ao ritmo e disciplina fabris, os sistemas de turnos e, por vezes, ao trabalho noturno.

Porém, ainda nas décadas de 70 e início de 80, trabalhadores conseguiam achar espaços para se expressar. O salário e o crédito na cidade permitiam a compra da casa própria, do carro, do final de semana ou feriados no litoral (especialmente em Caraguatatuba e Ubatuba) e a boa educação dos filhos. É significativa a fala do metalúrgico João Roberto Faria que coloca a existência de cantores, pintores, escritores (como ele próprio que têm dois romances publicados), jogadores e juízes de futebol de várzea na Embraer.

Mas estes tempos onde “bom mesmo é ser metalúrgico” pareciam estar mudando...

O processo de urbanização engendrou uma série de disputas pela cidade. O preço dos aluguéis subiu, a compra da casa própria foi ficando cada vez mais difícil e, com isso, trabalhadores foram indo para a periferia.

Nas fábricas, o processo de reestruturação produtiva vem no sentido de controlar o tempo e o ritmo de trabalho, diminuir salários e alterar profundamente o modo de gestão de pessoal.

Novas demandas vão sendo sentidas por trabalhadores. Nos bairros precisa-se de luz, saneamento básico, segurança... Nas fábricas, luta-se por aumentos salariais, respeito da chefia, direito ao tempo de descanso (após as refeições ou os “cafezinhos”). Essas são as reivindicações básicas de trabalhadores metalúrgicos engendradas no processo de urbanização e reestruturação produtiva na cidade de São José dos Campos.

As formas que se desenvolveram as reivindicações operárias forjaram-se, então, a partir deste momento de “perda” para os trabalhadores. Foram engendradas no dia-a-dia nas fábricas, no próprio “fazer-se” destes operários. É importante reafirmar que os diferentes métodos de se exteriorizar estas reivindicações não são constituídos apenas nas grandes ações como greves e ocupações, mas formam-se quando trabalhadores compartilham experiências e interesses constituindo-se enquanto “classe”.

Com a intensificação do processo de reestruturação da produção, houve alterações nos modos de metalúrgicos expressarem as suas demandas. As ocupações de fábricas passaram a ser um recurso bem menos utilizado e as próprias greves diminuíram. Porém, se é certo que as alterações engendradas pelo processo de reestruturação da produção nas fábricas contribuíram nas mudanças de estratégias de lutas de trabalhadores, não significou que estes tenham deixado de lutar. Novas formas de lutas foram criadas. A reestruturação da produção pode levar ao arrefecimento das lutas, mas não necessariamente.

Analisando as narrativas de metalúrgicos, percebemos que a reestruturação produtiva não é um fenômeno, mas um processo que ainda hoje está em disputa. O metalúrgico Toninho colocou... *“ela (a reestruturação produtiva) foi acontecendo (...), algumas fábricas deram mais certo, outras não deram certo e isso contenta, né? A gente foi conseguindo esse embate aí, fizeram reestruturação, mas dentro dessa dificuldade”*.

O sujeito coloca-se ativo nas disputas pelo ritmo de trabalho, pelo descanso após o almoço, por valores, enfim, na disputa por espaços onde possa expressar-se. O trabalhador nunca foi nem será um mero expectador das transformações do processo produtivo. Ao contrário, coloca-se, expressa-se e disputa opiniões, ritmos, valores, enfim, é sujeito ativo na construção de sua história, de seus modos de vida e trabalho.

Como discutir o “fim da história”, das utopias, dos embates, da luta de classes se trabalhadores continuam lutando. No ano de 2004, uma série de paralisações de metalúrgicos em São José dos Campos conseguiu aumento salarial de 10% (um dos melhores acordos dos últimos anos). Não apenas metalúrgicos, mas bancários (que foi

uma das categorias mais atingidas pela chamada “modernização” – que substituiu o Homem pela máquina) foram protagonistas de grandes lutas (inclusive greves) nos anos de 2004 e 2005. Professores Universitários, também no ano de 2005, organizaram uma greve de mais de 100 dias.

Também ocorre um processo de reorganização das próprias entidades de luta dos trabalhadores. Hoje, trabalhadores de várias categorias – metalúrgicos em São José dos Campos, professores universitários, de ensino médio nos Estados, servidores do judiciário, químicos em várias cidades (inclusive São José dos Campos) votam em Assembléias Gerais pela desfiliação da CUT (Central Única dos Trabalhadores), mostrando que há um questionamento dos trabalhadores e uma distância desta entidade em relação às lutas e às demandas engendradas no dia a dia de trabalho. Há, inclusive, a discussão da formação de uma nova central sindical a partir de trabalhadores que hoje se organizam na CONLUTAS (Coordenação Nacional de Lutas).

Vemos que esses tempos de reestruturação produtiva engendram múltiplos questionamentos e novas formas de posicionamento.

A eleição do governo Lula e a continuidade de uma política econômica que favorece o processo de acumulação do capital em detrimento do trabalhador, o próprio questionamento em relação à CUT, as novas formas de resistência de trabalhadores compõem o enredo deste momento em que vivemos.

Entender como os trabalhadores interpretam este novo tempo em suas múltiplas relações e disputar um projeto de futuro que possa trazer novas esperanças é uma de nossas principais tarefas, mas isso já são outras histórias...

Relação de Fontes

1. Fontes Orais.

Depoentes:

Josias Melo, nascido em Minas Gerais, chegou a São José dos Campos na década de sessenta. Trabalhou como metalúrgico desde esta época passando por várias fábricas como a antiga FI-EL, Eaton e Bundy. Trabalhou 24 anos na General Motors, onde se aposentou. Atualmente é diretor da Associação Democrática dos Metalúrgicos Aposentados. Tem dois filhos, um homem e uma mulher, sendo que o rapaz é metalúrgico. Entrevista realizada da sede da Associação Democrática de Metalúrgicos Aposentados no dia 23 de Julho de 2005.

Cláudio Corrêa é do Nordeste. Veio para São José dos Campos em 1969. Entrou na EMBRAER em 1972 através da escolinha de chapeamento. Foi demitido em 1984 por participar de uma greve, com ocupação de fábrica, que durou dois dias. A partir daí não consegue mais emprego como metalúrgico. Trabalha, então, com funilaria, pintura e em construções, e, à noite, com música, que é o que sempre gostou. Entrevista realizada no salão de assembléia do Sindicato dos Metalúrgicos em 23 de Julho de 2005.

Carlos Alberto é mineiro de Itajubá, onde era marceneiro. Foi para São José dos Campos em 1972, onde trabalhou na General Motors como ajudante de serrador. Foi demitido, voltou para Itajubá, onde frequentou o SENAI estudando mecânica e desenho eletrônico. Após a morte do pai decidiu voltar para São José dos Campos. É empregado na EMBRAER na linha de produção em 1980, casa-se em 1981. É demitido em 1984 por participar da greve mencionada anteriormente. Depois disso, trabalha na Maphei e em pequenas metalúrgicas, as chamadas “bocas-de-porco”. Tem um filho estudando na escolinha da EMBRAER. Entrevista realizada no salão de assembléia do Sindicato dos Metalúrgicos em 23 de Julho de 2005.

Antônio Ladeira trabalhou como vendedor ambulante e garçom até que em 1985 foi trabalhar da General Motors, na linha de produção, como soldador. É casado e “diretor de base”¹²⁷ do sindicato da categoria. Entrevista realizada no dia 29 de Julho em São José dos Campos.

Getúlio Guedes é de Silveira, uma pequena cidade no Vale do Paraíba. Veio em 1970 para São José dos Campos. Trabalhava numa empresa de material composto de fibra de vidro de dia e à noite era atendente na Fundação Vale Paraibana de Ensino Superior (hoje UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba). Depois, vai trabalhar na EMBRAER com pressurização de avião em peças feitas de vidro e carbono. É demitido em 1984. Vai trabalhar na COMPOSIT, onde fica mais de dez anos. É vice-presidente da Associação Brasileira de Anistiados Políticos. Entrevista realizada no dia 27 de julho de 2005 em São José dos campos.

Ivan Trevisan era estudante de história na UNICAMP. Estava no último período quando, através da discussão de uma política de proletarização da Convergência Socialista¹²⁸, decide ir trabalhar como metalúrgico em São Bernardo do Campo em fins da década de 70. Participou das grandes greves do ABC, em 1982 é mandado embora e vai trabalhar na General Motors em São José dos Campos. É demitido em 1985 por participar de uma greve com ocupação de fábrica que durou um mês. Trabalha até hoje na Philips. Sua esposa **Marilena** também foi entrevistada. Marilena é de São José dos Campos (o fato da família de Marilena ser de São José dos Campos é fundamental na decisão de vir para a cidade quando Ivan é demitido no ABC). Atualmente, é advogada. Entrevista realizada em 20 de setembro de 2005 na sede do sindicato dos metalúrgicos em São José dos Campos.

João Roberto Faria trabalhou na zona rural em Minas Gerais até mudar-se para São Lourenço, onde trabalhou como garçom. Veio para São José dos Campos em 1966 e começou a trabalhar na Eriksson. Fez curso no Senai, entrou na Embraer. Paralelamente ao trabalho, cursou o Mobral e depois o supletivo. Já escreveu dois romances e está para publicar seu terceiro livro. É casado. Entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2005 em São José dos Campos.

¹²⁷“Diretor de base” é aquele que não é afastado do serviço para assumir a direção do sindicato. Assim, o trabalhador em questão desenvolve suas atividades normalmente dentro da fábrica.

¹²⁸Tendência Trotskista que militava no movimento operário e estudantil. Fez parte da fundação do Partido dos Trabalhadores, sendo expulsa em 1992. Conforma, em 1994, juntamente a outros grupos o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.

Rui da Silva estudou no SENAI/Itajubá/MG, fazendo o curso de torneiro mecânico. Em 1972, veio para São José dos Campos e foi trabalhar na EMBRAER como chapeador (ficou por 12 anos). Depois de ser demitido em 1984, por participar de uma greve, foi trabalhar na Avibrás (fábrica de armamentos). Tem três filhos e quatro netos, sendo um filho também metalúrgico. No momento da entrevista, estava desempregado e não conseguia a aposentadoria por faltar o período de três anos de carteira assinada. Entrevista realizada no salão de assembléia do Sindicato dos Metalúrgicos em 23 de Julho de 2005.

Nicolau é mineiro de Belo Horizonte, onde trabalhou por oito anos como militar. Deixou o exército por “problemas pessoais” e veio em 1969 para São José dos Campos. Fala, com orgulho, que foi um dos pioneiros da Embraer (onde trabalhou por 22 anos até se aposentar). Tem dois filhos e netos. Um de seus filhos é metalúrgico. Atualmente, mesmo aposentado, trabalha numa “terceira” que presta serviços para a EMBRAER. Entrevista realizada no dia 19 de setembro de 2005 em São José dos Campos durante o Festival dos Metalúrgicos.

Márcio Antônio Castro é de São José dos Campos. Começou a trabalhar aos 14 anos. Trabalhou no comércio, em fábrica de louças e na fábrica de fiação e tecelagem Pharayba. Em metalúrgicas, trabalhou na Eaton, Embraer, Gm e outras. Em 1985, foi demitido da GM por participar de uma greve com ocupação da fábrica. Participa de um grupo que pleiteia anistia política, por perseguição das empresas e do Estado. Entrevista realizada no dia 26 de Julho de 2005 em São José dos campos.

James Ribeiro Salgado trabalhou no comércio e na GM de onde é despedido em 1985 por participar da greve citada anteriormente. Voltou a trabalhar no comércio e a fazer vários “bicos” para se sustentar. Entrevista realizada no dia 26 de Julho de 2005 em São José dos campos.

Paulo César dos Santos é de São José dos Campos. Começou trabalhando no comércio. Em metalurgia, trabalha há quinze anos, sendo dez anos na HITCLEFT (seu atual emprego), três anos na Embraer (de onde é demitido devido à reestruturação ocorrida após a privatização, que demite mais da metade dos trabalhadores) e em outras micro-empresas. É casado e tem dois filhos. Participa da CIPA. Entrevista realizada no dia 19 de setembro de 2005 em São José dos Campos durante o Festival dos Metalúrgicos.

Antônio Donizete Ferreira (Toninho) veio aos 19 anos de Minas Gerais para São José dos Campos e morou na casa de amigos, também mineiros, que tinham vindo

anteriormente para SJC. Vai trabalhar na Gm em 1977 no armazém de peças no período noturno. É demitido por participar da comissão organizadora da greve estadual de metalúrgicos em 1979. Entra na EMBRAER. Participa da composição da chapa de oposição no sindicato. Participa de três gestões da diretoria, sendo duas como presidente. Forma-se em advocacia. Entrevista realizada no dia 17 de setembro de 2005 em São José dos Campos.

Pedro Siqueira nasceu em São José dos Campos. Começou a trabalhar aos quatorze anos na Eaton como “guardinha mirim”. Fez curso no SENAI e trabalha, atualmente na mesma fábrica, mas na função de inspetor de qualidade das autopeças produzidas. Seu pai trabalhou na Eaton como chefe, hoje já está aposentado. Participa da CIPA e do sindicato. Entrevista realizada no dia 17 de setembro de 2005 em São José dos Campos.

2 – Imprensa

- Jornal “Vale – Paraibano”: Setembro de 1974¹²⁹ a Dezembro de 2003.
- Jornal “O Estado de São Paulo”: Setembro de 1978 a Maio 1985.
- Jornal “Gazeta Mercantil Vale do Paraíba”. Junho de 1999 a Julho de 2000.
- Jornal “O Metalúrgico”. Editado pelo Sindicato dos Metalúrgicos. 1982 a 2004.

3 - Outros documentos:

- FARIA, João Roberto de. **Visto de Fora**. PaperCrom.
- **Ação e Razão dos trabalhadores da GM**. Livro publicado pelo Fundo de Greve da Categoria logo após a greve de maio de 1985.

¹²⁹ Série: “Conheça sua Cidade”. Editada durante todo o mês de Setembro.

Anexo:

MAPA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS



LIMA, Luiz Carlos de. **Minha Terra, Nossa Gente** – São José dos Campos, SP: 2003.

Bibliografia:

- ALMEIDA, Paulo Roberto de. **“O Movimento Operário e a Construção da Central Única dos trabalhadores no Brasil: Disputas e Concepções 1977 - 1983”**. Tese de Doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1998.
- ALVES, Giovanni. **Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. Tese de Doutorado. IFCH/Unicamp. Campinas.
- _____ . **O novo e precário mundo do Trabalho**.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 5ª Edição. São Paulo: Editora Boitempo. 2002.
- _____ . **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cortez, 1995.
- _____ . **O novo Sindicalismo**. São Paulo. Brasil urgente. 1991.
- _____ . **A Rebeldia do trabalho: O confronto operário no ABC paulista - as greves de 1978-80**. São Paulo/Campinas. Ensaio/Unicamp. 1988.
- _____ . **Crise e Poder**. Campinas. Cortez editora. 1986.
- BENEVIDES, Maria Vitória. **Democracia e Cidadania**. Polis. Nº 14. São Paulo. USP. 1994.
- CASTORIADIS, Cornélio. **A experiência do Movimento Operário**. São Paulo. Brasiliense, 1985.
- CHAÚÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**. São Paulo. Brasiliense, 1989.
- GALVÃO, Andréa. **Participação e fragmentação: A prática Sindical dos Metalúrgicos do ABC**. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP.
- GIANOTTI, Vito; NETO, Sebastião L. **Aonde vai a CUT?**. São Paulo. Scritta, 1993.
- FENELON, Déa Ribeiro. **“O Historiador e a cultura popular: História de classe ou História do povo?”**. IN: História e Perspectiva. nº 6. Uberlândia. UFU, Jan/Jun/1992.
- FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. Editora Olho D'água. São Paulo. 2004.
- FERNANDES, Florestan. **A Nova República**. Rio de Janeiro. Guanabara. 1986.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- _____ . **Mundos do Trabalho**. São Paulo. Paz e terra. 1988.
- HORTA, Celso. **A Greve da GM**. Scritta Editorial. S/d.
 - IANNI, Octávio. **O ABC da classe operária**. São Paulo. Hucitec. 1980.
 - KURZ, Robert. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro. Paz e terra. 1992.
- _____ . **Os Últimos Combates**. Vozes. Rio de Janeiro.
- MARX, Karl & Engels, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Editora Centauro, São Paulo: s/d.
- _____ . **Sobre o Sindicalismo**. Editora Pontos de Vista. 2ª Edição. Rio de Janeiro. S/d.
- MOISÉS, José Alvaro. **O Ciclo das greves no final dos anos 70**. São Paulo. CEDEC. 1979.
 - PARANHOS, Kátia. **Era uma vez em São Bernardo**. Campinas. SP. Ed. Unicamp.
 - PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos**. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Revista Tempo. Universidade Federal Fluminense. Vol. 1. nº 2. Dez. 1996 - Rio de Janeiro.
 - RAINHA, Luís Flávio. **Os peões do Grande ABC**. Petrópolis. Vozes. 1980.
 - RODRIGUES, Leôncio Martins. **CUT: os militantes e a Ideologia**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1990.
 - RODRIGUES, Iran Jácome. **Comissão de Fábrica e Trabalhadores na Indústria**. São Paulo. Cortez-Fase. 1990.
 - _____ . **Trabalhadores, Sindicalismo e Democracia: A Trajetória da CUT**. Tese de Doutorado. SP. USP - SP. 1993. mimeo.
 - SADER, Eder. **Quando os novos personagens entram em cena: experiência e luta dos trabalhadores da Grande São Paulo - 1970-1980**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.
 - SALES, Telma Bessa. **Experiências de João ferrador em tempos de reestruturação produtiva: VW Anchieta - SBC**. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. 2000.
 - THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. 3 Volumes.
- _____ . **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1981.

- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1979.